

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA /UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS /CFH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL/ PPGAS

Mônica Soares Siqueira

Sou senhora

Um estudo antropológico sobre travestis na velhice

Ilha de Santa Catarina, março de 2004

Mônica Soares Siqueira

Sou senhora

Um estudo antropológico sobre travestis na velhice

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia Social

Orientadora: Profa. Dra. Carmen S. Rial

Ilha de Santa Catarina, março de 2004

Agradecimentos

Chegar ao final dessa dissertação só foi possível devido ao apoio, o carinho e a amizade de algumas pessoas muito especiais. Algumas delas já fazem parte da minha vida, outras vieram ao sabor da lua nova. São para essas pessoas que dedico os meus mais sinceros agradecimentos

A meus queridos e amados pais pelo incansável apoio, pois apesar da distância se fizeram sempre presentes.

Um agradecimento especialíssimo a Helô, Laura, Raquel, Gilda, e Zezé e a todas as outras *meninas*, pela paciência, confiança e carinho que dedicaram a mim. Pela oportunidade de conhecê-las e por terem me proporcionado momentos inesquecíveis. As *senhoras* e *senhoritas* desse trabalho o meu mais sincero e emocionado agradecimento.

A Capes e ao CNPq por terem financiado 18 meses do mestrado, viabilizando a feitura desse trabalho.

Um sincero e carinhoso agradecimento a minha orientadora Profa.Dra.Carmen Rial, pela paciência e atenção que sempre me dedicou e, principalmente, pelas críticas e sugestões ao trabalho, sempre tão enriquecedoras e estimulantes.

Aos meus queridos amigos da turma de mestrado, companheiros nas horas de angústias, mas também das inúmeras horas de muita alegria. Em especial ao Allan, *o mais adorável dos chatos*, à Maria Eugênia, sempre tão linda e carinhosa, à Juliana pela sua dedicada amizade, ao Marcelo, que com certeza será inesquecível e à Silvia uma grande amiga sempre muito presente e afetuosa. Enfim por terem sido minha família nesses últimos dois anos.

Aos professores e funcionários do PPGAS, com quem pude conviver durante esses últimos anos, em especial à Carla e à Fátima pela atenção e disposição em nos auxiliar.

A Charla, por ter me aberto as portas de sua casa e pelo auxílio inestimável durante o trabalho de campo desde seus primeiros passos. Principalmente pelo carinho como sempre me atendeu.

Aos meus amados e tão saudosos amigos do Rio de Janeiro, sempre tão prestativos e carinhosos comigo.

Ao André da Lança Marcon. Mais que um amigo, um irmão sempre fiel e disposto a ouvir minhas lamúrias e a emprestar a máquina de lavar roupas.

Ao meu querido e amado amigo Flávio, por tudo que aqui não cabe dizer

Ao Matías, que fez de um encontro o encantamento.

Enfim, a todos aqueles que tornaram possível terminar essa “obra” de fôlego e que se pretende acima de tudo ser aberta.

Dedicatória

*Aos meus pais, por tudo e principalmente por
acreditarem em mim.*

Resumo

Esta dissertação apresenta um estudo antropológico sobre travestis na velhice. O foco central da pesquisa foi o de descortinar, tendo como referência suas histórias de vida, os significados e implicações do processo de envelhecimento para esses sujeitos. A hipótese que permeou meu projeto de pesquisa foi de que esses sujeitos são vítimas de um duplo processo de marginalização, por serem travestis e velhos. A pesquisa etnográfica foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, sendo seu universo principal composto por cinco travestis entre 59 e 79 anos de idade. Concluímos que, ao mesmo tempo que procuram construir uma representação até certo ponto positiva da velhice, quando buscam salientar que vivem uma fase mais tranqüila, com melhor qualidade de vida, ou que estão na melhor fase de suas vidas, chamam atenção para as dificuldades em atingir uma idade avançada. Envelhecer significa atingir um *status* superior perante o grupo mais amplo de travestis e, num sentido mais abrangente, perante a sociedade como um todo, revelado pelo fato de serem permanentemente confundidas com *senhoras* em suas relações cotidianas. Elas querem envelhecer, mas com muito *glamour* meu bem!

Palavras chaves: *travestis, velhice, gênero, identidade, projeto e estigma.*

Abstract

This dissertation has as its main purpose to present an anthropological study on transvestites in the old age. The research's central focus was to understand, with reference to life histories, the meanings and implications of getting old process for the cited individuals. The main hypothesis that followed my research project was related to the fact that these individuals were victims of a marginalization's double process: for

the fact of being transvestites and also olds. The ethnographic research was developed in the Rio de Janeiro's city having in its main universe five transvestites aged between 59 and 79 years old. The conclusion was that at the same time these individuals intend to build a positive representation of the old age – when try to stress the tranquility of their age, a better life's quality or even that they are in the best phase of their lives – they call attention to the difficulties of their life's process. Getting old means to achieve a superior *status* before the wide transvestites's group or in other sense, before all society, revealed by the fact of being permanently confused with ladies in their *day by day* relations. They want to get old but with very *glamour, my darling!*

Keys words: *travestis, old age, gender, identity, projetc, stigma.*

Sumário

Introdução.....	01
1. Travestis como tema.....	04
2. Incurões ao campo.....	08
Capítulo Um: Percursos metodológicos: escolhendo as ferramentas	22
1. Algumas reflexões sobre o uso da imagem	22
1.2 Suas fotos... suas histórias	24
1.3 O uso do vídeo – relato de uma experiência	30
Capítulo dois: Quem são elas?.....	37
1. Helô.....	37
2. Raquel	41
3. Laura	45
4. Gilda.....	49
5. Zezé.....	51
Capítulo três : Transvetitismo um longo percurso	55
1. Primeiros encontros com “os travestidos”.....	55
2. Muito antes do Baile dos Enxutos.....	58
Capítulo quatro : Vivendo com <i>estorrobion</i>.....	72

1.	Cada um envelhece de uma forma: relações entre gênero e envelhecimento.....	77
2.	Falando sobre velhice.....	84
3.	Passando-se por senhora : sobre identidade e projeto.....	94
3.1	Retocando o Batom.....	101
3.2	De namoro com o sossego?.....	105
3.3	Sexualidade entre senhoras.....	107
3.4	Como uma irmã mais velha.....	115
4	A gente doma o lugar.....	120
	Considerações finais	130
	Referências Bibliográficas	135
	Referências Fílmicas.....	147

Introdução

“Viena está velha. Seus dentes espacejam na boca, de risos sintomaticamente escassos. Sua idade inviabiliza qualquer pretensão de fazer ponto ali (...) Ninguém pára. Mas semana após semana, por uma ou duas horas, ela repete a cena, agarrando-se ao seu passado, ar de orgulho; cabeça levantada, inútil(...) Séria, digna. Ninguém a aborda”. (Silva, Hélio, 1993)

Lembro-me de certa vez, assim que fixei residência em Florianópolis, logo após ter sido aprovada na seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS da UFSC em 2002, de uma tarde em que fui almoçar com um amigo de infância, morador da cidade há muitos anos. Após alguns minutos de conversa, ao mencionar o tema de minha pesquisa, ele – me olhando visivelmente chocado – lançou-me as seguintes perguntas: *Mas Mônica, travestis conseguem envelhecer? Não morre todo mundo de AIDS ou assassinato?* Este trabalho é uma tentativa de mostrar que sim, as travestis envelhecem, que elas se tornam velhas e, mais do que isso: é uma tentativa de mostrar como algumas delas estão envelhecendo, como esses sujeitos vivem e concebem a experiência de envelhecer.

Não foi somente o meu incrédulo amigo. Muitas foram às pessoas que me interpelaram sobre o tema e, principalmente, sobre a razão da escolha. Porque estudar travestis na velhice? De onde, enfim, havia surgido essa idéia, para alguns, “mirabolante”? Eu costumo dizer em tom de brincadeira que o “responsável” foi o Professor Hélio Silva e sua etnografia sobre travestis da Lapa, que resultou no livro “*Travesti – a invenção do feminino*”. Foi após ter lido o livro e ter ficado impressionada com a passagem citada acima, com este “testemunho de vida” e com o comportamento dessa travesti de mais idade, que resolvi transformar esse interesse antropológico num estudo mais aprofundado sobre travestis que ingressam na velhice. O foco central da pesquisa, portanto, será o de descortinar, com base em suas histórias de vida, os significados e implicações do processo de envelhecimento para esses sujeitos.

Considerando a complexidade do universo dessa categoria social, a meta inicial era estudar *travestis* que, entre as décadas de 70 e 90 do século vinte, tinham como um dos seus principais campos de atuação o mundo dos shows de transformismos¹. No entanto, devido a algumas dificuldades em encontrar esses sujeitos, optei por trabalhar com travestis que tanto transitaram e ainda transitam pelo mundo do show e do *trottoir*, como também com aquelas que atuaram em diferentes campos do mercado de trabalho. O universo da pesquisa foi composto principalmente por cinco travestis, variando entre 59 anos e 79 anos, e a rede de entrevistados foi sendo formada a partir do desenrolar do campo e por elas próprias, através de suas indicações. Apenas como esclarecimento: das minhas cinco informantes principais, durante algum tempo quatro delas – sendo que uma ainda exerce essa atividade mesmo que esporadicamente - trabalharam no ramo da prostituição, visando, segundo as mesmas, melhores condições de sobrevivência. Tal atividade, contudo, foi exercida concomitantemente a outras atividades, como já salientei acima, e conforme já constatado por Silva (1993) e Oliveira (1997) em seus estudos.

Como diz Brito da Motta, definir a velhice não é das tarefas mais fáceis – inclusive como delimitação referida ao biológico – devido a sua inseparabilidade do social (Brito da Motta, 1997). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, os indivíduos com idade superior a 60 anos são classificados como “idosos” e pertencem à chamada Terceira Idade². Por outro lado, tendo em mente uma observação de Silva (1993) sobre as travestis que se consideram velhas por terem passado dos 30 anos³, optei como estratégia de trabalho, e também por acreditar que assim poderia atingir alguns dos objetivos dessa pesquisa, que seria muito mais frutífero que elas próprias apontassem os interlocutores. Assim, as “geriátricas” e as “antigas” iam surgindo⁴.

¹ Nesses shows, de uma forma geral, as travestis dublam cantoras famosas, tanto nacionais quanto internacionais.

² Segundo Debert (1994), esse termo parece ser originário da França, país em que os primeiros gerontólogos brasileiros foram formados. A *Terceira Idade* tornou-se sinônimo de envelhecimento ativo e independente, sendo vista como uma nova etapa da vida, marcada pela prática de novas atividades, pensadas sob o signo do dinamismo (Peixoto, 2000: 57).

³ Apesar de Silva (1993) estar se referindo basicamente às travestis que praticavam o *trottoir* na Lapa, penso que é conveniente, para refletirmos sobre a partir de que momento elas sentem que estão envelhecendo, considerar essa observação e buscar uma comparação com as que não têm na prostituição sua principal fonte de renda, como é o caso da maioria das minhas informantes.

⁴ Esses termos classificatórios surgiram para mim através da Charla, uma travesti de 43 anos que foi a primeira travesti com quem travei contato. Ao apresentar-lhe o tema da pesquisa, ela foi me falando das

O trabalho de campo foi realizado na cidade do Rio de Janeiro entre os bairros que são próximos do Centro (Lapa, Cinelândia e Glória), além de Copacabana e Ipanema, bairros da Zona Sul. A escolha desses bairros deveu-se a um conjunto de fatores: o fato de serem locais representativos do universo travesti (Silva, 1993, Parker, 2002), o fato de serem locais onde se desenvolve o *trottoir*, o fato de serem locais de shows de transformismos (as primeiras casas e boates que ofereciam shows de transformismo têm nesses bairros seus locais de origem) e, finalmente, o fato de serem utilizados como local de moradia, trabalho e lazer pelos sujeitos da pesquisa. A metodologia empregada nesse trabalho se caracteriza por combinar os métodos tradicionais da prática antropológica com os instrumentos próprios da antropologia visual⁵.

Uma das minhas inquietações com o tema da pesquisa sempre esteve relacionado à utilização do artigo definido – feminino ou masculino – que iria anteceder o termo travesti. Em alguns trabalhos vem sendo utilizado o artigo “o” como, por exemplo, no trabalho de Silva (1993). Contudo, foi a partir de uma conversa telefônica com uma travesti que o meu “incômodo” foi resolvido. Durante os primeiros momentos de nossa conversa, após ressaltar os preconceitos e dificuldades de aceitação pelos quais passam as travestis perante a sociedade, esta me diz que (ênfase aqui que sua fala sobre o assunto não foi induzida por mim diretamente, sendo, até certo ponto, “espontânea”) se ela não se incomodasse que fosse colocado o artigo masculino antes do nome travesti, *não seria uma travesti e sim um homem*. Portanto, ela queria ser chamada de *a travesti Lú*. Penso ser importante enfatizar ainda que, ao participar – durante o pré-campo, em setembro de 2002 – de algumas reuniões organizadas por travestis, pude observar, entre elas, a utilização do artigo definido feminino de forma absoluta. Dessa forma, nesta dissertação, farei uso do artigo feminino “a” anteceder o termo travesti. Cabe ressaltar ainda que, a maior parte dos nomes femininos mencionados nesse texto não são os normalmente usados pelas travestis com quem mantive contato, pois em alguns casos não obtive pessoalmente autorização para fazer uso dos seus nomes femininos e, em outros, devido à perda de contato com algumas delas,

travestis que ela conhecia e que já estavam velhas, se referindo a elas como *geriátricas e travestis das antigas*.

⁵ As questões relativas à metodologia empregada nesse trabalho serão tratadas de forma mais apurada no primeiro capítulo da dissertação.

principalmente as mais jovens, achei que seria mais conveniente utilizar nomes inventados por mim, no intuito de preservá-las.

1. Travestis como tema

Ao fazer o levantamento bibliográfico no que concerne à produção antropológica visando a elaboração do projeto de pesquisa, me deparei com muitas dificuldades para encontrar trabalhos que tratassem da problemática do envelhecimento no universo travesti. E, de fato, não tomei conhecimento de nenhum trabalho que abordasse esse tema de forma mais significativa. Em relação à temática travesti, os estudos giram em torno de suas práticas, transformações corporais, questões pertinentes ao processo de construção de uma identidade travesti, além das redes de relações sociais, tendo como pano de fundo o universo da prostituição. A questão do envelhecimento está, praticamente, ausente desses trabalhos, aparecendo, às vezes, nas falas das travestis ou desencadeada por algum acontecimento. De qualquer forma, o tema não é privilegiado.

Silva em *Travesti – A Invenção do Feminino* fez uma etnografia sobre travestis que se prostituem na Lapa, um dos bairros mais tradicionais do Rio de Janeiro. Sua proposta principal foi, com essa pesquisa, de demonstrar o caráter ambíguo do travesti, de sua posição social, das posições que impõe aos seus interlocutores e outros atores com os quais interage, os sentimentos que suscita e as idéias que se produzem sobre ele (Silva, 1993: 157). Acima de tudo, o autor procurou, em todo o trabalho, dar ênfase à *dimensão humana dos travestis* que, segundo ele, vai sendo revelada à medida que compartilhamos do cotidiano dessas pessoas. “*Tento trazer a essas páginas seres humanos...*”, acentuando a necessidade de não se perder pelo exótico ao lidar com esse universo. Silva destacou ainda o aumento da visibilidade do travesti que, para o autor, está associado a determinadas mudanças ocorridas no seio da sociedade, mudanças que permitiram que o fenômeno do transvestitismo se desenvolvesse e ganhasse características diferentes de sua história original, tão marcada pela intolerância e violência. Não que a aceitação seja plena e ausente de múltiplas tensões, mas pode-se vislumbrar, segundo ele, uma parte da população que não

vê mais a travesti como uma “personificação do mal”. *“Uma malha social o acolhe, uma aceitação pública se esboça, sem que os antigos preconceitos e as disposições hostis tenham-se dissipado completamente”* (Silva, 1993:161). O referido autor apontou para o desenvolvimento de uma rede de relações da qual a travesti é sujeito e objeto ao mesmo tempo. Uma de suas hipóteses foi de compreender o travesti de hoje, que se prostitui na Lapa, como uma transformação do malandro, relacionando o fenômeno do transvestitismo, entre outras coisas, com a mudança do vestuário que se deu na sociedade a partir da metade do século XX, mudança que permitiu, por exemplo, que os homens pudessem exibir cabelos compridos.

O autor organizou o livro em etapas do dia: manhã, tarde e noite. Iniciou a etnografia pelo turno da tarde onde nos desvendou o universo das travestis, seus sentimentos, suas redes de relações, a construção do corpo, seus sonhos e desejos. No turno da noite nos foi apresentado o *começo da jornada*, ou seja, o mundo da prostituição, seus conflitos, as frustrações, as relações com os clientes, às estratégias de abordagens e alguns aspectos do universo dos shows. E, finalmente, o turno da manhã: momento das reflexões acerca da condição social da travesti. Silva assinalou-o em diferentes momentos históricos, buscando mostrar o desenvolvimento do fenômeno do transvestitismo, a socialização da travesti, considerada como um processo tenso e contraditório, a banalização da travesti nas ruas e na mídia em geral, seus projetos existenciais, a produção do feminino. Silva procurou, sobretudo, fugir das “teorias psicologizantes” que colocam a travesti no território da patologia, o *“patológico agora é a sociedade que não o aceita”*.

Silva destacou também que o principal trabalho da travesti é a correção da sua natureza: *“É característico do travesti a latente busca pela identidade feminina e sua coexistência entre essa identidade construída e sua natureza”* (Silva, 1993). O processo de fabricação do corpo, da identidade feminina, nesse sentido, é um projeto sempre em definição. Silva definiu a travesti pela sua transcondição, *“pelo seu sistema específico de auto-representação e as posições que impõe aos seus interlocutores, os percursos que reivindica para si, que constitui uma comunidade que vai sedimentando uma visão do social, uma reflexão de como se situar nele* (Silva, 1993: 143) Destacou ainda a complexidade e heterogeneidade desse universo, que é composto por travestis, transformistas, transexuais e artistas; um universo de seres que têm como característica

principal a ambigüidade, o que, para Silva, num país com as características do Brasil, aparece como garantia de sobrevivência. Assim, é como nos diz o autor: o travesti só pode se reproduzir em um solo onde se derrame o adubo de um desejo qualquer (Silva,1993:145).

Sob a orientação do Prof. Hélio Silva, enquanto docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC, foram elaboradas duas dissertações sobre a temática travesti. Marcelo Oliveira (1997) fez uma etnografia sobre travestis na cidade de Florianópolis e teve como foco central o processo de construção de identidade da travesti e os percursos sociais necessários para essa construção. O autor trabalhou com as várias instâncias de socialização da travesti: a rua e as redes de relações sociais, que se estendem desde as relações de trabalho, como no caso da prostituição, até familiares, namorados e a escola. Sobressaiu na análise a inserção de uma travesti numa escola estadual de Florianópolis e suas relações aparentemente amigáveis com a professora, diretora e colegas da escola. O autor concluiu que a inserção da travesti em Florianópolis se dá de forma sutil, sem grandes alardes. No entanto, apesar de apontar para um processo de socialização da travesti na cidade, destacou, a partir de alguns depoimentos, as dificuldades que elas enfrentam ao tentar entrar no mercado de trabalho fugindo da prostituição. Florentino (1998), por sua vez, teve como objeto de análise o transvestitismo circunscrito à cidade de Porto Alegre (RS), entendido pela autora como um fato social, cultural e histórico. A autora enfatizou as relações entre as travestis, procurando apreender como se dava à interação entre elas, bem como as formas de construção de subjetividade. Procurou ressaltar também as relações das travestis com seus companheiros, no intuito de atingir as suas representações acerca da afetividade, sexualidade e conjugabilidade. Florentino revelou, entre outras coisas, a aventura do “*devir mulher*” característica da travesti, e observou que as travestis criavam suas próprias regras e códigos de linguagem. Apropriando-se dos termos de Silva, buscou evidenciar indícios de uma aceitação social, ressaltando o processo de fabricação do corpo e da produção da mulher. A autora salientou ainda a participação de movimentos e grupos que trabalham em prol das minorias – como o Gapa (RS) – se organizando na luta pelos seus direitos enquanto cidadãos.

Kulick (1998) em “*Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*”, fez uma etnografia sobre um grupo de travestis – que se

prostituíam – de Salvador. O autor, em linhas gerais, retratou o contexto de vida das travestis que vivem em uma área de baixa renda no Pelourinho. Kulick procurou mostrar no decorrer do livro o processo de “tornar-se travesti” – desde a infância até a adolescência, quando começavam a se prostituir – as transformações corporais, o uso de silicone e hormônios. Descreveu também suas relações amorosas, alguns aspectos de suas relações sociais com outros travestis, com seus vizinhos e, além disso, suas relações familiares. Kulick apontou para um processo de construção coletiva de uma realidade entre os travestis, ressaltando a existência de uma “cultura travesti”, que tem como características, entre outras coisas, ser individualista e pouco voltada para construção de laços sociais. Ao procurar desvendar as lógicas que estão por trás desse universo, o autor se baseou na própria lógica do “sistema de gênero brasileiro⁶” que, segundo ele, se define através das posições adotadas na prática sexual, ou seja, limitada a uma classificação do tipo: homens – os que penetram (ativos) – e não homens – os que são penetrados (passivos). Assim, foi por meio da própria lógica do tal “sistema de gênero brasileiro”, caracterizado por um ponto de vista não “essencialista” e dinâmico do corpo e da pessoa, que o autor procurou dar conta do transvestitismo em Salvador e na sociedade brasileira como um todo.

Jayne (2001b), em sua tese de doutorado, fez uma etnografia entre travestis, transformistas, transexuais e drag-queens em Belo Horizonte e Lisboa, focalizando sua atenção para a *ação da montagem* entre esses personagens e acreditando ser possível, a partir dela, identificar semelhanças e diferenças entre os chamados *transgender*. Portanto, foi através da montagem que a autora refletiu sobre a produção e reprodução de femininos performáticos, salientando sempre a transitoriedade desses sujeitos. Jayne enfatizou que, através da montagem, os transgêneros reconstróem gêneros. Nesse sentido, segundo a autora, a categoria *gênero* não possui uma estrutura binária e essencialista: antes, refere-se a multiplicidades e está vinculada a outras relações sociais. Portanto, é por intermédio da montagem que os transgêneros não somente produzem e reproduzem femininos

⁶Os termos classificatórios *ativo* e *passivo*, concernente aos papéis sexuais, são fundamentais para se compreender a construção da homossexualidade no Brasil. Nesse sentido, ver Fry (1982 e 1985). Vale ressaltar ainda que essa dicotomia ativo/passivo serve para pensar não somente a homossexualidade no Brasil, mas o modelo de vida sexual brasileiro como um todo. Conforme Parker (2002), a masculinidade percebida como atividade e a feminilidade como passividade são o cerne da organização de nossa realidade sexual e vão exprimir as relações de poder que tradicionalmente circunscrevem e organizam o sistema de gênero no Brasil (Parker, 2002: 55).

performáticos, mas revelam a complexidade da relação entre sexo e gênero, ora tratando-os como uma e a mesma categoria, ora explicitando sua diferença e, talvez o mais importante: colocando ambas as categorias como inacabadas. A idéia que permeou o seu estudo para pensar a questão da montagem é a de *incorporação*, pois é na montagem que esses sujeitos constroem corpo e pessoa. O corpo aqui é entendido como uma marca, como algo que confere alteridade a esses sujeitos, indicando que o corpo, e então o sujeito, é transformável e performático. Enfim, o que ela procurou salientar, através da experiência dos transgêneros, foi que corpo, pessoa, sujeito e identidades não são um destino ou uma essência, *mas uma escolha processual e inacabada* (idem, 2001).

Não se trata aqui de fazer um exaustivo levantamento da literatura no que concerne aos trabalhos que versam sobre travestis, mas apenas trazer à tona alguns dos principais estudos sobre o tema e, através destes, demonstrar como o assunto vem sendo tratado no âmbito da pesquisa antropológica.

2. Incursões ao campo

A tarefa de pesquisar travestis de mais idade representou para mim, acima de tudo, um duplo desafio, ao mesmo tempo empírico – pois apesar de sermos partícipes do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, nunca havia sequer conversado com uma travesti – e teórico, pois, como já foi dito anteriormente, de acordo com o levantamento bibliográfico que fiz para essa dissertação, não tomei conhecimento de outros trabalhos que versassem sobre o tema de minha pesquisa.

A minha aproximação com os sujeitos da pesquisa deu-se em dois momentos. Primeiro no período correspondente à elaboração do projeto de pesquisa, durante o mês de setembro de 2002, entre os dias 14 e 23. Essa primeira ida a campo tinha como objetivo localizá-los e estabelecer os primeiros contatos. Como não conhecia nenhuma travesti, pensei que seria interessante localizar um possível mediador e tive a idéia, então, de fazer contato com a Astral – uma associação de travestis bem conhecida no Rio de Janeiro. Após

obter o endereço por intermédio de uma amiga, e ir até o local, constatei que a sede da Astral já não era mais no mesmo endereço – posteriormente, fiquei sabendo por intermédio das minhas informantes que a associação tinha mudado de nome e não estava mais auxiliando travestis. Foi então que decidi entrar em contato com o grupo Arco-Íris . E foi após uma conversa telefônica com o coordenador do grupo que tomei conhecimento da existência do *Pela Vida*, uma ONG localizada no centro da cidade, que promovia um evento semanal dirigido especialmente a travestis e coordenado por uma delas. Após conseguir contato com o *Pela Vida*, obtive, através de uma funcionária, a informação que só poderia participar do evento intitulado *chá das travestis* mediante autorização da coordenadora do chá. No mesmo dia consegui enfim falar com a coordenadora através de uma conversa telefônica, Charla. Logo de imediato me identifiquei como estudante do curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e que estava em fase de elaboração de uma tese de mestrado cujo tema seria travestis na velhice. Charla mostrou-se muito interessada e aceitou me receber no evento, me explicando que este é sempre realizado às quartas-feiras, das três até as seis horas da tarde. Ainda por telefone, ela me contou que o chá reunia um número expressivo (não soube precisar a quantidade) de travestis das mais variadas idades e que representava uma oportunidade para que elas conversassem e debatessem assuntos relacionados ao seu cotidiano, problemas com a família, com o trabalho, com os vizinhos, e entre elas mesmas, além de questões voltadas à prevenção da AIDS. No decorrer da conversa pude tomar conhecimento que a Charla era presidente de uma ONG de formação bem recente, chamada Charlat's, cuja sede era em sua própria casa. As reuniões da associação aconteciam sempre aos domingos à tarde, contando com a presença, segundo Charla, de muitas travestis. A sede da associação servia também como uma espécie de pousada para as travestis que não tinham onde morar ou que estavam doentes e não tinham quem cuidasse delas. No final da conversa, Charla me passou o endereço correto de onde ocorreria o chá e me explicou que em algum momento da reunião me cederia a palavra, para que eu pudesse esclarecer o motivo de minha presença ali.

Cheguei ao chá com meia hora de antecedência na tentativa de falar com Charla antes que começasse a reunião. Quando entrei na sala fui atendida por uma mulher de meia-idade, sentada atrás de uma mesa de escritório; disse meu nome e expliquei que iria para o

chá promovido pela Charla. Perguntei se ela já estava lá e, após uma resposta negativa, a funcionária me pediu que esperasse em uma outra sala, apontando o dedo indicador para o seu lado esquerdo. Ao entrar nesse local, pude observar a presença de um número aproximado de vinte pessoas: algumas mulheres de meia-idade, mas, na maioria, homens. Pude verificar também que, ao lado, tinha uma outra sala que estava com a porta fechada. Após uns 20 minutos, chegaram três travestis. Como não conhecia a Charla, fiquei prestando atenção para ouvir alguma delas mencionar seu nome. Durante alguns minutos elas entraram e saíram dessa outra sala, até que ouvi uma delas mencionar o nome da Charla. Assim que ela saiu da sala, fui em sua direção e me apresentei. Após nos cumprimentarmos, ela me pediu para aguardar nessa outra sala junto com mais duas travestis que estavam sentadas ao redor de uma mesa de madeira bem grande. Ao entrar, me apresentei e comecei a conversar sobre a minha pesquisa com Suzete (uma travesti negra aparentando mais de quarenta anos) e Diná, outra travesti também de cor negra, mas bem jovem. Enquanto o chá não começava, fiquei conversando mais especificamente com Suzete sobre meu trabalho e esta, prontamente, começou a me passar vários telefones de travestis que ela considerava velhas, pois já haviam passado dos 60 anos. Suzete me passou inclusive o telefone da Rogéria⁷, enquanto procurava os telefones em uma pequena agenda, me falou a respeito de algumas boates em Copacabana e na Lapa. Em relação à Copacabana, citou nomes como a boate Encontro's, um local onde ainda se realizam shows de transformismos; já com relação à Lapa, fez referência à Turma Okey (o nome me foi soletrado por ela) e explicou que esta foi a primeira boate para o público gay surgida na Lapa, acentuando que não podia deixar de ir até lá, pois o local está cheio de fotografias de travestis “das antigas” – inclusive com fotografias dela quando fazia muitos shows⁸. Ao colocar-me a par de um show beneficente realizado por travestis em prol das travestis

⁷ Rogéria conhecida também como Astolfo (seu nome de batismo) é uma das travestis mais conhecidas no ramo artístico brasileiro e até mesmo no exterior. Rogéria é presença garantida nos palcos nacionais desde da áurea época dos teatros de revistas. Participou de inúmeros shows e peças de teatros, além de ter participado e ainda participar de várias novelas e produções cinematográficas brasileiras. Inclusive sua última aparição nas telas foi no filme Copacabana (2000) de Carla Camurati onde atuava como ela mesma. A sua participação nesse filme será melhor tratada no último capítulo desta dissertação

⁸ Vale ressaltar aqui que estive por três vezes na Turma Ok. Pude conversar com o dono do local e tomar conhecimento que a Turma Ok é, na verdade, uma espécie de “clube (bem fechado por sinal) para sócios gays”, e que poucas travestis freqüentam o lugar. A presença das travestis fica mais circunscrita às noites que ocorrem shows que contam com algumas travestis transformistas (como a Zezé, por exemplo) em seus elencos. Realmente existe um vasto acervo iconográfico no local, mas é especificamente formado por fotos de atores transformistas e não por travestis.

soropositivos que acontecia nos fins de semana, resolveu me fornecer o número do telefone da travesti que coordena o evento e me aconselhou a entrar em contato com a mesma⁹. Enquanto conversávamos, iam chegando mais travestis que, à medida que se cumprimentavam, me olhavam – a expressão dos seus rostos era um misto de surpresa e desconfiança – e iam sentando ao redor da mesa. Charla, então, resolveu começar a reunião e me apresentou, fornecendo meu nome, de onde vinha e que era estudante de mestrado em Antropologia; após as devidas apresentações, passou para a pauta seguinte, que teve um “teor de desabafo”, pois ela recebeu um fax (cujo conteúdo não tive acesso) de uma pessoa criticando algumas de suas atitudes em relação ao seu trabalho no *Grupo Pela Vida*

Algumas travestis emitiram opiniões a respeito do tema do fax o que fez com que a reunião ficasse um pouco tumultuada, pois todas falavam ao mesmo tempo. Num determinado momento, entrou na sala um rapaz falando a respeito de uma travesti que estava bem doente e encontrava-se naquele momento hospitalizada. O rapaz tinha ido até o chá com o intuito de combinar com a Charla o destino dessa pessoa. A reunião foi então interrompida enquanto Charla acertou com ele os procedimentos para que a travesti hospitalizada fosse levada para sua casa. Quando o rapaz vai embora, Charla volta-se para mim e começa a me explicar que essa travesti é soro positivo e que ao passar mal não tinha onde ficar, me informa que foi ela quem conseguiu a internação e agora após sua alta iria para sua casa. Continua, dizendo das dificuldades em amparar as travestis que ficam doentes ou que não tem onde morar, pois os gastos são muito grandes e a pouca ajuda que recebe de algumas travestis não é suficiente. Geralmente, quando esse auxílio não vem das próprias travestis que residem no Charlat's, na forma de pequenas quantias cujos valores variam entre 10, 20 reais, dinheiro esse advindo da prostituição e por isso mesmo muito inconstante, ela vem de algumas (bem poucas) travestis que freqüentam as reuniões da ONG¹⁰. Charla ressalta que, diferente de sua da época em que trabalhava na rua, hoje, as meninas ganham muito pouco com os programas e na maioria das vezes o pouco dinheiro que ganham, gastam com bebidas e drogas. Enquanto ela conversa comigo, algumas travestis também expõem suas opiniões, que giram em torno dos perigos da rua, de se ficar

⁹ Ao falar com a Luana soube que o show normalmente acontecia no último sábado de cada mês. Durante o trabalho de campo esse tipo de show não foi realizado.

¹⁰ Durante o período que freqüentei as reuniões da ONG apenas pude presenciar esse tipo de auxílio em dinheiro por intermédio de uma travesti por volta dos 20 anos e que se prostituía.

alcoolizada, das drogas; começam a falar de casos de travestis que quando estão drogadas, sofrem violências pois ficam mais vulneráveis, e que às vezes, acabam surgindo brigas entre elas e também arranjando confusões e sendo confundidas constantemente com marginais .

Charla me explica que, uma das funções do Charlat's é de orientar as travestis que se prostituem em relação ao perigo das drogas e do álcool, mas ressalta a dificuldade de “retirá-las do vício”¹¹. Ela retoma a reunião falando da festa comemorativa do primeiro aniversário do chá, comenta o sucesso da festa e mostra as fotos que foram tiradas por uma moça estudante do curso de Moda da faculdade Estácio de Sá, que fez um trabalho sobre elas para uma disciplina de Antropologia. A partir desse momento, a reunião ficou bem tumultuada, pois todas queriam ver e falar sobre as fotos, comentar as roupas, a maquiagem, os acessórios e o resto da reunião discorreu em torno do evento, de como foi idealizado, preparado, quem ajudou quem não ajudou, as pessoas que foram, quem levou a família e de como seria a próxima festa, etc. Durante o “furor” causado pelas fotos, Paula uma travesti negra, bem alta, e beirando uns 50 anos tenta retomar a pauta seguinte da reunião que seria o momento em que eu falaria sobre o meu trabalho e que as travestis fariam comentários sobre sua relação com a velhice. Por alguns momentos, ela consegue chamar atenção das travestis de uma forma geral e pede então que eu fale, o que me causou um certo nervosismo e apreensão, pois acreditava que da minha fala dependia em grande parte o meu “sucesso”, ou seja, o meu “aval”. Explico que sou estudante de mestrado e que tenho como proposta de pesquisa um estudo sobre travestis na velhice. Exponho alguns objetivos do meu trabalho, falo de forma breve da metodologia e peço o auxílio delas para localizar os meus possíveis interlocutores. Após minha breve exposição do tema de pesquisa, Paula começa a falar, considera meu trabalho muito interessante, mas acha que é difícil envelhecer no Brasil para todo mundo, não apenas para as travestis, mas que no caso delas, pode complicar mais um pouco, pois é muito difícil chegar à velhice, devido à vida dura, a violência e as drogas. A fala de Paula é constantemente abafada pelas vozes das outras travestis que ainda continuam muito interessadas em comentar sobre as fotos. Duas outras travestis, a Raquel e a Suzete fazem alguns comentários sobre o tema, me explicando

¹¹ Pelo que pude perceber é mais comum entre algumas travestis o uso da maconha e da cocaína, não ouvi referências à utilização de outras drogas químicas..

que apesar dos problemas que elas enfrentam, muitas travestis chegam à velhice, ao contrário do que as pessoas pensam; Suzete inclusive, ressalta que, na maior parte das vezes, chegam muito bem na velhice, ainda trabalhando, fazendo shows, viajando, organizando eventos, só é mais difícil trabalhar na rua, mas inclusive, muitas delas não deixam de fazer sexo. Em relação ao sexo ela enfatiza que, algumas são umas “velhas taradas”. Mas por outro lado, o tema não se desenvolve na mesa e poucas travestis resolvem falar sobre o assunto, em alguns casos, por não se considerarem velhas (me refiro especialmente a algumas travestis com cinquenta anos) e em outros, por não gostarem nem de falar sobre o tema. Por passar das cinco horas da tarde, Charla resolve, mandar servir o chá, pede que todos se levantem e nesse momento todos nós nos posicionamos em pé ao redor da mesa e de mão dadas Charla inicia sua fala, dirigindo um agradecimento a minha presença e o meu interesse por elas, para depois solicitar que oremos um pai –nosso em agradecimento ao fato de estarem vivas, com saúde e por poderem estar reunidas.

Após a oração, durante o chá, a mesa é posta com alguns refrigerantes, café, chá, torradas e biscoitos, e Suzete volta sua atenção para mim e me faz inúmeras perguntas pessoais, onde moro, se vivo sozinha ou como meus pais, porque resolvi ir para Florianópolis, porque estudar em Florianópolis e não no Rio de Janeiro. Comenta que tem muita vontade em conhecer Florianópolis, que tem amigas que já visitaram a cidade e participaram de reuniões com travestis da cidade. Outras travestis também entram na conversa e fazem comentários sobre as diferenças entre Florianópolis e Rio de Janeiro, após me “entrevistarem”, Suzete e Paula me convidam para a reunião do Charlat’s que ocorreria no próximo domingo dia 22 às 15hs da tarde. Entre um biscoito e outro as conversas tinham como tema, algumas outras travestis, alguns episódios decorrentes da festa em comemoração ao primeiro ano do chá, eventuais discordâncias com relação à roupa, sobre quem saiu melhor nas fotos e etc. Como também sobre hormônios, silicone, e sobre a doação de camisinhas na rua e os problemas que isso vem causando. As camisinhas são doadas em caixas fechadas pelo Grupo *Pela Vida* e fica sob a responsabilidade da Charla e a distribuição se faz entre as travestis que vão ao chá e as que trabalham em alguns pontos de prostituição na Lapa e em outros pontos de prostituição nos arredores do centro. O momento da distribuição das camisinhas é bem confuso, ocasionando algumas discussões sobre a quantidade que é entregue. Após a distribuição das camisinhas, o chá termina.

Despeço-me de Charla, firmando o compromisso de ir à reunião de domingo, vou embora na companhia de Paula e enquanto descemos juntas e seguimos pela Av. Rio Branco falando sobre os problemas do país esta me ensina como chegar na casa da Charla.

Neste chá, pude travar contato sistemático com três travestis, variando entre 55 e 60 anos. Uma delas era a Raquel, que se tornou uma das minhas informantes, e que durante o chá havia combinado comigo de ir ao churrasco de domingo, mas acabou não indo devido a problemas de saúde na família. Fui ao churrasco acreditando que seria uma ótima oportunidade para me aproximar do universo delas e também na intenção de conhecer outras travestis idosas. Como forma de “conhecer o terreno” sobre o qual intencionava caminhar, a ida ao churrasco foi de suma importância para criar alguns laços¹², mas por outro lado às geriátricas¹³ não apareceram¹⁴.

Já num segundo momento, a pesquisa de campo foi realizada entre os meses de fevereiro, março até a primeira quinzena de abril de 2003. Logo que cheguei ao Rio, procurei pela Charla para que pudesse voltar a frequentar o chá e para que me ajudasse a localizar outras informantes. Restabelecido nosso contato e após minha volta ao chá pude constatar que devido a um desentendimento ocorrido no mês anterior a minha chegada, duas das pessoas com quem havia falado já não participavam mais do chá e a outra praticamente não estava indo a reunião. Apenas com uma delas consegui falar ao telefone, no entanto esta não se mostrou mais interessada em participar da pesquisa, deixando bem claro que já estava “muito velha” para dar entrevistas e que isso ela deixava pra as mais

¹² Gostaria de fazer uma consideração, apesar de ter estabelecido um contato principalmente com a Charla e inegavelmente importante para minha pesquisa, acreditava que indo ao churrasco – já que Charla me disse que outras travestis de mais idade provavelmente compareceriam ao evento – poderia eu mesma estabelecer uma aproximação com elas.

¹³ Quando cheguei na casa da Charla no dia do churrasco, a encontrei sentada em um dos sofás da sala (que serve como sede do Charlat's) com uma bacia posicionada entre as pernas, cheia de batatas que estavam sendo descascadas por ela para serem servidas como salada no almoço. Não tinha ninguém ainda, além das travestis jovens que moravam lá, durante um momento de nossa conversa eu pergunto se as travestis de mais idade confirmaram presença, Charla então, me responde dizendo que acreditava que elas não faltariam, afinal seria servido um churrasco durante a reunião e as geriátricas não perdiam um *lanchinho!*. No entanto, apesar desse estímulo elas não apareceram. No final da reunião, Charla comenta comigo que acreditava que por causa da chuva (chovia muito naquele dia) elas desanimaram e não compareceram.

¹⁴ Num primeiro momento, pensei que a ausência das “geriátricas” era devido à falta de interesse pela pesquisa ou pelo fato de tê-las causado algum tipo de aborrecimento. Mas depois essa idéia foi removida, primeiro, porque a própria Charla garantiu-me que a frequência delas é bem esporádica. Segundo, porque depois pude perceber que à medida que ia as reuniões da ONG, que realmente elas não estavam indo, o que

jovens. E apesar de uma certa insistência de minha parte e de procurar mostrar-lhe o quanto seu depoimento era importante, à mesma se mostrou irredutível. Bem, após me recuperar da frustração, procurei pelas outras, mas não consegui estabelecer contato telefônico. Eu tinha no meu caderno de notas o telefone de algumas das travestis artistas mais conhecidas do eixo Rio/São Paulo e até nacionalmente, como é o caso da Rogéria, já mencionada por mim e da Laura de Vison, mas como não as conhecia pessoalmente, não achei que seria uma boa estratégia ligar para elas na tentativa de marcar uma entrevista. Resolvi, que pediria auxílio novamente a Charla ou a alguma das travestis que por ventura as conhecesse e pudesse então me apresentar. Foi então que durante a segunda vez que fui ao chá¹⁵ após meu retorno ao Rio e ao expor minhas dificuldades em contatar as informantes, consegui que uma das meninas¹⁶ resolvesse me ajudar, pois como, após o chá iria para a pista¹⁷ e a pista é próxima à casa da Laura de Vison poderia me levar até lá e me apresentar a ela. Assim, terminado o chá, Isa¹⁸ e eu nos encaminhamos em direção à casa da Laura. Durante todo o trajeto que leva em média uns 15 minutos Isa ia me contando que estava enfrentando dificuldades em casa pois sua mãe estava com problemas cardíacos e não localizava os remédios que o médico havia receitado, ia me relatando que queria sair da rua, que pegaria qualquer trabalho, inclusive tinha tentado “*arrumar umas faxinas mais nada, estava muito difícil, ai*

por sua vez era motivo de descontentamento para Charla, pois via nessa ausência uma certa falta de interesse pelos problemas do grupo.

¹⁵ Algumas vezes quando chegava antes da hora de começar o chá encontrava algumas meninas assistindo a novela “O cravo e a rosa” que passava às 2 horas da tarde na Rede Globo. E sempre assistíamos à novela juntas, fazendo alguns comentários sobre as cenas, aguardando o restante das meninas chegarem. Para uma discussão sobre a influencia da televisão e principalmente das novelas sobre seu público ver, Prado (1995) e Rezende (1997).

¹⁶ Meninas é um termo muito usado entre elas para se auto-definirem e que eu tomo a liberdade de usar em alguns momentos do meu texto.

¹⁷ Pista é como elas chamam o local onde fazem prostituição.

¹⁸ Isa (nome inventado por mim) é uma travesti de meia-idade que apesar de ter se prontificado a me apresentar a Laura de Vison, deixou bem claro logo no inicio suas reservas quanto ao meu trabalho. De forma muito incisiva me expôs suas criticas quanto a essas pessoas que as procuram para fazer entrevistas, pesquisas, tirar fotos e filmar e depois além de não ajudá-las em nada, simplesmente somem e elas não tem nenhum retorno do trabalho. Em uma de suas observações ela afirmou : *Muita gente já ganhou muito dinheiro explorando a gente... para mim chega.* Em resposta as suas criticas lhe disse que em parte concordava com ela, afinal se elas tinham todo o direito de cobrar por suas entrevistas, pelo uso de suas imagens, mas que no meu caso isso realmente não seria possível pois não tinha recursos, apenas muita vontade e boa fé. Essa reação da Isa me fez lembrar de uma conversa que eu tive por telefone quando comecei a escrever o projeto de mestrado com uma diretora de um vídeo documentário sobre travestis que teve expressiva circulação no eixo Rio/São Paulo. Quando mencionei a cineasta meu tema e perguntei se poderia me ajudar ela de imediato me disse que não teria como me ajudar pois havia perdido contato com as pessoas

não tinha jeito acabava tendo que ir para pista que também não estava boa". Ao nos aproximarmos da casa da Laura ela ia me mostrando onde ficava os pontos de prostituição e o local que ela costumava ficar, estávamos na rua Augusto Severo um dos locais mais antigos e famosos do circuito de prostituição de travestis no Rio de Janeiro, uma rua que é cheia de prédios residenciais e comerciais, bares, lanchonetes, mercados, etc. E enquanto caminhávamos pela rua, vez por outra, Isa parava para cumprimentar alguns porteiros desses prédios, e ao lhe perguntar sobre o relacionamento delas com os mesmos, esta me diz que, é muito bom, que eles as deixam colocarem as bolsas na portaria do prédio, ficam conversando, comendo junto quando não tem cliente e às vezes também rola uma "pegação"¹⁹. Quando chegamos no edifício onde Laura reside, Isa pede para que o porteiro do prédio verifique se a mesma está e se podemos subir, quando o porteiro interfone, Isa pega o interfone para falar com Laura e lhe diz que está com uma menina que quer fazer uma entrevista com ela e pergunta se podemos subir, pedido aceito pegamos o elevador até o apartamento da Laura. Dentro do elevador, Isa faz inúmeros comentários elogiosos a Laura mas também deixa claro que não quer participar da entrevista. Laura nos recebe muito à vontade, com os cabelos presos em um rabo de cavalo, sem maquiagem, de saia com o comprimento abaixo dos joelhos e uma blusa de mangas curtas, me chama atenção, suas unhas das mãos pintadas de cor laranja bem forte. Muito simpática, Laura nos convida para sentar e logo que me apresento, ela pergunta a Isa se sou *mona* ou *amapô*²⁰, esta responde que sou amapô. Logo de imediato, explico a Laura que sou estudante de mestrado e que estou fazendo uma pesquisa sobre travestis na velhice, e que gostaria de poder contar com a sua participação, esta me diz que para ela esta tudo bem, inclusive acha muito bom que alguém tenha pensado em fazer uma pesquisa sobre as travestis que chegam na Terceira Idade²¹. Após verificar seus compromissos, marca nossa primeira entrevista

que fizeram parte do vídeo ao mesmo tempo me alertou que não seria nada fácil estabelecer algum contato com elas pois estavam muito arredias.

¹⁹ Expressão empregada entre elas para se referir a procura de parceiros sexuais. Às vezes é usado também o termo *caça*.

²⁰ *Mona* e *amapô* são termos utilizados entre as travestis para designar respectivamente "bicha-mulher" e que serve como um cumprimento entre elas e para designar a mulher. Segundo nos informa, Câmara Vale (2000) o termo *mona* é de origem angolense empregado nas religiões afro-brasileiras e que significa mocinha ou menina. Já *amapô* é um termo de origem africana.

²¹ Durante todo o trabalho de campo a Laura foi à única que mencionou o termo Terceira Idade como forma de auto-identificação e do seu grupo etário. Penso ser interessante destacar ainda que, Raquel e Helô questionaram meu interesse por travestis velhas, a Helô por exemplo algumas vezes exclamava : menina

“formal” para a semana seguinte após as 3 horas. Essa minha primeira “visita social” a Laura, teve a duração de aproximadamente uma hora e durante esse período conversamos sobre os mais variados assuntos, sobre o show que ia fazer nos próximos dias, sobre a situação em baixa da prostituição, sobre a exploração da imagem da travesti, tema levantado pela Isa e que vai aparecer em outros momentos das minhas incursões. Depois de ter marcado minha primeira entrevista “formal” com a Laura, conversando com a Charla, combinamos que ela ligaria antes para as outras possíveis informantes falando sobre mim e a respeito da pesquisa e que após o consentimento da pessoa ela me daria o telefone e meu acesso seria permitido. Foi dessa forma que eu consegui contato com a Helô, e a Simone²².

O meu primeiro contato com a Helô se deu após uma breve conversa telefônica que resultou no nosso primeiro encontro. E após nossa primeira entrevista, Helô se oferece para falar com a Rogéria, Eloina²³ e a Gilda uma cabeleireira famosa do Rio de Janeiro. Após inúmeras tentativas não obtivemos sucesso com a Rogéria e nem com a Eloina, mas a Gilda, por outro lado, aceitou participar da pesquisa. Após Helô falar com ela ao telefone, esta transfere a ligação para mim, conversamos durante uns vinte minutos, o assunto, basicamente girou em torno do tema da pesquisa e do fato dela só estar disponível para conversar comigo após seu retorno de Salvador, para onde estava indo à semana seguinte.

Assim, só conseguimos nos encontrar pessoalmente quase três semanas depois, pois além da viagem marcada para Salvador, Gilda iria passar o carnaval num sítio de sua propriedade. Estávamos na semana que antecede a semana do carnaval e através da Helô fico sabendo de um bloco carnavalesco chamado “Amigos da Carmem” (referência a Carmem Miranda) que costuma sair no sábado de carnaval sendo sua concentração localizada em Copacabana, mas precisamente na Av. Atlântica; demonstro interesse de ir com ela, esta prefere que nos encontremos lá na concentração. No dia do bloco, chego um pouco antes no intuito de procurar com calma pela Helô, mas não a encontro e acabo por me deparar com a Raquel com quem tinha feito contato na primeira fase do campo, mas

aonde você foi se meter! Já o meu interesse era justificado da mesma forma que na parte introdutória dessa tese. Zezé e Gilda não fizeram comentários a respeito da pesquisa.

²² Fiz dois contatos telefônicos com a Simone mas esta estava com problemas de saúde e não pode participar da pesquisa.

²³ Eloina é uma travesti que trabalha no ramo do espetáculo como Rogéria e é bem conhecida no Rio de Janeiro, também já participou de programas de televisão nas décadas de 80 e 90 do século XX. É famosa por

que não estava mais indo ao chá. Raquel estava conversando com duas travestis, uma bem jovem e atraente e a outra beirava uns quarenta anos, e um homem aparentando uns cinqüenta anos. Estavam enfrentem ao hotel Copacabana Palace, exatamente na calçada do hotel, esperando o bloco sair. Aproximo-me deles com um certo receio de que ela não me reconhecesse, pois tínhamos nos visto apenas uma vez, ao chegar bem perto do grupo a cumprimento chamando-a pelo nome, ao voltar-se para mim, percebo que não me reconheceu de imediato, e essa sua demora em responder ao meu cumprimento fez com que todo o grupo voltasse sua atenção para mim, imediatamente explico que fomos apresentadas no chá que é promovido pela Charla há alguns meses atrás, no que ela me responde : a pesquisadora de Florianópolis, né?. Respondo que sim e pergunto se vai seguir o bloco, ela responde de forma afirmativa e me apresenta as outras pessoas do grupo. Após as devidas apresentações, me integro ao grupo no intuito de acompanhá-las durante o percurso do bloco.

Acompanhá-las durante o percurso do bloco foi uma experiência extremamente frutífera para mim, principalmente no que diz respeito ao tipo de relacionamento que se estabelece entre elas, principalmente no caso da Raquel e da travesti mais jovem. Depois de quatro horas de bloco, que me renderam muitas notas escritas e algumas visuais – pois tinha levado uma câmera fotográfica²⁴ despeço-me da Raquel com a promessa de que ela iria ao próximo chá e lá marcaríamos uma entrevista e com o compromisso de nos encontrarmos na terça-feira de carnaval no bloco das Quengas. Todas as minhas tentativas de marcar uma entrevista nesse ínterim foram frustradas, pois ela alegava estar ocupada cuidando de sua irmã mais velha que estava com sérios problemas de saúde. Voltando as notas visuais estas foram comandadas por ela, que todo o momento me pedia para tirar foto dela com alguém, poucas foram às fotos que eu tirei por iniciativa minha. Ao resolver levar a máquina fotográfica tinha a intenção de dentro do possível, fazer um registro visual do evento, - já que fiquei apreensiva de levar a filmadora, pois esses blocos carnavalescos são momentos muito propícios para eventuais assaltos – na verdade sem grandes pretensões metodológicas, pois fotografar em pleno bloco de carnaval, ao mesmo tempo em que você o acompanha ativamente, no meio de uma multidão efervescente, não é uma das tarefas

sua performance de Clara Nunes. Elóia apesar de algumas tentativas não conseguiu contato com ela depois fomos informadas que estava viajando.

mais fáceis de serem realizadas. Nesse momento, apostava também no potencial de aproximação da fotografia, como instrumento de contribuição no processo de interação com os sujeitos da pesquisa²⁵.

Terça-feira de carnaval, 3 horas da tarde Bloco das Quengas. O Bloco das Quengas é um bloco tradicional da cidade e percorre algumas ruas do centro, sua concentração ocorre na esquina da rua Mem de Sá com Ubaldino de Amaral. O Bloco das Quengas tem a fama de ser, além de tradicional entre os moradores do centro, ser familiar. Nas calçadas em volta da concentração, ficam dispostas várias mesas como aquelas que encontramos em bares e lanchonetes mais populares, onde se reúnem famílias inteiras para ver a saída do bloco, ver o “movimento”²⁶. E os protagonistas desse evento, não são apenas as travestis em minúsculas fantasias, mas também homens fantasiados com roupas femininas. Inclusive a porta-bandeira do bloco é um homem de meia idade. Longe da suntuosidade, do luxo do Bloco Amigos da Carmem, o Bloco das Quengas como mais tarde uma delas me disse: *é mais das “bichas pobres”*. Se no bloco se concentra mais “bicha pobre” ou não eu não tenho condições de afirmar, mas em todo caso, não posso deixar de salientar que, há uma diferença muito grande em relação à infra-estrutura, os carros alegóricos do “Amigos da Carmem” são caminhões bem equipados levando na carroceria, na maior parte das vezes, travestis artistas, transformistas famosas e artistas de televisão, inclusive a madrinha do bloco foi a modelo Luma de Oliveira²⁷. Há uma concentração muito expressiva de repórteres de televisão, jornais e revistas. Já no caso do Bloco das Quengas, não há a presença de artistas, tampouco de travestis famosas no meio artístico, mas são muitas que saem orgulhosas em cima de kombis de modelo antigo enfeitadas com flores e fitas em seus maiôs e biquínis mínimos bem coloridos, enfeitados com plumas e paetês, como se estivessem em plena Marques de Sapucaí²⁸.

Foi durante a concentração, enquanto aguardava a chegada da Raquel, que resolvi fotografar o movimento, pude observar um grupo formado por pessoas de uma faixa etária

²⁴ Usei uma câmera fotográfica do tipo Nikon F3 com uma objetiva de 50 milímetros.

²⁵ No tópico seguinte falo mais detalhadamente do uso da fotografia em meu trabalho.

²⁶ Movimento é uma expressão muito usada no Rio de Janeiro e se refere a passeios mais informais, onde as pessoas saem para conversar e para observarem outras pessoas.

²⁷ Luma de Oliveira é modelo nacionalmente conhecido tida como uma celebridade. Durante o período do carnaval costuma sair em alguma escola de samba do grupo 1 como madrinha de bateria.

acima dos cinquenta anos, foi nesse momento que avistei a Zezé, ela estava vestida com um biquíni de cores dourado e preto, enfeitado de paetês e na cabeça um adereço cheio de plumas douradas e pretas, quando me aproximei dela, estava sendo fotografada por uma moça estrangeira (com quem voltei a encontrar mais tarde em outro evento e descobri que era de nacionalidade austríaca e era fotógrafa profissional e veio para o Rio fazer um ensaio sobre travestis²⁹). Aproximei-me dela e me posicionei como uma pessoa como outras tantas que estavam no bloco fotografando-as e pedi permissão para tirar algumas fotos. Zezé apenas sorriu e fez uma pose para a câmera, depois de tirar algumas fotos, pergunto seu nome e antes que perguntasse como contatá-la para devolução das mesmas, fomos afastadas pelos organizadores do bloco que estavam separando as pessoas para que o desfile pudesse começar. Como não conseguia localizar Raquel resolvi então acompanhar o desfile e observar a *performance*³⁰ de Zezé no carro alegórico. Junto com as outras travestis durante todo o desfile ela se manteve no carro dançando, cantando e acenando em alguns momentos para a multidão que acompanhava atrás.

Em um determinado momento do desfile, que não sei precisar qual, a perdi de vista, resolvi então retornar para casa. Ah! E a Raquel?. Esta eu não encontrei no bloco e mais tarde fiquei sabendo por ela, que só chegou no fim do desfile e por isso nos desencontramos. Foi através da Charla que consegui o telefone da Zezé. Com telefone em mãos, ligo em seguida para ela e marco nosso primeiro encontro em sua casa para a semana seguinte ao término do feriado de carnaval.

Penso ser interessante salientar que a minha intenção foi de entrevistá-las o maior número de vezes possível dentro do período que tinha disponível para o trabalho de campo, no entanto, foram muitas entrevistas e encontros desmarcados e remarcados que não foi possível atingir meu objetivo. Elas com muitos compromissos e eu com muito pouco tempo e muito a fazer. Por exemplo, em relação às entrevistas de caráter mais “formal”, com hora e data marcada, foram realizadas três entrevistas com a Laura de Vison e a Gilda, duas com a Helô e a Zezé e uma com Raquel. Vale salientar, as inúmeras conversas por telefone que trocava com elas durante toda as semanas do trabalho de campo. Em relação ao chá das

²⁸ Marquês de Sapucaí, chamada também de sambódromo, é a avenida aonde acontecem os desfiles das escolas de samba do primeiro e segundo grupos durante o carnaval.

²⁹ Esse ensaio fotográfico foi realizado durante uma das reuniões do Charlat's e registrado em vídeo por mim.

³⁰ O termo aqui é utilizado no sentido de desempenho em público.

travestis e as reuniões do Charlat's continuei a frequentar durante todo o trabalho de campo, não somente porque às vezes a Raquel – que era a única que estava frequentando o chá nesse período – comparecia, mas porque essas reuniões representaram para mim uma fonte inestimável de informações sobre o “mundo” delas, sobre seu *ethos*³¹ independente de sua faixa etária. No capítulo em que faço um perfil delas, exponho com maiores detalhes nossas entrevistas, conversas e encontros que deram conteúdo e forma a minha pesquisa.

Esta tese será dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordo a metodologia utilizada para a confecção da dissertação. No segundo capítulo, procuro apresentar os sujeitos da pesquisa, seus perfis e um pouco de suas trajetórias. No terceiro capítulo, faço um breve panorama do desenvolvimento do transvestitismo como fenômeno – concentrando minha atenção para o seu desenrolar na cidade do Rio de Janeiro -, contando um pouco de sua história, tendo como base dados provenientes da literatura antropológica e dos depoimentos das informantes.

No quarto e último capítulo, procuro a partir das noções de identidade, projeto, gênero, e comportamento desviante e estigma, refletir como esses sujeitos concebem a experiência do envelhecimento, suas auto-identificações, seus sentimentos e percepções sobre a velhice, suas relações intergeracionais, enfim este capítulo levantará algumas questões a cerca dos “modos de viver a velhice” dessas pessoas.

E por fim, nas considerações finais com base nas questões levantadas no decorrer da dissertação, procuro ir além das minhas imprecisas interpretações e acima de tudo, deixar algumas pistas, alguns caminhos para discussões posteriores.

³¹ Ethos é utilizado aqui nos termos de Geertz. Segundo o autor, o ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. (Geertz, 1978: 144).

Percursos metodológicos: escolhendo as ferramentas

Nesse capítulo apresento uma associação entre os métodos e técnicas da etnografia – entrevistas, observação participante, anotações em caderno de campo – e os instrumentos próprios à antropologia visual – como método de coleta e exame de dados e construção de texto – visando ampliar o campo de observação e de análise e como meio de enriquecer o processo de pesquisa. Dizer que essa opção representou para mim uma rica experiência pessoal e acadêmica (se é pertinente a separação) não seria apenas cair em lugar comum mas, principalmente, não daria conta de suas múltiplas faces, de suas cores, sabores e dissabores. Nos tópicos que se seguem, procuro expor algumas dessas faces, levando em conta os limites de um texto de dissertação. O meu objetivo é, acima de tudo, relatar minha experiência. Na verdade, acredito que, ao relatá-la, mesmo que de forma sintética, estarei contribuindo para eventuais discussões a respeito dos problemas pertinentes ao campo da antropologia e, especialmente, ao da antropologia em e das imagens.

1. Algumas reflexões sobre o uso da imagem.

O namoro entre a antropologia e a imagem já vem de longa data e o que começou como uma “aventura” cheia de riscos e sem muitas garantias de sucesso, tornou-se, com o passar dos anos, e depois de muito diálogo e alguns conflitos, uma união séria e até certo ponto estável. O uso das imagens nas ciências sociais, principalmente em pesquisas de cunho antropológico, mesmo que timidamente e, principalmente, com fins ilustrativos, acompanha o desenvolvimento de nossa disciplina desde de seus primórdios. Malinowski, durante sua pesquisa de campo, no ano de 1914, na Melanésia, primeiro nas ilhas Mallu, e mais tarde nas Ilhas Trobriand, lançou mão do instrumento fotográfico para registrar cenas

da vida cotidiana, objetos de uso pessoal, como colares e braceletes entre outros³². Para Samain (1995), Malinowski não usava a fotografia apenas como material ilustrativo pois, ao legendar suas fotos, procurava estabelecer uma interação entre as imagens e o texto. Margareth Mead, por exemplo, já criticava os antropólogos que, por sua vocação pela escrita, atendo-se aos tradicionais métodos de pesquisa, não usufruíam as infinitas possibilidades que o material visual podia oferecer. Mead, juntamente com Bateson, entre 1936 e 1938, em seus estudos comparativos sobre as diferentes maneiras das mães se relacionarem com os seus bebês em Bali, nos EUA e na Nova Guiné, fez uso da fotografia e do cinema não somente como meio de descrever o comportamento humano, mas como instrumento fundamental de análise de diversas situações culturais (Mead, 1975).

Nos últimos anos, mais e mais antropólogos vêm fazendo uso da imagem fixa e/ou em movimento em suas pesquisas, indo além do seu potencial ilustrativo e do caráter de veracidade que é diretamente associado a essa prática, buscando obter informações suplementares para seus estudos e vendo nessa metodologia a possibilidade de construção compartilhada de conhecimento. Eckert (1995) destaca três objetivos que serviriam como justificativa para o emprego de técnicas audiovisuais na pesquisa antropológica: “Num

³² No mesmo ano de 1922, data da publicação dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* – obra de maior popularidade de B. Malinowski – Robert Flaherty, em expedição ao Ártico Canadense realizou um documentário sobre a vida cotidiana de uma família de esquimós Inuit; o filme “*Nanook of the North*” tornou-se um marco da produção do cinema etnográfico. Com *Nanook*, Flaherty, traçou caminhos bem diferentes dos tradicionais filmes de viagem, não apenas pelo fato de mostrar o filme aos seus sujeitos, fazendo com que os Inuit refletissem sobre sua cultura a partir de suas imagens projetadas na tela, mas também por incorporar na construção dos filmes, elementos técnicos de muito sucesso na época – encontrados nos filmes de ficção. Flaherty procurou principalmente, a partir da observação detalhada dos fatos – viveu durante onze anos junto aos esquimós – montar seus filmes sob uma perspectiva dramática: nascia, assim, a etnoficção. Paralelamente às experiências de Flaherty, encontramos do outro lado do Oceano Atlântico, mais especificamente na Rússia, o cineasta Dziga Vertov, preocupado em registrar as transformações sociais, políticas e econômicas que atravessava seu país. Logo após a guerra civil, registrou sem cessar o dia-a-dia das cidades, produzindo uma série de documentários de curta-metragem. Vertov, o “Homem da Câmera”, e seu cinema verdade, foi o precursor do documentário de montagem: com a câmera na mão e utilizando entrevistas filmadas comparava o cinema a um organismo vivo, tendo por olhos o cinegrafista, por mãos o editor que monta as imagens e por cérebro o autor supervisor – no caso, ele próprio (Knight, 1957). Enfim baseando-se nos recursos potenciais do cinema, Vertov acreditava que a verdade dos fatos seria expressa através da montagem dos filmes (montagem entendida em seu sentido mais amplo, o que inclui as etapas de preparação e filmagem). Flaherty e Vertov são considerados os pais fundadores da Antropologia Visual e suas experiências cinematográficas foram essenciais para o desenvolvimento do filme documentário e etnográfico, distanciando-se do cinema como simples objeto de divertimento. Já em relação à primeira experiência na realização de um registro etnográfico podemos dizer que partiu de Felix-Louis Regnault, em 1893, quando, utilizando o cronofotógrafo, filmou uma mulher ouolof fabricando um pote de cerâmica, durante uma exposição etnográfica sobre a África Ocidental, em Paris. Para maiores informações sobre o panorâmico histórico do desenvolvimento da Antropologia Visual ver: Brigard (1979), Knight (1957), Heider (1995), Loizos (1995) e Pault (1995).

primeiro momento elas nos aparece como uma forma de captação de dados, no segundo momento como um meio que possibilita a comunicação-interação sujeito-objeto, e por fim como instrumento de divulgação ao nível didático acadêmico e/ou social”. A documentação visual, surge como uma nova forma de coleta de dados, como um meio mais eficaz no processo de interação entre sujeito e objeto, de divulgação das mais diversas experiências humanas – seja no interior do meio acadêmico ou na sociedade como um todo – que pode transcender o relato oral e escrito. Enfim, como nos lembra Samain ao fazer referência às intuições de Mead, é que chegava o momento onde não bastaria falar e discursar em torno do homem, apenas descrevendo-o. Haver-se-ia de mostrá-lo, expô-lo, torná-lo visível para melhor conhecê-lo, sendo a objetividade de tal empreendimento não mais ameaçada pelo visor da câmera do que pelo caderno de campo do antropólogo (Samain,1995:20).

1.2 Suas fotos... suas histórias

No meu projeto de pesquisa tinha como objetivo inicial utilizar-me das fotos provenientes do acervo pessoal dos sujeitos da pesquisa. Pretendia fazer uso da imagem fotográfica de três formas:

1) *como um instrumento estimulador e organizador das lembranças*. Assim a utilização das imagens é entendida como um fio condutor visando a (re)construção de suas narrativas, levando em consideração seu poder de evocação e de eternizar a memória, associada à propriedade que a fotografia tem, enquanto representação do referente e elo simbólico de duas temporalidades, de evocar uma memória de sentimentos e emoções, de exacerbar as imagens do presente em contraposição com aquelas do passado (Ferreira, 1996). Portanto, no que se refere à utilização da fotografia associada à história de vida, Leite (2001) ressalta que muitas tentativas vêm sendo feitas objetivando usar a fotografia como “recurso catártico” onde os sujeitos são incitados a falar de si mesmos ou de questões propostas indiretamente pelas fotografias. Pois quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos (Leite, 2001).

2) Em um segundo momento a dimensão imagética aparece como um meio de *contribuição para a interação e diálogo com os sujeitos a serem pesquisados e como geradora de trocas de informações e comentários entre o pesquisador e seus informantes* (Peixoto, 2000; Magni, 1994; Rial, 2001).

3) E finalmente enquanto *fonte geradora de texto*, tendo como base os trabalhos de autores como Bianco (1995); Travassos (1994); Pólvora (1995) e outros.

O uso da fotografia foi mais efetivo no caso das entrevistas que foram feitas com a Laura, Raquel e Zezé. Esses três personagens dispunham de um acervo iconográfico extremamente rico e extenso o que, por outro lado, tornou as coisas muito mais difíceis. Recordo-me da minha primeira entrevista com a Laura de Vison em seu apartamento, dela vindo em minha direção segurando três grandes álbuns de fotos e uns dez álbuns pequenos, mais recortes de jornais e revistas, dizendo que, não tinha localizado todos os álbuns e que ainda tinha coisa na casa do seu irmão. Como não queria escolher as fotos, pois queria que elas as escolhessem conforme fossem construindo suas narrativas, solicitei apenas como critério que as organizassem por temas, isto é, fotos de família, fotos de trabalho, fotos de lazer. Obviamente que esta classificação não estabelecia fronteiras tão demarcadas e, em alguns momentos, essas fotos se misturavam. Contudo, foi um recurso que encontrei no momento para dar um pouco de ordem aquele “caos visual”.

Dessa forma, se algumas delas demonstravam prazer em serem fotografadas como, por exemplo, durante o desfile do bloco de carnaval, e um vivo interesse por fotos, como foi demonstrado durante a primeira reunião do “chá das travestis” freqüentado por mim, outras não disponibilizaram seus acervos. A Helô, por exemplo, praticamente não guardava fotos em seu apartamento: segundo ela, não havia mais motivo para ficar guardando fotos, já que quando morresse iam acabar jogando fora mesmo. Na verdade, nem se recordava o que foi feito de suas fotos. As poucas fotos de família que ainda tinha, ela expunha em porta-retratos espalhados pela sala. Eram basicamente fotos de sua mãe adotiva, suas irmãs em traje de noiva, e uma foto sua com uma menina a quem ela dedicava um afeto do tipo maternal; a menina era para ela a filha que não pôde ter. Ao ser indagada por mim a respeito de fotos do seu pai, disse que as que tinha, deixou com sua irmã do meio, pois não

via por que ficar guardando³³. No caso da Gilda, não foi possível ter acesso às suas fotografias devido ao fato de nossos encontros terem sempre acontecido em seu salão de cabeleireiro no fim do expediente.

Guran (2000), em “*Fotografias para descobrir, fotografias para contar*”, salienta que a fotografia durante uma pesquisa pode ser de 2 tipos: para *obter informações* – fase do trabalho de campo em que o pesquisador está se familiarizando com o seu objeto de estudo, momento de formulação das primeiras questões – e para *enunciar conclusões* – quando, compreendido o objeto de estudo, o pesquisador utiliza-se da foto para destacar aspectos e situações marcantes da cultura estudada e desenvolve sua reflexão tendo como ponto de apoio o que a foto pode apontar. São esses dois tipos de fotografia que, somada às que são produzidas pelos sujeitos da pesquisa, no caso *as fotos de álbuns de família*, estariam inteiramente imbuídos das representações que os sujeitos fazem de si próprios, além de expressar a sua identidade social, o que o autor denomina de *corpus fotográfico*. O autor destaca que a fotografia, quando utilizada como instrumento de pesquisa, funciona como uma ferramenta que o pesquisador faz uso com objetivo de induzir o seu informante a buscar ele mesmo a informação, ou seja, aqui a fotografia ganha o status de inquiridora e, ao fazer perguntas, ela vai estimular os mais variados comentários.

Desde o início, ao resolver fazer uso das fotografias em meu trabalho, sempre pensei em privilegiar as fotos das próprias travestis. Não tinha intenção em fotografar, pois queria lhes propor um exercício mental que nos levasse não somente à reconstituição do passado através de seus álbuns, mas a um exercício mental que nos levasse ao que Kossoy (2002) define como *realidade interior* da imagem, que seriam as faces ocultas, o que transcende a sua aparência imóvel e visível. Imaginava poder atingir, a partir do exercício delas de observarem seus próprios álbuns e, conseqüentemente, reconstituírem suas histórias de vida, uma compreensão mais aprofundada desses sujeitos, suas tramas, seus mistérios, seu universo.

³³ Num primeiro momento não consegui escapar de uma daquelas conclusões simplistas e achei que ela tivesse problemas de relacionamento com o pai. Afinal, esse fato é recorrente nos discursos de travestis quando são interpeladas sobre suas relações com os pais – Silva (1993), Denizart (1997). No entanto, no decorrer dos seus depoimentos, ela sempre procurou enfatizar o grande respeito que nutria pelo pai e que não teve problemas de relacionamento com ele. Por outro lado, pude perceber que tinha muito mais afinidade e proximidade com sua mãe adotiva. A relação com o pai era baseada no respeito e um certo distanciamento.

No entanto, parafraseando Peixoto, devemos durante o trabalho de campo sempre reservar um lugar para o inesperado. Assim, acabei por desempenhar o papel de fotógrafa por duas ocasiões. Nesses dois momentos, a fotografia serviu para mim como meio de aproximação com duas de minhas informantes, Raquel e Zezé. Em relação a Zezé, por exemplo, tê-la fotografado durante a concentração do bloco, me possibilitou estabelecer nosso primeiro contato. Neste caso, a fotografia provocou o estabelecimento de uma comunicação entre nós, servindo como elemento de interação entre a pesquisadora e seus interlocutores. Serviu também, como nos lembra Rial (2001), “*para revelar o enorme potencial da câmara enquanto impulsionadora do que mais humano existe: os contatos interpessoais*”.

Assim, suas fotografias foram sendo apresentadas para mim em determinados momentos, à medida que elas iam construindo suas narrativas, e funcionavam para elas ora como um estimulador de suas lembranças, ora como uma forma de confirmar ou provar suas vivências. Vale lembrar que não tenho como proposta expor de forma detalhada uma leitura aprofundada de suas fotos, na medida que essa leitura se fará presente no decorrer do texto. Por outro lado, acho que se faz necessário demonstrar – através de alguns exemplos – alguns caminhos que procurei percorrer, mesmo que eles tenham sido prejudicados pela minha inabilidade e insegurança ao lidar com esse instrumental.

Como já foi mencionado, diferentemente da Helô, Laura, Zezé e Raquel possuem um considerável acervo de fotos que merecem, com toda certeza, vários meses de muita dedicação (o que não foi possível nesse trabalho) e inestimáveis descobertas. Usando uma expressão de Leite (2001), eram vários os núcleos temáticos – retratos de família, de lazer com amigos, retratos de amigos especiais, fotos de suas viagens ao exterior (mais especificamente no caso da Zezé e da Laura), uma ou outra foto antes da “transformação” (esse termo era utilizado por elas como forma de demarcar o momento em que se tornavam travestis) e outras que marcaram esse momento, inúmeras fotos de trabalho e de shows, como no caso de Zezé e Laura. No caso de Raquel, por exemplo, as fotos que marcam o tempo de trabalho eram fotos da *batalha*, ou seja, quando se prostituía, além de fotos que revelavam suas relações amorosas, que são particularmente expressivas. No entanto, se o acervo da Helô, comparado ao das outras não era tão numeroso, ele não perdia em significados: suas poucas fotos falavam das coisas que são, nesse momento de sua vida,

realmente importantes para ela. Suas fotos, tiradas quando trabalhava como decorador revelavam, entre outras coisas, uma época em que possuía um visual andrógino³⁴; uma época em que apenas se permitia vestir-se de mulher quando ia ao Baile dos Enxutos; de um tempo em que o transvestitismo em público era fortemente punido – era motivo de prisão – e que encontrava nos bailes de carnaval o momento do devir. Um tempo de espera, (acho que posso chamar assim), um tempo que marcadores femininos, obviamente, podiam resultar em ostracismo social, em rejeição por parte da família e amigos. Mas também, uma época considerada por ela como um período glorioso de sua vida, principalmente por poder transitar nas “altas rodas” da sociedade carioca. E para não ser traída pela sua memória, ela guardava, e me mostrou, uma foto sua em preto-e-branco trajando calça e camisa de seda ao lado de um socialite da época de vestido longo, bem maquiada e penteada. Era uma foto tirada durante uma das inúmeras exposições que montou para a Secretaria da Cultura do município do Rio.

As fotos de sua mãe adotiva, expostas com destaque num móvel da sala, e que só lhe traziam recordações recheadas de muito afeto e admiração, expressavam a afinidade que tinha com sua mãe, bem como a importância da figura materna em sua vida. Além disso, havia fotos suas posando com seus cachorros, mais recentes e que ficavam também expostas no mesmo móvel da sala, dividindo espaço com as fotos de sua mãe. Fotografias que me levaram a refletir sobre suas redes sociais, sobre uma mudança nitidamente demarcada de sua sociabilidade, da possibilidade de pensar numa articulação entre o seu tempo de trabalho e uma vida social intensa caracterizada por uma ampla rede de relações sociais. É inevitável observar um afrouxamento dessa rede após sua aposentadoria, que não representou para ela um outro “tempo de lazer” e de “novas sociabilidades”, como demonstram acontecer alguns estudos sobre velhice e sociabilidade, tais como Motta (1998) e Peixoto (2000) . Antes, representou “tempo de descanso” e “isolamento”, um tempo no qual ela procurava manter suas relações construídas ao longo de sua vida, seja na figura de sua mãe já falecida, portanto como recordação, seja na figura da moça que tinha como filha.

³⁴ Aplico esse termo devido ao fato de que Helô, na época ainda chamada de Euler, compunha seus trajes mesclando signos considerados femininos na época como, por exemplo, cabelos compridos, blusas de seda com signos masculinos, calças e sapatos masculinos.

Raquel também guardava fotos do tempo do Baile dos Enxutos. Eram fotos em preto-e-branco, onde ela aparecia sempre em pose, sozinha com os cabelos soltos e muito bem arrumados, maquiada e trajando vestidos longos. Essas fotos foram tiradas na época em que a Raquel trabalhava no Ministério Público e marcavam, por sua vez, o momento em que ela começou a tomar hormônios e a se transformar definitivamente. Essas fotos nos falam, de um tempo anterior ao que a Laura chama da “Guerra dos Peitos”, um tempo em que nos bailes não se exibiam corpos praticamente nus e delineados a base de silicone (como atualmente), mas em que se exibiam charme, elegância e muito *glamour*. Eram fotos, por exemplo, que retratavam sua entrada no ramo da prostituição – ela aparecia trajando apenas um chalé preto arrumado como um vestido – e que denunciam o período que o centro do Rio começou a ser conquistado por elas. Era a década de 70 e a Raquel, no alto dos seus trinta anos, nos mostra que as travestis que faziam prostituição naquele período também primavam pela ousadia e exibição dos seus corpos de forma muito sensual.

No caso da Raquel, raros eram os retratos de família. Isto se justificava pelo fato dela ter morado sempre em colégio interno e afastada de seus parentes – no entanto, quem se destacava em suas fotos também era a figura de sua mãe. Quando ela me mostrou uma pequena foto antiga de sua mãe sentada em um sofá, Raquel foi nitidamente tomada pela emoção, relembrando a personalidade vivaz e ousada de sua mãe; o que dizer de uma senhora de 80 anos que aos domingos ia assistir a filmes pornográficos em um desses inúmeros cinemas pornôs que têm no Rio? Ela nos falou ainda do bom relacionamento que sua mãe tinha com o meio travesti, sendo chamada por suas colegas da batalha de “*vovó gay*”. E nos falou também de suas semelhanças de comportamento mas, principalmente, de sua admiração e orgulho. Da suma importância da figura da mãe durante toda a sua vida, a mãe que sempre foi sua companheira.

Para finalizar, destaco um momento do depoimento da Laura no intuito de demonstrar o quanto uma fotografia pode evocar situações muito além da imagem que está fixada. Ao me falar a respeito de sua participação em campanhas de prevenção a AIDS, Laura me mostrou algumas fotos recentes, tiradas na Cinelândia em meio a uma passeata promovida pelo Arco-Íris. Numa delas, ela estava completamente *montada* para o evento, muito maquiada com um dos seus vestidos para show e transitando no meio da multidão. Ao olhar as fotos, Laura não me falou apenas de sua militância, mas de alguns problemas

que o meio travesti enfrentava, como por exemplo, o fato de não ter muitos lugares para o lazer, delas frequentarem uma ou outra boate e, principalmente, da discriminação, do preconceito entre os homossexuais, entre as travestis e os gays. Chamou-nos atenção para essa relação por vezes tensa e conflituosa, o que ela condenava, pois ela concebia essa discriminação como negativa, já que só serviriam para desestabilizá-las em relação ao grupo e a sociedade abrangente.

Por várias vezes no campo, pude constatar essa relação conflituosa entre gays e travestis. Lembro-me de uma vez em uma das reuniões do chá em que foi mencionado o interesse de um rapaz homossexual de participar das reuniões, o que veio a causar um certo reboliço entre elas e a questionamentos do tipo: o que um gay ia querer no meio delas? O acesso do rapaz foi completamente vetado, apesar dos apelos da coordenadora do chá, que compartilhava da opinião da Laura e via nesse tipo de estreitamento de relação uma questão de ordem política. Cabe ressaltar que não tenho interesse de discutir de forma exaustiva essa questão: afinal, isso já foi levantado em muitos outros estudos³⁵. Apenas observo que esse tipo de discriminação ainda hoje é característico desse universo.

Esses são apenas alguns momentos que servem para ressaltar o potencial da fotografia como uma inesgotável fonte de informações para o pesquisador, bem como a ponte que se estabelece entre os retratos e o observador (Leite, 2001).

1.3 O uso do vídeo – relato de uma experiência

Como nos diz Rouch (1995), ao manejar uma câmera estamos penetrando em alguma coisa, estamos descobrindo o mundo. E acredito que Rouch, com esta observação não estava se referindo apenas a descobertas de coisas dos sujeitos que filmamos, de seu mundo, mas, concomitantemente, estamos, ao manejar uma câmera, diante de nós mesmos, de nossas ideologias, expectativas e, principalmente, limitações. Dizer que o vídeo transformou-se no final do século XX num instrumento de registro mais acessível, devido

³⁵ Para maiores informações a respeito ver: Guimarães (1978), Trevisan (2000) e Parker (2000).

ao baixo custo e sua dita simplicidade técnica em relação ao cinema, não é nenhuma novidade, mas, por outro lado, penso que vale sempre ressaltar que o “manejo” de uma câmera e suas implicações não é uma tarefa tão simples assim. Sobretudo quando se é principiante e se conhece muito pouco das técnicas audiovisuais, como era o meu caso. Mas parafraseando Samain, para me tranquilizar, atrevo-me a pensar que, em graus variados, permanecemos, todos, pouco alfabetizados, também nas práticas visuais. E, por outro lado, senão ousamos, como saber?.

Quando resolvi fazer uso do vídeo³⁶ em minha pesquisa de campo, acreditava que a utilização dessa ferramenta enriqueceria em muito meu trabalho. Concordava com os argumentos já anunciados por outros antropólogos que fazem uso do vídeo em suas pesquisas. A saber: que o registro visual me possibilitaria conhecer e reter de forma mais ampla o meu objeto de estudo. Queria ir além do registro da voz e além do que minha observação em um primeiro momento podia me dar. A proposta metodológica exposta desde o início baseou-se em gravar as entrevistas e acompanhar alguns eventos que os meus sujeitos por ventura participariam como, por exemplo, as reuniões do chá das travestis, do Charlat’s e eventuais shows. No decorrer do trabalho de campo, todas as entrevistas de caráter formal foram registradas em vídeo. Por outro lado, alguns dos eventos que mencionei acima, não puderam ser registrados. Não foi possível, por exemplo, filmar todas as reuniões do chá das travestis como era do meu interesse, pois o registro não foi permitido por duas freqüentadoras da reunião. Na verdade, tinha combinado com a Charla que quando voltasse a freqüentar as reuniões pediria às meninas a permissão para filmar. Como duas delas não aceitaram, resolvi que o melhor a fazer, para evitar constrangimentos, era simplesmente não fazer uso do vídeo. Interessante é que, em uma determinada ocasião que essas travestis não estavam, e eu pedi novamente para filmar, as que participavam da reunião naquele dia acharam que era desnecessário e me pediram que não filmasse a reunião – afinal muitas faltaram e só estavam, além de mim e a Charla, mais três travestis, duas por volta dos cinquenta anos e uma bem jovem beirando uns 18. Esse episódio pode nos levar a algumas reflexões a respeito da relação dessas pessoas com a câmera. Como havia poucas pessoas no chá, este ganhou um aspecto muito mais informal, de uma de

³⁶ Vale lembrar que os resultados de pesquisa, juntamente com a captação de outras imagens que não foram possíveis de serem realizadas no decorrer do campo, serão transformados em um vídeo etnográfico.

espécie de reunião entre conhecidos para um bate-papo. Falavam sobre outras travestis, comentavam assuntos de fórum íntimo (às vezes usando expressões próprias a esse universo), conversavam sobre o show de uma travesti conhecida, sobre a *batalha*, sobre seu cotidiano, sobre sua vida íntima e que elas, sempre percebidas como sujeitos acostumados e apreciadores da exposição, não queriam expor. Enfim, era um momento de descontração que não tinha lugar para o registro da câmera, melhor dizendo, para a “minha câmera”. Dessa forma, fora as entrevistas, pude registrar em vídeo partes de uma reunião do chá que contou com a participação da Raquel; a participação desta em um congresso promovido pelo grupo *Pela Vida* sobre AIDS, no qual houve uma apresentação da Charla; uma das reuniões promovidas pelo Charlat’s; a Laura maquiando-se para um dos seus shows e uma noite na qual ela se apresentou numa boate para homens e travestis, localizada num subúrbio do Rio. Filmei também Gilda em alguns momentos no exercício de sua profissão de cabeleireira. No caso de Zezé, por duas vezes combinamos de filmá-la se preparando para fazer show e depois o show em si, mas, infelizmente, os shows por diferentes motivos eram desmarcados. Ainda com a Raquel, marquei de acompanhá-la na distribuição de camisinhas que costuma fazer às sextas-feiras na Lapa, o que também não aconteceu: dessa vez foi o mau tempo que nos prejudicou. Assim, muitas foram às tentativas de acompanhá-las e observá-las em diferentes momentos de suas vidas com a presença da câmera, mas poucas foram às vezes que consegui atingir meus objetivos de forma satisfatória.

Assim, a câmera era introduzida aos poucos, à medida que sentia que as pessoas estavam mais à vontade comigo e em nenhum momento do trabalho de campo cheguei com a câmera ligada. Preferia conversar com a informante durante algum tempo e, num determinado momento, perguntava se podia ligar a câmera para poder registrar a nossa conversa. Aqui, por mais que tentasse que fosse de outra forma, estabelecia-se uma espécie de “rito de passagem” da conversa informal para a “tal da entrevista”. Na verdade, não acredito que poderia ser de outra forma. Para isso, penso que seria necessário mais tempo com elas, o que infelizmente não foi possível. Além desse procedimento, procurei respeitar a autenticidade dos momentos, dos ambientes. Nossas entrevistas possuem as mais variadas trilhas sonoras “diretas”: sons vindo do rádio de Zezé, da TV ligada de Laura, dos latidos dos cachorros de Helô, entre outros.

Nos termos de Eckert, a riqueza na utilização do vídeo na pesquisa em antropologia, entendido como “relato qualificado”, se deve ao fato desse instrumento possibilitar que o objeto de estudo esteja virtualmente presente no momento da análise, falando ao vivo de seu habitat natural. O uso do vídeo é designado como relato qualificado porque nos permite visualizar por um lado à enunciação em seu contexto imediato e, por outro, o próprio entrevistador e sua postura no processo de entrevista. Sob este enfoque se abre a possibilidade de uma instigante vigilância epistemológica de visível valor didático (Eckert, 1995). Ao refletir sobre essa vigilância tão bem observada por Eckert, me vem à mente aqueles momentos de freqüente visionamento das imagens captadas durante o trabalho de campo. Diante de nossas imagens, torna-se latente o problema da autocensura, e assim nos submetemos a uma enxurrada de críticas, desde as relacionadas à inexperiência técnica até aquelas relativas ao “desempenho” como pesquisadora. Quantas vezes reclamei comigo mesma, porque não fiz tal pergunta? O porquê de certas intervenções que já acreditava desnecessárias? Porque não tinha pedido para que a informante se detivesse em determinado assunto que, ao rever as imagens apareceu para mim como indispensável? Porque não acompanhei com a câmera tal e tal evento? Escolhi um ângulo em detrimento de outro? Um enquadramento diferente? E assim por diante.

A partir de uma observação de Peixoto (2000), quando esta fala de algumas formas de abordagem da imagem, destacando que muitos vídeos etnográficos simplesmente registram sem mostrar, não revelando por meio da imagem o olhar investido, primeiro fiquei me perguntando se minhas imagens realmente mostram alguma coisa, e se mostram, o que exatamente? Bem de qualquer forma, não tenho intenção e tampouco teria condições para isso, de dar conta de uma análise aprofundada a respeito do que mostram minhas imagens, afinal ainda tenho uma boa estrada pela frente, mas acho que seria interessante discorrer sobre alguns pontos, por exemplo, cada vez que revejo as imagens principalmente no que diz respeito às entrevistas, vejo o quanto elas não somente registram seus depoimentos, mas mostram traços de suas personalidades, de seus comportamentos, do caráter da relação entre pesquisador e pesquisado e do caráter da entrevista.

Como nos diz Fonseca, “as filmagens envolvem uma eleição de objeto e uma escolha de tomada e enquadramento que desmentem qualquer idéia sobre o aspecto meramente mecânico desse registro”. Ao falar de sua experiência na elaboração do vídeo

Ciranda Cirandinha³⁷ destaca uma “plethora de intermediários” que colaboram com o pesquisador na fabricação das imagens. Apenas para dar uma idéia de como isso é freqüente, apesar de nem sempre estarmos atentos a isso, na minha primeira entrevista com Gilda, em um determinado momento chega uma amiga sua de surpresa que passa a se juntar a nós e após alguns minutos de silêncio e observação atenta essa senhora, começa a dar alguns comentários, participar da entrevista – mesmo estando o tempo todo fora do campo visual – a dar conselhos técnicos, como por exemplo às facilidades que eu teria se estivesse utilizando um tripé, ao invés de tentar manter a câmera fixa com o uso das mãos. Algo parecido aconteceu durante as filmagens da Laura enquanto se maquiava para um show, tinha um senhor de suas relações em sua casa, local onde ocorreu a filmagem, que vez por outra participava com alguns comentários, fazendo perguntas a Laura, até que em um determinado momento, ele trouxe uma foto da Laura - transformada em um quadro-quando criança sentada em cima de um pônei. Ele não trouxe a foto arbitrariamente, é que estávamos conversando sobre o fato da Laura já desde de criança possuir feições mais afeminadas e por isso às vezes ser confundida com uma menina, ele trouxe a foto para confirmar e demonstrar o fato.

Levando em conta que os intermediários também nesses momentos são nossos sujeitos afinal, falam de suas relações, o que Fonseca está mais uma vez apontando é para o constante exercício de troca, de diálogo que essa metodologia nos oferece, para seu caráter de experiência partilhada, nesse sentido parafraseando Peixoto seria a participação direta e imediata dos personagens observados na pesquisa que constitui a novidade desse método de investigação além do fato da observação videográfica “não se limitar ao uso tradicional de um caderno de campo; ela nos permite acompanhar o dito (a fala) e o não dito (os gestos e movimentos) de uma relação face a face; não somente aquela que se estabelece entre o observado e o observador, mas também as relações tecidas entre os indivíduos no núcleo dos grupos observados”. (Peixoto, 2000). O vídeo como instrumento de análise e coleta de

³⁷ Um outro aspecto interessante destacado por Fonseca se refere ao potencial desse instrumento mediante a apresentação do produto final, ela nos conta que apesar do fato das pessoas terem conhecimento de sua produção a percepção veio com a apresentação do vídeo. “Finalmente, a platéia parece entreter a possibilidade de que nossas hipóteses são mais que o produto de uma imaginação fantasiosa. A riqueza de detalhes estilísticos, de efeitos estéticos não só despertam interesses como conferem a ilusão de objetividade”.

dados tornou-se para mim fundamental quando pensei em trabalhar com as travestis, de que outra forma poderia apreender e revelar suas formas, cores, suas expressões, o significado dos seus gestos, como tornar evidente suas maneiras de exprimir seus pensamentos? Desde do momento em que a antropologia se estabeleceu como ciência no final do século XIX, que o trabalho de campo como metodologia tornou-se fundamental e o olhar atento, a observação cuidadosa sobre o outro passaram a fazer parte da especificidade da antropologia, foi justamente pensando em atingir esse objetivo que o uso do vídeo no meu trabalho foi para mim uma ferramenta de valor inestimável.

Se no início do trabalho de campo encontrei algumas dificuldades em inserir a câmera principalmente no caso do chá das travestis, quando enfim formei minha rede de entrevistados esses problemas se dissiparam, as protagonistas desse trabalho em nenhum momento se opuseram ao registro videográfico e até onde pude perceber se sentiam muito à vontade diante da câmera, que em alguns momentos foi testemunha de muitas confidências. No que diz respeito à interação delas com a câmera destaco dois momentos que são para mim significativos e que pode nos mostrar alguns caminhos. Por exemplo, quando estive pela segunda vez na casa da Helô com objetivo de dar continuidade a nossa entrevista, aguardava por mim na sala um banquinho de madeira desses bem baixos que ela havia separado e colocado perto da cadeira que ficou sentada ao realizarmos nossa primeira entrevista. Helô acreditava que com o banco seria mais confortável para eu filmar próxima a ela. Um outro episódio interessante ocorreu quando Helô resolveu me mostrar os outros ambientes do apartamento, de imediato me interpela a respeito do tamanho do fio da câmera e se por acaso era grande o suficiente para acompanhá-la pelos outros cômodos, já que a câmera estava ligada numa tomada da sala. Explico que até o banheiro e o início do quarto não tínhamos problemas, mas para seguirmos a diante, seria necessário uma extensão que por sua vez trazia comigo. No entanto, quando voltava da sala com a extensão, deparei-me com Helô sentada em cima de sua cama e em uma das mãos a câmera na outra os fios que ela após alguns truques conseguiu conectar em uma das tomadas do quarto. Laura por exemplo, dirigiu quase todas as nossas cenas, ela me indicava a onde ir, o que mostrar, se preocupava com o som, com a luz, com os enquadramentos, pedia para ver as imagens através do visor da câmera. Além do fato de falar praticamente todo o tempo para uma platéia, em muitos momentos ela se dirige diretamente aos moradores de Florianópolis.

Esse aspecto por outro lado não é característico da minha experiência imagética com as outras informantes, com elas me pareceu que se estabeleceu uma relação digamos mais intimista, apesar é lógico delas estarem conscientes que suas imagens seriam expostas para o público. Bem voltando a Laura, poderia dizer que o tipo de relação que ela estabeleceu com a câmera advém do fato dela ser uma artista e estar acostumada com a mídia, no entanto, acredito que é possível avançar, o caráter de sua interação com o vídeo nos traz também a Laura professor de história com sua maneira articulada e pausada de falar, da forma como me relata sua história de vida, nos traz toda a sua espontaneidade e alegria que realmente somente as imagens podem revelar, sua hospitalidade e principalmente, sua desenvoltura diante da vida.

Enfim, me dá a oportunidade para descobri-la e conhecê-la melhor. Ah! Sem falar nas inúmeras idéias para outras filmagens, que infelizmente devido ao pouco tempo não foi possível colocarmos em prática ficando para um outro encontro. Esses momentos nos permitem ter uma idéia precisa de como é imprescindível o “trabalhar em conjunto”, o envolvimento dos sujeitos com sua proposta de pesquisa. Acredito, retomando o argumento de Peixoto, que uma das garantias de dar sentido as imagens que produzimos, indo além do mero registro vem sem sombras de dúvidas desse “compartilhar”³⁸. Bem é como nos diz Fonseca, suas posturas e falas estão sempre denunciando o grau de intimidade etnográfica e os padrões de interação estabelecidos no decorrer da pesquisa.

³⁸ O termo compartilhar com certeza nos remete a Rouch, e seu método de trabalho conhecido como *Antropologia Compartilhada* ou *feedback*, método que associa os personagens diretamente ao processo de pesquisa, na medida que apresenta aos mesmos suas próprias imagens levando-os a comentá-las, discuti-las durante as filmagens e posteriormente, este procedimento vai implicar acima de tudo um olhar sobre si mesmo, um encontro de lógicas e culturas distintas. Apesar de não ter feito uso do feedback como procedimento de pesquisa, acredito que posso usar esse termo, pois o compartilhar, está presente desde as primeiras etapas do processo fílmico, desde o momento que você liga a câmera.

Capítulo 2

Quem são *elas*?

Essa pesquisa, como ressaltai na introdução, tem as travestis como sujeito e passo para elas a tarefa de se “autodefinirem”:

“Travesti é mulher com pau”.. (Gilda)

“Travesti é alguém que se veste e se comporta como mulher 24 horas por dia” (Laura e Raquel).

“É um homem vestido de mulher ... que quer ser mulher ... ou se veste de mulher” (Helô).

O meu objetivo neste capítulo é o de apresentar – ainda que de forma incipiente – as informantes dessa pesquisa. Para isso, procurei traçar um breve perfil de cada uma delas e contextualizá-las³⁹. Utilizei, para tanto, dados das entrevistas, bem como das nossas tão frutíferas e animadas conversas, onde ouvi um pouco das trajetórias singulares desses sujeitos. Com vocês: Helô, Raquel, Laura de Vison, Gilda e Zezé.

Helô

“Eu fui estrelíssima, maravilhosa, linda..”.

Helô me foi indicada pela Charla, como ressaltai na parte introdutória, por ser, segundo a mesma, uma das travestis mais “antigas” que ela conhecia. A minha primeira entrevista com Helô foi realizada em seu apartamento, localizado no bairro da Lapa, no dia 25 de fevereiro marcada para as 3 horas da tarde. Ao sair do elevador em direção ao seu apartamento, este se encontrava com a porta da sala aberta. Parei diante da mesma e, como não via ninguém, resolvi tocar a campainha. Logo após o término do primeiro toque, surgiu

³⁹ Tento neste capítulo aproximar um pouco mais o leitor de minhas interlocutoras, de suas personalidades, do ambiente em que vivem dando asas as minhas interpretações sobre aquilo que me foi permitido ver e ouvir.

Helô, vestida com uma calça do tipo pescador – calças cujo comprimento ia até alguns centímetros abaixo do joelho – uma camiseta branca de listras pretas e sandálias. No rosto, nenhuma maquiagem. Helô é uma travesti, com 79 anos de idade, pele de cor branca, magra, estatura baixa, de cabelos curtos e já praticamente tomados pelos fios brancos.

Ao me receber, Helô pediu que eu não reparasse em sua casa, pois “não ligava mais para essas coisas de arrumação de casa” e não via mais sentido em preocupar-se com isso. Pediu também que eu não me incomodasse com o barulho de seus cachorros – Helô tem cinco cachorros, quatro fêmeas e um macho, todos com nomes próprios de pessoas – pois apesar de tê-los colocados presos entre o corredor que ia da sala para o quarto, eles não iriam ficar quietos durante muito tempo, já que estavam acostumados a ficar perto dela todo o tempo. Convidou-me, então, para sentar num sofá de três lugares que ficava localizado no canto esquerdo da sala, ao lado de uma pequena mesa redonda, onde podíamos encontrar um abajur, o telefone e alguns porta-retratos com fotos suas quando mais jovem. A sala, de seu apartamento, era decorada com esse sofá de três lugares, uma cristaleira repleta de louças de prata, um móvel onde se encontravam dispostos vários vasos de porcelana, antigas garrafas de vidro vazias e algumas de bebidas, um balcão com fotografias (algumas já mencionadas no capítulo anterior: uma sua mais atual, outra de sua mãe quando jovem e uma de sua irmã vestida de noiva). No centro desse balcão tinha uma foto, em um grande porta retrato, da atriz francesa Brigitte Bardot quando jovem – a quem ela devota verdadeira adoração- e dos seus cachorros. Havia também um jarro de flores vermelhas de plástico, dois castiçais de ferro em tamanho grande, alguns bibelôs de porcelana e um jarro de vidro com cata-ventos dentro. Nas paredes, alguns quadros e gravuras de pintores brasileiros, além de uma calota de pneu.

O quarto era decorado com uma cama de solteiro, enfeitada com ursos e cachorros de pelúcias, um armário de madeira antigo com três portas – onde estão expostas na parte exterior inúmeras fotos de homens seminus (artistas de televisão e jogadores de futebol, todos bem jovens) – uma mesa onde colocava a televisão, uma escrivaninha de madeira, com livros e repleta de pequenos bibelôs, papéis e um abajur vermelho, um sofá de veludo imitando pele de onça de apenas um braço – móvel que é o seu xodó. Nas paredes do quarto, podemos encontrar algumas prateleiras enfeitadas com mais bibelôs, ursinhos de pelúcia, quadros com fotos do jogador Edmundo (na época jogador do time carioca Vasco

da Gama), anjos de gesso, alguns auto-retratos em forma de caricatura e a parte de cima de um manequim feminino de loja decorado com um adereço de fantasia de carnaval dourado. Ao mostrar seu guarda-roupa para mim, fiquei impressionada com a quantidade de roupas – guardadas com muito cuidado e organização – acessórios e sapatos (muitos sapatos, de todos os tipos para todas as ocasiões). Havia algumas roupas e sapatos de *griffe* que ela guardava em sacos ou caixas como verdadeiros troféus de um tempo de muitas reuniões, festas e coquetéis, época que, como ela mesmo ressaltou em seu depoimento, era uma *estrela*, e que estava muito presente ainda em sua memória.

Helô nasceu no Rio de Janeiro e sempre morou na cidade. Foi criada pela segunda mulher de seu pai – já falecida e de quem fala com admiração, gratidão e muita saudade. Ao compará-la com sua mãe biológica, enfatizou que não tinha bom relacionamento com a esta, pois ela não a aceitava e compreendia como a sua madrasta e mãe de criação. Tinha mais duas irmãs com quem, atualmente, mantém contatos esporádicos. Procurou em seu depoimento deixar claro que não teve problemas de relacionamento com seu pai ou com suas irmãs.

Durante muitos anos, trabalhou como decorador da Secretaria Municipal de Turismo do Rio de Janeiro, época de sua vida lembrada com muito orgulho e saudade. Nessa época não havia ainda se transformado em travesti: usava roupas e acessórios femininos e se comportava como mulher apenas em ocasiões específicas – na maior parte das vezes quando ia a bailes de carnaval. Não era seu objetivo chocar, como ela ressaltou: *Andava normal... na parte de cima eu tinha peito, mas usava blusas largas, na parte de baixo eu andava de calças como homem... sereia, entende?* Foi somente quando se aposentou, no ano de 1975, que passou a ser uma travesti vinte quatro horas por dia. Durante todo o período que trabalhou na Secretaria de Turismo teve uma vida social muito intensa: sempre recebia amigos em seu apartamento e lhe dava prazer ver a casa cheia de gente. Devido ao seu trabalho, manteve relações com pessoas da sociedade carioca da época, artistas, políticos e intelectuais. Ela guardou um dossiê da época em que era funcionário da Secretaria, composto com fotos de suas exposições, de comentários dos jornais sobre as mesmas, além de fotos suas com celebridades da época. Trabalhou também como decorador da Sala Cecília Meirelles – localizada no bairro da Lapa – e da primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, decorando festas de casamentos. Helô não tinha nenhum

trabalho paralelo ao de decorador, isto é, nunca freqüentou a pista e, nem tampouco, fez parte do mercado do show *business*.

Ao contrário dessa época, hoje ela procura enfatizar a tranqüilidade com que vive. Quase não sai de casa e, quando sai, é para ir eventualmente a casa de uma de suas irmãs para almoçar, para resolver problemas bancários ou para o teatro. Ressaltou que só gostava de freqüentar lugares finos, de “gente fina”. Não dava mais festas e, tampouco, freqüentava alguma, preferindo ficar em casa na companhia de seus animais, os quais, todos os dias, no final da tarde, levava para passear pelos arredores do prédio. Em casa, gostava de se dedicar à leitura de jornais como a *Tribuna do Correio*, e a escutar música. Como achava que a televisão aberta só passava *porcaria*, o que costumava assistir era o Jornal Nacional, programa transmitido pela emissora TV Globo, e o programa Sem Censura, transmitido pela TV/Cultura, programa este que assistia para pegar autógrafos dos artistas e colocar no seu livro de autógrafos que um dia desses pretendia vender.

Quando pensei em traçar o perfil de Helô, de imediato me veio à mente a sua maneira lúcida e sem “papas na língua” de falar. Sem medo ou receio de dizer o que pensa, nas suas falas as reticências não tiveram lugar. Foi como ela mesma, em um determinado momento, de uma de nossas conversas informais, se definiu: “*Eu sou assim mesmo, tenho uma língua ferina, minha filha!. Eu era revolucionária, gostava de aparecer*”. Ao mesmo tempo, quando olhamos para ela, nos deparamos com uma travesti de gestos e roupas discretas, de voz serena, mas firme e de maneiras muito educadas.

Helô sempre me perguntava os motivos que me levaram a ter interesse pelas travestis, e por sua vez me aconselhava a não ir a determinados lugares, principalmente à noite, porque eram perigosos. Em diversas ocasiões, ligou para casa onde eu ficava hospedada no Rio para saber como “andavam as coisas”, e para me indicar algumas pessoas que ela achava que eu devia entrevistar, como a Rogéria e a Gilda. Como não gostava de atender ao telefone, me propôs que tivéssemos um código, uma espécie de senha que identificasse minhas chamadas telefônicas para ela. Assim estipulou: que eu deixasse o telefone tocar três vezes e desligasse em seguida, para depois ligar de novo. Dessa forma, ela saberia que era eu e iria atender e, desse modo, eu passei a agir toda às vezes que a telefonava. Helô era uma daquelas pessoas que num primeiro momento pode fazer uma

pesquisadora de primeira viagem, como eu, ser apanhada por um certo excesso de timidez. Ela me recebeu muito educadamente, de forma muito polida, procurando deixar claro no meu entender que ela era bem diferente das travestis que participavam do chá. Ao mesmo tempo, me olhava com certa desconfiança e descrença: afinal, o que uma menina (era assim que ela se referia a mim) poderia querer com ela e, mais do que isso, será que teria algo realmente interessante a lhe oferecer?. No entanto, não foi necessário muito tempo de conversa para que surgisse entre nós um diálogo mais fluido, sem tantas ressalvas de ambas as partes, e o que para mim parecia ser uma relação difícil a princípio, transformou-se, à medida que conversávamos e que ela ia se sentindo mais à vontade e confiante, numa afinidade muito especial. Muitas vezes conversamos como duas recém amigas, trocando impressões, opiniões e algumas confissões.

Raquel

(...) Eu não tive infância. Agora a minha infância talvez esteja sendo agora depois de velha... que a gente volta a ser criança.

Raquel nasceu no estado de Minas Gerais e foi morar no Rio com um ano e meio de idade, só retornando a sua cidade natal como visitante, agora com seus 64 anos. Raquel é morena clara, de estatura mediana e está, segundo ela, um pouco acima do seu peso, devido a um problema de saúde. Seus cabelos caíram e ela fazia uso de perucas, desde as de cabelos longos de cor loura até as do tipo chanel, de cor castanho. Raquel é uma pessoa de temperamento doce, de voz mansa, de gestos contidos, extremamente vaidosa – de tempos em tempos, sempre tirava da bolsa um batom de cor vermelha para passar nos lábios. De todas as minhas informantes, Raquel foi com quem passei mais tempo, com quem tive oportunidade de uma convivência mais estreita. Todas as vezes que nos encontramos, estava um pouco maquiada, com os cabelos bem arrumados, com blusas decotadas, sempre vestida com saia ou calça jeans, sempre – mesmo que de forma comedida - com alguma sensualidade. De aparência muito jovial, mas primando sempre pela discrição e delicadeza.

Raquel morava sozinha em um apartamento do tipo conjugado localizado bem no centro da cidade. Era um apartamento bem pequeno, mas confortável. A sala era decorada com um sofá-cama – porque no passado ela já alugou vaga para rapazes - um sofá de dois lugares adornado com almofadas coloridas, uma mesinha de centro, decorada com um vaso sem flores e bibelôs, uma estante onde estão dispostos o aparelho de som, a televisão, pequenos objetos de decoração – como pequenas caixas de porcelana, anjos de gesso, quadros e seus troféus, ganhos por ser uma das travestis mais antigas da Lapa e por ajudar as travestis soropositivos, todos recebidos por intermédios de outras travestis em ocasiões de festas. O quarto era decorado de forma bem simples: uma cama de casal, uma mesinha de cabeceira, um armário de três portas; era o único cômodo do apartamento que tinha janela, que dava para uma das praças mais famosas do Rio, o Campo de Santana, e também para a Central do Brasil. Era nessa janela, olhando o movimento, que ela passava, muitas vezes, as suas tardes.

Minha experiência de campo com Raquel foi completamente diferente, se comparado com os outros sujeitos da pesquisa. Foi depois de muitos encontros informais, passeios no centro da cidade, ida ao cinema, a seminários e almoços que, enfim, foi marcada nossa primeira e única entrevista de caráter formal. Foi à última entrevista realizada em campo, exatamente no dia 12 de abril. Marcamos às 2 horas da tarde em seu apartamento. Ao chegar, encontrei Raquel vestida com uma camisola de algodão, bem à vontade, e antes de começarmos a tal da entrevista, ela me pediu que eu a aguardasse se vestir e se arrumar um pouco. Enquanto isso, pediu que eu visse as fotos que tinha separado.

Antes de começarmos, Raquel recebeu a visita de Vânia⁴⁰, o que fez com que a entrevista marcada para as 2 horas começasse apenas por volta das seis horas. Raquel era de

⁴⁰ Vânia é uma travesti beirando os trinta anos, de cabelos louros, alta e de corpo bem torneado. Vânia ao entrar me encontra sentada na beira da cama observando Raquel se arrumar, nos seus olhos mesclam-se expressões de surpresa, afinal não me conhecia, de desconfiança, afinal o que uma mulher com uma filmadora estava fazendo sentada na cama da Raquel? (ela não teve dúvidas quando ao fato de eu ser mulher, logo que chegou apenas confirma em voz baixa com a Raquel : é mulher né?) Logo após as devidas apresentações – Raquel me apresenta como uma colega dela que mora em Florianópolis e veio entrevistá-la para um trabalho de mestrado – e sem nenhuma cerimônia, ela de imediato me pergunta quanto estou pagando para que a Raquel me conceda a entrevista, e que dependendo do valor, ela pode me dar uma entrevista também. Não aceita muito bem quando lhe esclareço que já havia combinado com a Raquel antes e que não teria condições de pagar-lhe a entrevista, não que não achasse que devesse, apenas não tinha recursos financeiros para isso. Minha resposta não foi suficiente para ela e apenas serviu para que a mesma me interpelasse- acho que nesse

origem humilde: sua mãe teve doze filhos, cada um de um pai diferente, como ela mesma ressaltou. Quando veio para o Rio com a mãe, foram morar em uma casa de família para a qual sua mãe trabalhava como empregada doméstica. A dona da casa tinha um sobrinho que a estuprou quando tinha oito anos de idade. Após sofrer esse estupro, Raquel passou a “servi-lo” sexualmente até os seus dez anos, em troca de alguns presentes e dinheiro. Disse que praticamente foi criada pela patroa de sua mãe e, se desde de cedo era afeminado, isto se devia justamente ao tipo de criação que essa senhora lhe deu. Durante toda a sua adolescência, pulou de colégio interno para colégio interno. Trabalhou vendendo jornais na rua e em um escritório no centro da cidade até que, com 24 anos, por intermédio de uma de suas irmãs que tinha amigos influentes, conseguiu entrar para o Ministério do Trabalho, na função de datilógrafa/escrituraria, e por lá ficou até se aposentar por volta dos cinquenta anos. Quando entrou para o Ministério, Raquel ainda não era a Raquel que eu conheci, e sim Barbosa, que é seu sobrenome de batismo. Foi se tornando Raquel gradativamente enquanto trabalhava no Ministério: trabalhou durante vinte e seis anos e só a partir do décimo oitavo ano de trabalho passou a ser chamada de Raquel por todos. Relatou-me que, mesmo trabalhando de terno e gravata, as pessoas a achavam diferente, e que seu comportamento, no início, foi marcado pela timidez. Não conversava com ninguém, tinha

caso, caberia melhor intimasse pois foi como se estivesse sendo intimada que me senti -, de forma constante, e sem me dar muito tempo para argumentações. Enquanto ela me fazia inúmeras perguntas, do tipo: porque estou estudando travestis?. Afinal a gente – os pesquisadores -já não se cansaram disso?. Por que não estudamos nós próprios?. E porque a gente sempre vinha com essa conversa de não ter dinheiro, se eu sabia que ia fazer a pesquisa porque, não juntei uma verba para pagar ao entrevistados?. Por que morando em Florianópolis não estudo travesti de Florianópolis, já que em todo lugar tem travesti. E se eu não tinha dinheiro que pagasse pelo menos uma pizza para elas lancharem. Eu pensava que da minha reação nesse momento dependia a minha entrevista, não falo aqui pela Raquel, que em determinados momentos a cortava, com exclamações do tipo: deixa a menina em paz, ela legal, tadinha não tem dinheiro... , mas por ela mesma, porque se não a fizesse compreender que não queria explorar (pelo menos não no sentido negativo dado por ela) a Raquel, ela não me deixaria continuar. Após respirar fundo e me acalmar, por que não posso negar que a situação que se configurou naquele momento me perturbou, explico a Vânia o teor de minha pesquisa, um pouco da história da minha vida para que ela entendesse os motivos da minha ida a Florianópolis e principalmente o fato de viver em Florianópolis apenas com os recursos provenientes do recebimento de uma bolsa de mestrado fornecida pelo departamento de Pós-Graduação o qual sou vinculada. E continuo, dizendo que concordo plenamente com ela que as entrevistas deveriam ser pagas, e que acima de tudo, como ela precisava trabalhar para prover seu sustento, eu gostaria que ela pudesse entender que eu também estava apenas “trabalhando”. Bem a partir daí, os ânimos se acalmaram e continuamos nossa conversa a três, saboreando os pés-de-moleque feitos pela irmã do meu pai para que eu lanchasse na viagem de volta a Florianópolis e que eu tinha levado para Raquel, pois sei que gosta muito de doces, até que a Vânia resolve ir embora, por volta das 18hs para ir a academia, mas sem antes dizer que achava uma pobreza pagar a entrevista com pé-de-moleque, mas que, pelo menos estavam muito gostosos.

vergonha que notassem que era *bicha*. No entanto, não obteve sucesso em sua empreitada, pois todos que tinham contato com ela no trabalho logo passaram a fazer observações, do tipo: *logo que você entrou já sabia que era bicha*. Raquel ressaltou que durante o tempo que trabalhou no ministério não sofreu nenhum tipo de perseguição e que construiu boas relações com seus patrões e colegas de trabalho. Contou-me com riqueza de detalhes o bom relacionamento que teve com um chefe de sua sessão que a ajudava com as compras de supermercado.

Paralelo a sua ocupação no Ministério, Raquel se prostituía na rua, na esquina da Praça Tiradentes, onde era constantemente vista pelos seus colegas do ministério. Enfatizou que se prostituía para ajudar no orçamento, pois nessa época morava com sua mãe e queria lhe dar todo o conforto, coisa que apenas com o salário do Ministério não era possível. Procurou ressaltar em seu depoimento que o trabalho no Ministério era sagrado: respeitava a todos e como era muito eficiente e sabia se comportar, não procurando chocar ninguém, todos a respeitavam e a aceitavam como era.

Além de batalhar na pista, Raquel também trabalhou no Cinema Íris, fazendo prostituição. Lembra com carinho e saudade dessa época, pois gostava de trabalhar no cinema. Pôde se relacionar com muitos homens, de vários tipos e teve a sorte de não contrair o HIV. Durante toda a sua vida, teve pouco contato com seus familiares, mas sempre manteve uma relação estreita e muito amorosa com sua mãe, de quem ela fala de forma muito emocionada, com muito respeito e amor. De todos os seus irmãos, só manteve e ainda mantém contato com duas irmãs – a mais velha, inclusive, na época de nossos encontros, estava doente e era assistida pela Raquel. A outra, ressaltou, nunca aceitou muito bem o fato dela ser como era, mas disse que não ligava, por que o que realmente importava era sua mãe e a irmã mais velha.

Após a morte de sua mãe, Raquel passou a morar sozinha e, apesar de ter um bom relacionamento com “as pessoas do seu meio”, se definiu com uma pessoa de poucos amigos, travestis, gays ou não. Seus verdadeiros amigos já faleceram vítimas da AIDS. “*Eu sou uma pessoa que gosta de brincar, gosto de inventar nomes, chamo as pessoas de chuparina, cú nas trevas (quando não gosta das pessoas), João Rola, etc...*”

Raquel acordava tarde, pois ficava até de madrugada assistindo novelas e filmes na televisão. Quando saía à tarde, era para visitar sua irmã mais velha, ou para “bater perna”, ou, às vezes, para ir ao chá organizado pela Charla. Às vezes, a noite gostava de ir a Lapa, para ver o movimento, e também para distribuir camisinhas. Ela participava ativamente como voluntária em ONG’s, como o Arco Íris e o Pela Vida. Gostava de viajar, conhecer outros lugares – de vez em quando visitava um amigo gay que morava em Belo Horizonte. Raquel teve vários relacionamentos amorosos, com homens bem mais jovens que ela, relacionamentos estes em sua maioria bem duradouros, mas que, segundo ela, lhe renderam mais aborrecimentos do que momentos felizes. Seu maior sonho era fazer a cirurgia de troca de sexo e disse que, se tivesse condição financeira para isso, o faria, mesmo correndo todos os riscos que sua idade avançada acarretava. Seu desejo era o de morrer com a genitália feminina, pois não gostava de possuir órgão sexual masculino.

Laura de Vison

Eu sou uma figura de carnaval.. da Lapa.

Falar de Laura de Vison, não é uma tarefa nada fácil. Traçar seu perfil através das palavras, então, é no mínimo, a meu ver, de uma injustiça para com toda a sua exuberância e extravagância, para com seu vigor e alegria contagiantes. A Laura não tem apenas uma personalidade exuberante. Seu físico, de uma certa forma, também poderia ser caracterizado assim. De estatura mediana, pesava mais de 100kilos – o que não a impedia de se movimentar com muita desenvoltura e de forma frenética em seus shows – seus cabelos eram lisos, longos e escuros, mas, constantemente, os utilizava presos em um rabo de cavalo. No seu rosto redondo, destacavam-se os grandes e expressivos olhos. Laura fez questão de frisar que se sente muito bem com seu corpo gordo e que este tinha seus atrativos como, por exemplo, os volumosos seios, frutos, segundo ela, de hormônios femininos e da sua própria anatomia. Esses traços característicos da sua personalidade eram exaltados nas fotos que ficavam dispostas nas paredes do seu apartamento. Eram fotografias de Laura sempre vestida com roupas decotadas, cheias de brilho e plumas, muito bem maquiada, cabelos muito bem penteados, e sempre ostentando um enorme sorriso no rosto.

Nossa primeira entrevista foi realizada em seu apartamento, no bairro da Glória, no centro da cidade, no dia 18 de março, a partir das três da tarde. Laura, como as outras, também morava sozinha. Como companhia, apenas dois cachorros. Seu apartamento era bem espaçoso, tipo um duplex, mas ela só utilizava a parte de baixo, pois a outra estava em reformas. À parte de baixo do apartamento era composta por quarto, sala, uma varanda, cozinha, uma pequena área de serviço e um banheiro. Sua sala era decorada com dois sofás de três lugares cada um, uma mesa para as refeições, uma pequena cômoda onde ficava o telefone e uma agenda, uma esteira de ginástica – que ela não usava – uma estante com muitos livros de história, filosofia, enciclopédias, discos de vinil, CDs, inúmeros troféus, seus álbuns de fotografias e algumas revistas antigas. Num dos cantos da sala, um móvel, onde eram colocados a TV, o vídeo e o aparelho de som. No quarto, que também servia como camarim, tinha uma cama de casal e um armário de quatro portas. Nas paredes estavam penduradas com pregos algumas de suas inúmeras perucas, além de quadros com fotos suas de shows. Por conta de suas atividades no ramo dos shows de transformismo, Laura tinha um considerável guarda-roupa, com vestidos longos, de vários modelos e cores, muitos sapatos e acessórios; suas perucas espalhadas pelo quarto eram um caso a parte: de todos os tipos, desde das tradicionais às mais inusitadas possíveis como, por exemplo, uma de cabelos crespos bem volumosos adornados com vários passarinhos.

Laura de Vison é uma personagem do Rio de Janeiro. Muito conhecida entre a população carioca, já participou por duas vezes como convidada do programa de entrevistas de Jô Soares, transmitido na época pelo SBT. Participou também como comentarista de um outro programa da casa, apresentado por Gugu Liberato, e que ia ao ar aos domingos à tarde. Já participou de filmes, sendo até personagem principal de um deles. O filme *Mamãe Parabólica* lhe rendeu prêmio de melhor ator no festival de cinema de Brasília. Já participou também de comerciais; de inúmeros desfiles de carnaval; já foi matéria jornalística de várias revistas, nacionais e internacionais, como por exemplo, a extinta Manchete, a revista adulta *Sexy* e a revista alemã *Stein*. Participou do primeiro show de travestis e transformistas realizados nos palcos cariocas, o *Le Girls*. Se no início de sua carreira no teatro, que remonta à segunda metade do século XX, participou de algumas peças e realizou shows onde se apresentava sempre em vestidos longos e luxuosos cantando ou dublando cantoras nacionais e internacionais, na década de oitenta do mesmo século

inaugurou um gênero de show nos teatros e casas noturnas da cidade que, além de causar os mais variados sentimentos que vai da admiração ao espanto, era único e sobrevivia até hoje. Laura o batizou como escatológico⁴¹, e o definiu como um tipo de espetáculo muito chocante, pois se apresenta sempre com uma maquiagem – inventada por ela – muito específica, onde o rosto fica completamente branco, os olhos pintados de forma bem marcante e exagerados, a partir de uma composição de várias cores; a sua boca, pequena, ganha outros contornos através do batom muito vermelho. Esta maquiagem lembra muito a que é utilizada pelas drag-queens. Inclusive, Laura disse que esse tipo de maquiagem, usada pelas *drags* atualmente, foi criado por ela e copiada pelas últimas. No show, ela ficava nua pendurada pelos seios numa corda, simulava sexo oral numa galinha de plástico ou que estava comendo cérebro humano, entre outras performances.

De todas as minhas informantes, Laura foi à única a frequentar a faculdade, formando-se em História e Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Relatou que, apesar de ter sofrido preconceito na faculdade, rebateu a discriminação com muito esforço e inteligência. Lecionou em escolas particulares e municipais do Rio de Janeiro, onde trabalhou por dezoito anos até se aposentar. Como professor do estado, dava aulas de terno e gravata – pois no início tinha medo de sofrer algum tipo de represália por parte dos alunos e professores – alguns anos antes de se aposentar, quando deixou o terno de lado e passou a trabalhar com roupas mais informais. Paralelo a sua atividade como professor, Laura já trabalhava no ramo de shows e, nos fins de semana, fazia *pista* na Lapa. Segundo ela, para engordar seu orçamento. Começou a trabalhar no teatro desde a década de 60 do século passado e não parou mais.

Os pais de Laura faleceram e ela tem quatro irmãos – três mulheres e um homem – e inúmeros sobrinhos e primos. Tem uma família extensa e era fácil encontrá-los nos fins de semana em seu apartamento. Ao falar dos seus pais, observou que teve alguns problemas de

⁴¹ Santos ao tratar da anti-arte pós-moderna, fala a respeito de três estilos artísticos que penso que servem para captar um pouco da proposta da Laura em seu shows. “Desestetizada, desdefinida, desmaterializada, a arte sumiu mas sobrou o artista. O happening é a intervenção – preparada ou surpresa – do artista no cotidiano, não através da obra, mas fazendo da intervenção uma obra. É o máximo da fusão arte/vida como queriam os pós-modernos, pois utiliza a rua, a galeria, pessoas e objetos que estão na própria realidade desencadear um acontecimento criativo. A performance é uma variedade do happening, ela atrai a atenção para o artista e os materiais que ele utiliza para chocar o público sob algum aspecto. E por fim a arte processual, objetos, jornais, fotos, postais, alimentos, tudo pode dar arte. Qualquer processo que intervenha sobre a

relacionamento com o pai, pois o mesmo sempre implicava com seu jeito, seu modo de se vestir, sobretudo quando colocava muito perfume; da mãe, que, ao contrário, sempre a entendia, tem muita saudade e admiração. Podemos dizer que Laura ganhou fama no Rio, quando começou a trabalhar no Boêmio, uma boate de propriedade de um suíço, localizada no centro da cidade e que era freqüentada por artistas de cinema, televisão, teatro, por cantores, políticos, intelectuais, além do público gay. Laura trabalhou no Boêmio por vinte e um anos até a boate fechar as portas devido a problemas pessoais do dono. Para ela, o Boêmio representou um divisor de águas na sua vida: antes e depois do Boêmio.

Atualmente, Laura trabalhava na Casa Grande, uma boate, segundo sua informação, para homens⁴² e travestis, localizada no bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio, e também como *hostess* da Lê Boy, uma boate para o público gay localizada em Copacabana, além de fazer shows esporádicos em casas de prostituição e massagens. Quando estava em casa, gostava de se dedicar aos afazeres domésticos, especialmente de cozinhar, de ir ao supermercado, e de passear pelos arredores do prédio. Laura é muito popular não apenas no prédio onde mora, mas também entre os vendedores ambulantes do bairro: andar nas ruas do bairro com ela era tarefa para quem não estava com pressa. Entre um passo e outro, parava para cumprimentar e conversar com algum vendedor que encontrava, ou com um morador do bairro. Quando não estava trabalhando, o que lhe dava mais prazer era a *pegação*, isto é, sair para arrumar namorado. Laura também participava em algumas ocasiões como voluntária na prevenção da AIDS, distribuindo camisinhas, participando de seminários, e fazendo shows beneficentes. Em 2001 ganhou um troféu do Arco-Íris pelo seu ativismo. Usando uma expressão muito popular no Rio, para a Laura não tinha “tempo ruim”, ou seja, ela parecia encontrar-se sempre disposta para trabalhar fazendo seus animados e impressionantes shows, para passear pelas ruas do bairro da Glória, ou mesmo para um bom bate-papo em seu apartamento. Sempre muito educada, atenciosa, gentil e, principalmente, bem humorada, características que a tornavam uma daquelas pessoas que, quando estão ao nosso lado, não sentimos o tempo passar. Uma das marcas da Laura, como

realidade para modifica-la, desequilibrá-la de modo inventivo é arte. O que dizer da Laura em um de seus shows fazendo sexo oral numa galinha de plástico morta? (Santos, 1988)

⁴² A princípio quando elas falam homens elas estão se referindo a heterossexuais, mas essa classificação é de modo algum estável, às vezes elas se contradizem e ressaltam que homem que é homem (heterossexual) não transa com outro homem. Quando estive na boate pude constatar a maciça presença de rapazes entre 20 e 30 anos.

já salientei em outro momento, era sua exuberância e forma desinibida de viver, e isso, por vezes, ela procurou me mostrar durante nossas entrevistas. Como ilustração, evidencio aqui, as muitas vezes que ela mostrou-me, orgulhosamente, os fartos seios, colocando-os para fora da blusa enquanto a filmava. Como, na verdade, já conhecia a “fama” da Laura, não me causou nenhum tipo de “espanto” ou “constrangimento” sua atitude. Não que esperasse que a qualquer momento ela usasse desse expediente, apenas o vi a princípio como parte de sua performance. Contudo, pensando sobre o assunto com mais calma e tendo em mente o fato que ela esta sempre mostrando os seios, passei a ver essa atitude mais do que uma simples performance artística: acredito que, ao mostrá-los, ela estava nos indicando que, apesar de seus mais de 60 anos, ainda tinha muito a nos oferecer e que procurava viver com muita alegria e disposição.

Gilda

Eu cheguei no meu desenho ... tem pessoas que são muito felizes com peito e pau.

Gilda tem 59 anos, é morena-clara, alta, tem um corpo de formas fartas e bem torneadas, faz um estilo *mulherão*, cabelos longos e louros, de aparência sensual, de gestos muito expressivos, Gilda fala com as mãos – de unhas longas e bem tratadas, e com os seus grandes olhos, e com o corpo, que esta sempre em movimento enquanto conversa comigo. Sua voz é firme, e às vezes ganha um tom de acusação, principalmente quando lembra as agruras por quais já passou durante sua vida. Logo no inicio da entrevista, ela avisa-me: *eu não sei se é esse tipo de depoimento de vida que você quer... mas é que eu só faço depoimento de vida denunciando*⁴³.

⁴³ Gilda, ao falar das discriminações por quais passou quando morava em sua cidade natal, enfatiza que a sociedade mineira é muito hipócrita, como o país como um todo. “As pessoas se preocupam muito mais com que o outro faz na cama do que com o que ela mesma faz”..No Brasil fala mais alto quem tem dinheiro, quem é famoso...

Gilda é uma das cabeleireiras mais conhecidas da zona sul, é proprietária de um salão há muitos anos localizado em um dos bairros mais sofisticados dessa região. Cortar, ou pentear o cabelo com Gilda, não é para qualquer mulher, ou seja, como diz a expressão muito comum entre os cariocas, *tem que ter bala na agulha*. O salão funciona de terça a sábado, das 8 às 18 horas ou até um pouco mais tarde dependendo do tipo de cliente que chega na última hora. A hora que for, o salão esta sempre cheio, e a clientela é formada por mulheres da sociedade carioca, das mais jovens, as distintas senhoras de oitenta anos, e por atrizes globais. E todas essas atrizes, estão espalhadas através de fotos e cartazes no interior do seu salão decorando as paredes, como prova não apenas de seu sucesso como cabeleireira, mas principalmente servindo como indicadores e demarcadoras do seu círculo social. O fato de ser uma profissional de sucesso e talento lhe permitiu o acesso a um mundo de festas, reuniões e eventos considerados *vip*.

Conseguir uma entrevista com Gilda, não foi fácil, ela é uma pessoa muito ocupada e como não quis marcar as entrevistas no seu apartamento, todos os nossos encontros aconteceram no salão, enquanto trabalhava. Portanto, entre um corte e outro, entre os intervalos de um penteado ou depois de ter saído à última cliente, as entrevistas iam acontecendo. A nossa primeira entrevista foi realizada no dia 1 de Abril, por volta das seis horas da noite.

Gilda nasceu no interior de Minas, mas foi criada em Belo Horizonte, capital do estado. Proveniente de uma família abastada que veio a descer na escala social devido a problemas de alcoolismo enfrentados pelo seu pai, freqüentou quando criança o colégio de freira de propriedade de seus familiares. Gilda é o filho mais velho e tem mais seis irmãos, três irmãos e três irmãs. Nos conta que com 13 anos de idade fez sua primeira fantasia, uma Salomé com muitos véus, uma ousadia que lhe rendeu problemas entre seus familiares e seus colegas de escolas. Acredita, que por conta do preconceito da família, não conseguiu freqüentar a faculdade, por precisar trabalhar desde de cedo.

Comenta que, devido ao preconceito das pessoas, enfrentou muitas dificuldades no início de sua carreira como cabeleireira, por isso só conseguiu trabalhar na zona boêmia da cidade e nas horas vagas se prostituía, segundo ela, por um misto de prazer- por que escolhia apenas os melhores homens – e por necessidade, pois ganhava pouco como

cabeleireira. Foi pulando de salão a salão, ganhando respeito e adquirindo sucesso na profissão até vir em 1965 para o Rio e conseguir montar seu próprio estabelecimento. Além de sua carreira como cabeleireira, Gilda escreve peças para teatro, poesias (tem cinco livros de poesia editados) e contos, além de um livro autobiográfico, que inclusive, foi premiado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nas suas horas vagas, costuma correr na praia, ficar em seu apartamento lendo um livro, vendo TV, e em algumas ocasiões também gosta de receber uns poucos amigos em casa para um lanche tipicamente mineiro, com muito pão de queijo. Nos fins de semana costuma ir para o sítio de sua propriedade para descansar. Segundo ela, nos últimos anos tem evitado as badalações noturnas, preferindo uma vida mais pacata.

Zezé

tudo é um aprendizado na vida...

A minha primeira entrevista com a Zezé foi marcada para o dia 26 de março às 9 horas da manhã, mas acabou não acontecendo. Por ter ficado muito tempo presa em um engarrafamento na ponte Rio- Niterói, chego no seu prédio com quarenta minutos de atraso e ao chegar na portaria, peço ao porteiro para interfonar para o seu apartamento, e depois de alguns minutos de espera, o porteiro avisa que ninguém atendeu, pergunto se por um acaso viu a Zezé descer, este diz que não e após explicá-lo que tinha marcado com ela, o porteiro dá permissão para que eu suba para confirmar se ela estava em casa ou não. Ao chegar em frente à porta de seu apartamento escuto um barulho bem alto de rádio, toco por três vezes a campainha até que desisto e desço. No entanto, fico muito preocupada porque o porteiro não tinha a visto descer e o seu carro estava na garagem, principalmente por que achei estranho ela ter saído de casa e deixado o radio ligado tão alto. Ao comentar com o porteiro da minha preocupação, este me aconselha a falar com um amigo dela, que tem uma barraca de camelô bem perto dali, pois acreditava que poderia encontrá-la conversando com ele. Seguindo as indicações do porteiro, localizo a barraca e o amigo de Zezé, conto brevemente o que aconteceu e ele me diz que já sabia da entrevista, e que também estava achando muito

estranho porque ela havia lhe dito que ia dedicar a sua manhã para essa entrevista. Como tinha outro compromisso, vou embora, deixando recomendações para que ele mais tarde passe na casa da Zezé para saber se estava tudo bem. À noite, quando chego em casa, ligo para ela e ao me atender esta me explica que, como eu não tinha chegado até as 9 horas e trinta minutos, ela resolveu subir para o apartamento de sua vizinha, com quem às vezes ela toma café e fica conversando até a hora do almoço. Após termos esclarecido nosso desencontro, marcamos um outro dia para que eu pudesse entrevistá-la.

Assim no dia 28 de março, numa sexta-feira à noite, por volta das seis horas foi realizada nossa primeira entrevista, em seu apartamento no centro da cidade, nas proximidades dos Arcos da Lapa, um dos principais cartões postais do Rio de Janeiro e de vários bares e casas noturnas. Zezé divide seu apartamento com uma cachorrinha, a quem ela trata como se fosse sua filha. Zezé é uma travesti de 59 anos, baixa, magra, com cabelos crespos na altura dos ombros, e pintados de louro, no dia da nossa entrevista me recebeu muito arrumada, vestindo uma blusa preta de mangas cumpridas com um decote que imitava a letra “v” e uma saia preta comprida com estampas amarelas. Seus cabelos estavam presos, penteados de uma forma que os cachos caíam sobre sua cabeça, o rosto maquiado, mas sem exageros. Sua voz é mansa e de tom baixo, seus gestos sempre muito delicados e educados, de temperamento tímido, quando me relata fatos mais íntimos de sua vida os faz escondendo o constrangimento num sorriso envergonhado.

Zezé nasceu no interior do Ceará, proveniente de uma família humilde, tem três irmãos, um homem e duas mulheres. Além, de seus pais e irmãos, conviviam na mesma casa, os seus avós maternos. Zezé recorda que, praticamente foi criada pela sua avó materna e que ela foi quem confeccionou suas primeiras roupas femininas. Aos 12 anos de idade, junto com um tio, veio morar no Rio de Janeiro. Seu primeiro emprego na cidade foi num ateliê de costura em Copacabana, foi funcionária deste local por nove anos até começar a trabalhar no ramo dos shows de transformismo. Nessa época, já iniciou seu processo de transformação em travesti, já fazia uso de hormônios, e em determinadas ocasiões já usava roupas e acessórios femininos. É a partir de um convite da Laura de Vison, que começa a fazer shows, seu estilo é completamente diferente, faz dois tipos de show: os chamados de *dublagem*, que elas se apresentam sempre em vestidos longos e brilhosos, e dublam cantoras nacionais e internacionais e o chamado de *caricata*, que é um

show que prima pelo humor, onde normalmente ela pode vestir-se de boneca, ou com uma roupa de alguma época antiga.

Zezé, já se apresentou em várias casas noturnas no centro da cidade, como o Cabaré Casa Nova, a Turma Ok, Gayfeira, entre outros. Paralela ao mercado do show de transformismo, Zezé também se prostituía nas ruas do centro, inclusive foi para a Europa, morou em Paris durante três anos, para trabalhar no ramo de show e prostituição. Lembra-se da época em que vivia com seus familiares com muita saudade, principalmente de sua mãe – já falecida – de quem ela fala com muita admiração e carinho. Apesar de estar longe de seus parentes, fala deles com muito afeto e sempre que pode, procura visitá-los, vê na família seu “porto-seguro”.

Quando não esta trabalhando, tem dois grandes prazeres: ficar em casa, escutando música ou sair para passear com um menino de nove anos, que é filho de um casal amigo, e a quem ela dedica um expressivo afeto, seus comentários sobre ele, sempre vieram acompanhados de muito emoção. Como os pais do menino são separados, ela acredita poder desempenhar o papel do “pai” em sua vida, estando sempre que possível em sua companhia, fazendo passeios, e às vezes ajudando financeiramente. Todos os dias, de manhã bem cedo, ela sai para caminhar com sua cachorrinha. Vez ou outra gosta de ir ao cinema, ou ir a festas de aniversários de amigos. Como tem um namorado, encontra-se com ele esporadicamente, normalmente nos fins de semana à noite.

Uma das coisas que mais me chamou atenção na Zezé, em relação ao seu comportamento, foram suas maneiras finas e elegantes, uma verdadeira *lady*. Sempre muito comedida e cuidadosa ao me narrar a sua vida, nossas conversas e entrevistas exigiam-me uma atenção redobrada, tinha muito receio que alguma pergunta ou comentário meu, pudesse causar-lhe algum constrangimento.

Apenas no intuito de dar relevo a alguns pontos em comum entre as minhas informantes, destaco alguns dos aspectos dos seus perfis. Todas as minhas informantes se declaram homossexuais e que “descobriram” que tinham desejo por outros homens desde de muito cedo, logo nos primeiros anos da infância. Gilda por exemplo, diz que desde os

seis anos sentia-se atraída por homens. E na verdade essa é uma narrativa bem recorrente entre as travestis (SILVA, 1993; Oliveira 1997; DENIZART, 1997) e que vem acompanhada de conflitos familiares, na escola, entre os amigos etc.. e que por sua vez pode desencadear em um afastamento de sua cidade de origem. É muito comum encontrarmos nas biografias de travestis da geração das minhas informantes, o período de sua migração (quando moram em cidades do interior) para cidades como Rio e São Paulo⁴⁴. Zezé quando me explica porque saiu de sua cidade natal, exclama: *eu queria ser livre!*.

Freire ao citar Weeks, observa que, ao tornar-se homossexual, o sujeito passa por quatro estágios assim definidos: “o da sensibilização”, que equivale ao sentir-se diferente; Raquel me fala que desde muito cedo se sentia diferente e com 8 anos teve sua primeira relação sexual⁴⁵, o segundo estágio seria “o da significação” quando é atribuído um sentido a essa diferença. O terceiro estágio seria “o da subculturalização”, que é o estágio do reconhecimento de si próprio através do envolvimento com os outros; Nesse sentido, Zezé me confessa que começou a se “transformar” em travesti aos poucos e à medida que ia se envolvendo com outros homossexuais que se vestiam de mulher. Silva, (1993) nos fala de uma fase do espelho para se referir ao travesti carnavalesco, o travesti histórico, que teatralizava para si ante o espelho, para um reduzido grupo de amigos, em festas ou praias desertas a virtualidade que a educação (e nesse caso me permito avançar, a polícia) ensina a evitar em qualquer situação, todo o tempo e em todos os espaços. O último estágio “o de estabilização”, que é o estágio da plena aceitação dos próprios sentimentos e modos de vida”.

Em suma, todas as minhas informantes se situam entre os segmentos de camada média baixa e alta, todas moram sozinhas em apartamentos de sua propriedade, com exceção da Gilda, todas residem em bairros do centro da cidade, próximos a pontos de prostituição de travestis e boates e casas de show para o público gay. Todas se conhecem, mas não mantêm vínculos de amizade. E, sem exceção, mesmo que de forma esporádica, mantêm relações com os seus familiares ainda vivos, para algumas, como a Laura e a Zezé o contato com a família é bem expressivo.

⁴⁴ Para maiores informações sobre as características do movimento migratório entre homossexuais, travestis ver : (Parker, 2000 e Green 2000)

⁴⁵ Sua primeira relação sexual aconteceu com sobrinho da patroa de sua mãe.

Capítulo 3

Transvestitismo⁴⁶ – um longo percurso....

Gostaria de ressaltar que esse capítulo se propõe a – mesmo que superficialmente – fazer um mapeamento da trajetória do *transvestitismo* em nossa sociedade, entendido aqui como um fato social, cultural e histórico, tendo como foco principal seus percursos na cidade do Rio de Janeiro, mas logicamente considerando sua emergência em outras cidades brasileiras ao longo dos anos. Convém lembrar que não tenho como objetivo tratar dos motivos e causas que levam determinados indivíduos a se *transvestirem*, meu interesse é salientar, com base em dados da literatura antropológica, e com base nas recordações de minhas informantes e, porque não, das minhas próprias recordações, o surgimento e algumas peculiaridades desse fenômeno.

1. Primeiros encontros com “os transvestidos”.

O universo dos chamados transgêneros é extremamente complexo e, como já foi salientado por vários autores⁴⁷, não comporta definições fechadas. O termo transgênero abarca travestis, transformistas, transexuais e drag-queens. Esse termo apareceu para mim não através da literatura especializada, mas através da Charla e, em algumas vezes, durante as reuniões da ONG e do chá. Nesse sentido, ele ganhou uma conotação eminentemente política, relacionada à problemática da identidade. Como nos informa Vencato (2002), o termo surgiu – na última década do século XX – para designar os diferentes modos de manifestações do transvestitismo, que se dá também no nível do desejo, mas passou a ser efetivamente reconhecido e significado quando aconteceu o chamado *cross-dressing*.

Quando os colonizadores espanhóis chegaram na América do Sul e Central eles se depararam com muitos costumes religiosos, comportamentos interpessoais e modos de expressar a sexualidade entre os ameríndios completamente estranhos às suas concepções

⁴⁶ Esse termo é utilizado por Silva em vários trabalhos (1993, 1996) e que utilizo nessa dissertação.

⁴⁷ Cf. Jayme (2001b)Vencato (2002), Kullick (1999).

culturais, à sua civilização. Dessa forma, mesmo antes de 1500, os espanhóis freqüentemente mencionavam em suas crônicas de viagens os costumes de homens vestindo roupas femininas, fazendo trabalhos femininos e se relacionando sexualmente com outros homens (Lang, 2000). É o que nos relata o espanhol Cabeza de Vaca ao chegar, por volta de 1500, onde é atualmente a cidade Coahuila, no México :

“Eu vi uma diabrura ... um homem casado com outro homem, e eles vestem-se como mulheres e eles fazem os trabalhos femininos, alguns efeminados, e eles atiram com arco e flecha e carregam coisas pesadas, e eles são maiores e mais altos que os outros homens eles são capazes de carregar muitas cargas pesada/ou obrigações /responsabilidades”. (Cabeça de Vaca, 1555:36).

Lang (2000) observa que, ao invés de os índios norte-americanos adotarem os papéis completamente femininos, eles combinam os elementos característicos de ambos os papéis/funções, variando os graus em diferentes proporções. Assim, ao invés de “se tornarem mulheres”, eles são vistos como um “*gênero separado*”, combinando elementos do masculino e do feminino. Desse modo, desde a primeira metade do século XVI se tem notícia desses costumes, de homens adotando parcialmente ou completamente o papel feminino dentro de sua cultura, de acordo como esta define o papel feminino. Essa instituição cultural onde homens preferem adotar papéis femininos, e vice-versa, tem sido chamado pela antropologia clássica como *berdache*, um termo que não passou despercebido ao crivo reconceitual das teorias pós-colonialistas (Lang, 2000).

“The term berdache as used by anthropologists is outdated, anachronistic and does not reflect contemporary Native American conversations about gender diversity and sexualities. To use this term is to participate in and perpetuate colonial discourse, labeling Native American people by a term that has its origins in Western thought and languages” (Jacobs,1994:7).

Os primeiros estudos antropológicos sobre os *berdaches* os identificavam como hermafroditas ou degenerados e, mais tarde, como homossexuais desviantes. No entanto, ambas categorias não dão conta da fenomenologia cultural dos papéis *berdache* (Herdt, 1996)

Podemos recorrer ainda a muitos outros exemplos da literatura antropológica sobre casos de transvestitismos masculinos⁴⁸. Nanda (1994) destaca a existência dessa prática entre os *Hijas* da Índia que, após serem submetidos a uma operação de castração dos órgãos genitais, passam a vestir roupas femininas e assumir comportamentos femininos. Os Hijas da Índia, como os eunucos ou hermafroditas, imitam muitos aspectos do papel de gênero feminino: eles vestem roupas femininas, usam cabelos e acessórios femininos, imitam andar, gestos e a voz feminina, as expressões faciais e a linguagem. Eles preferem parceiros sexuais masculinos e muitos se identificam eles mesmos como mulheres. Usam nomes femininos quando estão juntos da comunidade e usam termos de parentesco femininos, tais como irmã, tia e avó; nos transportes públicos sentam em locais apenas para senhoras e nos censos querem estar nas estatísticas como mulheres. Mas, como nos informa Nanda, suas maneiras e vestimentas femininas são freqüentemente exageradas, e na verdade são designados para contrastar com a conduta submissa normativa da mulher. As *performances* Hijas não são uma tentativa realista de imitação da mulher, mas têm um caráter de paródia. Muitos dos atos como, por exemplo, dançar em público não é do comportamento típico da mulher. Os Hijas usam a fala de forma abusiva e grosseira, são ásperos na forma de falar, entre eles mesmos e para suas audiências, o que é contrário ao ideal de feminilidade na Índia (Nanda, 1994).

Lang (2000) argumenta que na literatura antropológica as tradições de homens vivendo como mulheres e mulheres vivendo como homens nas culturas ameríndias têm sido por um longo tempo interpretadas como um meio pelo qual os homossexuais poderiam ser integrados dentro de suas culturas. No entanto, ela chama atenção que, quando se verificou que muitas “mulheres-homens” casavam-se ou mantinham relações com mulheres e que “homens-mulheres” tinham relações com homens, a possibilidade deste costume ser apenas uma forma de acomodar indivíduos desviantes passou a ser descartada. Assim, verificou-se que, na verdade, as culturas indígenas americanas podem fazer construções de gênero e comportamento sexual diferentes das nossas. Em muitas culturas ameríndias não existe essa nossa divisão binária dos sexos em gênero masculino e feminino, havendo a possibilidade de uma variedade de gêneros: homem, mulher, mulher-homem, homem-mulher, etc. Tal

⁴⁸ Nesse trabalho me limito a dar alguns exemplos de travestismos masculinos, mas também podemos encontrar na literatura antropológica e na psicanálise um vasto material sobre travestismos femininos, para

variedade, que pode representar para os indivíduos a possibilidade de troca de papéis de gênero e identidades durante o curso de sua existência, é chamada de variância de gênero, podendo ser encontrada em muitos outros lugares. Esse fenômeno de ocorrência tão abrangente é social e cultural e, portanto, devemos procurar explicá-lo e entendê-lo circunscrevendo-o ao seu contexto cultural específico (Lang, 2000: 185). Portanto, com base nos relatos de viagens e na literatura antropológica podemos verificar que o transvestitismo ocorreu e ainda ocorre, desde há muito tempo, em várias sociedades, dos mais variados modos, sempre revestido de particularidades que não podem ser descuradas, desde há muito tempo, não sendo restrito, portanto as sociedades moderno-contemporâneas.

2. Muito antes do Baile dos enxutos⁴⁹

Em relação a sociedade brasileira esse fenômeno também nos remete a algumas décadas atrás. Os primeiros registros de transvestitismo são encontrados não nas colunas sociais, não em estudos acadêmicos sociológicos ou médicos, e sim em registros policiais. Ou seja, o transvestitismo masculino, de início, era associado ao crime. O simples fato de um homem vestir-se ou comportar-se como mulher era, portanto, tido como passível de investigação policial e punição. Santos (1997), num artigo em que trata dos casos de transvestitismo ocorridos no século XIX, na cidade de Salvador, ao vasculhar arquivos policiais e jornais da época encontrou vários exemplos da ocorrência desse fenômeno. Como, por exemplo, uma matéria do Diário do Rio de Janeiro intitulada “Homem-Mulher”, transcrita pelo Jornal da Bahia em 25 de Abril de 1875, que *nos revela a prisão de um rapaz chamado João, pardo, de aproximadamente 22 anos que tinha formas mais ou menos regulares de voz efeminada*. Esse rapaz tinha se empregado como mucama numa casa de família, usando o nome de Rosalina e só fora descoberto porque o viram despir-se, sendo em seguida entregue aos cuidados policiais (Santos, 1997: 168).

O percurso do transvestitismo, portanto, nos remete a tempos longínquos e vem atravessando os séculos, adquirindo cada vez mais expressividade. Em relação à sociedade

saber mais acerca do tema ver: Herdt (1996) e Millot (1992), entre outros.

⁴⁹ O Baile dos Enxutos foi um baile carnavalesco que surgiu no cenário carioca por volta do início dos anos 60 e foi o baile de travestis mais famoso da cidade e sempre foi lembrado com muita saudade por cada uma das minhas entrevistadas, utilizo-o como título desse tópico como uma homenagem a elas.

carioca, por exemplo, desde as últimas décadas do século XIX há registros da ocorrência do fenômeno no cenário social. Francisco José Viveiros de Castro, professor de criminologia na faculdade de direito do Rio de Janeiro, em seu livro “*Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*”, destaca já em 1880 a presença, nos bailes de máscaras durante o carnaval nos tempos do Império, de homens que se vestiam com roupas e acessórios femininos. Nos conta Viveiros de Castro sobre os homens que antes da virada do século XX, podiam ser encontrados perambulando pela Praça Tiradentes:

“Tinham eles uma toilette especial por onde podiam facilmente ser reconhecidos. Usavam paletot muito curto, lenço de seda pendente do bolso, calças muito justas, desenhando bem as formas das coxas e das nádegas. Dirigiam-se aos transeuntes pedindo fogo para acender o cigarro, em voz adocicada, com maneiras provocantes e lascivos. Durante o carnaval invadiam o baile de máscaras do Theatro São Pedro”.

Dessa forma, o costume de travestir-se com roupas femininas durante praticamente as primeiras décadas do século era restrito aos bailes de carnaval. Esses bailes atravessaram os anos e serviram como *locus* permitido para que homossexuais usassem indumentárias femininas sem restrições e possíveis punições. Na mesma época, a Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, tornava-se o centro de entretenimento da cidade, a partir da proliferação dos teatros, cinemas e cafés ao redor da praça, sendo que, durante o carnaval, esta passou a ser o local privilegiado dos bailes carnavalescos. Segundo nos informa Green (2000), durante um desses bailes, no ano de 1948, no Teatro João Caetano, a corista Dercy Gonçalves propôs um concurso de fantasias para rapazes, cuja regra era o de vestir-se de mulher. Devido ao grande êxito, o concurso de fantasias passou a ser uma parte institucionalizada dos bailes carnavalescos. Com a chegada dos anos 50, mais bailes surgiam e a presença das travestis em suas fantasias ou vestidos luxuosos era condição de sucesso para esses eventos. O comparecimento desses sujeitos nos bailes passou a ser incentivado pelos empresários do ramo de entretenimento, ao mesmo tempo em que chamava atenção da mídia da época⁵⁰.

⁵⁰ Antes dos anos 50, notas sobre transvestitismo masculino nos bailes carnavalescos na maioria das vezes eram ignoradas ou pareciam de forma cifrada. Já por volta de 1953, a Revista Manchete recém lançada no mercado e que cobria os acontecimentos carnavalescos, passou a escrever sobre a predominância dos travestis nas festas de carnaval, principalmente os bailes. “*Esses jornais e revistas que escreviam sobre as/os travestis faziam por sua vez uma distinção clara entre os heterossexuais que se vestiam de mulher – para uma transgressão de gênero temporária e os homens efeminados, que se vestiam como mulheres para expressar sua identidade real. Nessas coberturas a homossexualidade estava relacionada com modos efeminados e com*

Em sua coluna no jornal “*Última Hora*” o jornalista Everaldo de Barros observava:

“fantasias riquíssimas nos mais originais bailes do Rio – João Caetano e Carlos Gomes são seus domínios – vivem o momento que passam e não são existencialistas – durante o ano é que usam máscaras.: Tudo nelas é falso .Os cabelos, o belo busto, a cor nacarada ou bronzeada da pele , as vestes, o nome, ,a história da família decente (que não pode saber que ela esta ali) enfim até o próprio sexo, são produto de uma imaginação ardente .As falsas baianas, odaliscas, bonecas, são paradoxalmente , a única verdade nos bailes de carnaval dos Teatros João Caetano e República ou quiçá dos carnavais carioca”.

A observação do colunista da época, ao enfatizar que tudo nelas é falso, me remete a uma das falas de Helô, que ao comparar os bailes de carnaval, que acontecem nos clubes da zona sul carioca, como o famoso baile do Scala, o Gala Gay, realizado no bairro do Leblon, com o baile dos Enxutos, destaca que:

“Na minha época tudo era diferente, não tinha essa pouca vergonha de hoje, essa vulgaridade de ficar mostrando seio, bunda, e principalmente essa besteira de ficar mandando beijo para pai e mãe, primeiro porque no meu tempo tudo era postiço, peito postiço, só a voz que não... havia respeito” (Helô).

Esses bailes atraíam pessoas das mais diferentes camadas sociais e, no final dos anos 50, tornaram-se eventos sofisticados e freqüentados pela elite carioca. Simultaneamente a esse sucesso, as travestis foram sendo associadas definitivamente ao carnaval, sendo vistas como personagens típicas dessas festas. A existência desses sujeitos passou a ser encarada como algo inevitável, mas circunscrita em um determinado espaço e tempo. Por outro lado, a proliferação desses bailes e a presença marcante das travestis como atração não vai implicar em sua aceitação positiva, como podemos ver através das coberturas dos jornais e revistas da época que continuavam a “oscilar entre a depreciação e admiração divertida” (Green, 2000).

Também para as minhas informantes os bailes de carnaval de outrora são extremamente significativos, pois representavam, sobretudo, um momento de visibilidade e

o uso de roupas femininas, como deixavam patentes os travestis que participavam dos bailes carnavalesco” (Green, 2000).

comunhão social. Em vários momentos, durante seus depoimentos, elas recordam com muita saudade a época áurea dos bailes carnavalescos, quando cada baile exigia uma dedicada preparação. O vestido longo, adornado com muito brilho e paetês, os sapatos escolhidos a dedo para combinar com o vestido, a maquiagem apropriada, os cabelos sempre bem penteados ou, em alguns casos, devidamente encobertos por um glamouroso chapéu como, por exemplo, um que a Helô pôde me mostrar através de uma das suas escassas fotos que servem como testemunho dessa época. Na foto, Helô aparece sorridente num vestido de baile e na cabeça um enorme chapéu adornado com vários cachorros de enfeites. Os bailes eram o momento oportuno e permitido para usar e abusar das roupas e acessórios femininos. Já que na sua época *não se podia nem pensar em sair vestida de mulher na rua!*⁵¹. Os bailes de carnaval que aconteciam nos teatros que ficavam ao redor da Praça Tiradentes eram aguardados com muita ansiedade e expectativa, e não apenas pelas travestis, mas também pelo público de uma forma geral. Helô nos conta que famílias inteiras ficavam aglomeradas na porta dos teatros para verem a entrada das travestis em seus vestidos ou fantasias.

É interessante ressaltar que, ao mesmo tempo em que – como nos conta Helô – um número expressivo da população se espremia nas entradas dos teatros para ver as travestis chegando em seus trajes luxuosos, essa mesma população demonstrava sua rejeição a esses sujeitos de forma bem agressiva, através de vaias e do arremesso de pedras. Cabe evidenciar que, para Helô, esses bailes aparecem sempre com um momento de glória total, em nenhum momento ela destaca alguma espécie de retaliação por parte da população, o que já aparece no depoimento da Gilda e da Laura, por exemplo, que apesar de falarem com entusiasmo desses bailes, observam que durante o carnaval eram constantemente xingadas e ameaçadas de forma ostensiva por algumas pessoas nas ruas.

Assim ainda entre as décadas de 50 e 70, as travestis no Rio de Janeiro sofriam severas retaliações se saíssem às ruas, principalmente da parte do poder público, que através de seu aparelho coercitivo policial, restringia e tentava regular não somente as atividades de *trottoir* do grupo, mas também qualquer espécie “aparição” desses sujeitos no

⁵¹ Quando elas falam que não podiam sair na rua vestidas de mulher elas estão se referindo tanto ao fato de vestir-se de mulher no dia-a-dia como para fazer pista. No caso da Helô, por exemplo, ela diz não se lembrar

cenário social. Durante uma conversa com a Charla, ela me relatou as inúmeras vezes que teve que fugir da polícia para não sofrer agressões ou ser presa. Diz ela: “*Não podíamos sair à rua, porque a policia vivia atrás da gente, era um corre, corre, danado; vivíamos mudando de lugar*”. Em um outro momento Gilda, em uma de nossas entrevistas, destacou que foi presa mais de 17 vezes, e na maioria das vezes não estava nem vestida completamente de mulher, apenas por ter cabelos compridos e um vestuário mais andrógino. E toda vez que ia presa prestava serviços de limpeza e sexuais na cadeia. Laura também me relatou que por volta dos anos 70 foi presa uma vez por ter saído para a rua, à noite, vestida de mulher⁵². Esta situação também é destacada por Silva em sua etnografia sobre travestis da Lapa. Ele observa que o local do travesti durante essas décadas era o gueto, alguns lugares muito precisos e algumas casas de shows onde surgiam como *enigmas*.

Para Green (2000), as atitudes vacilantes e, às vezes, hostis da imprensa, do público e da polícia, fosse em relação a esses bailes de carnaval ou a qualquer espécie de manifestação de homossexualidade durante toda a década de 1950 e 60, “revelam a permanente tensão entre uma moralidade religiosa tradicional – que via o *homoerotismo* como aberração antinatural – e uma tolerância, ou aceitação relutante, da existência de bichas e travestis como algo inevitável, personagens relativamente inofensivos do cenário carnavalesco”.

Por outro lado, é justamente no final da década de 60 e início da década 70 que autores como Green e Silva observam a intensa proliferação de travestis na cidade do Rio de Janeiro. Estes autores não estão se referindo apenas a sua presença nos bailes, mas, principalmente, seu surgimento expressivo nas ruas da cidade e de sua invasão nos bairros do centro⁵³ e da zona sul, como Copacabana, já que a partir da década de 70 os bailes se deslocam do centro da cidade para os bairros da zona sul. Os shows de travestis como

de ter visto travestis na rua fazendo pista quando era mais jovem (segundo ela, por volta das décadas de 40 e 50 do século passado) e a restrição portanto ficava mais circunscrita ao dia-a-dia.

⁵² Nesse sentido, Green (2000) nos informa que no ano de 1972, a policia prendeu 25 travestis usando biquínis na praia do Flamengo, um bairro da zona sul carioca.

⁵³ Silva (1993) ressalta que o bairro da Lapa foi pioneiro de um fenômeno extremamente curioso que se processou pelos fins da década de 60 e início dos anos 70, que foi a progressiva e violenta expulsão das prostitutas femininas pelos travestis que passam a ocupar o bairro, dando cabo a um predomínio de sete décadas.

Rogéria, Laura de Vison, nos teatros e casas noturnas de Copacabana tornaram-se eventos frequentes. Produções como o *Les Girls*, tornou-se sensação da noite carioca: de enredo bem simples, a ação se passava num consultório psiquiátrico, e o psiquiatra ouvia os problemas de belas mulheres, que eram travestis, e entre uma cena e outra o público testemunhava a transformação de José Maria em Maria José, sendo que o elenco cantava e dançava com roupas elegantes. *Les Girls* circulou por São Paulo e viajou até para o Uruguai. Durante uma das minhas entrevistas com Laura e Gilda foi feita menção a esse espetáculo do qual tanto Laura quanto Gilda fizeram, em momentos diferenciados, parte do elenco. Laura lembra que o *Les Girls* foi o primeiro show de transformismo no Rio de Janeiro e que foi responsável pelo lançamento de muitas travestis, proporcionando a algumas delas, inclusive ela, o *status de estrela*, por terem conquistado notoriedade e o reconhecimento como artistas.

Nos últimos anos da década de 60, houve uma explosão desses espetáculos, os quais ocorriam o ano inteiro. Por outro lado, é bom lembrar que homens vestidos com roupas de mulher sempre foi um recurso utilizado pelo teatro e cinema brasileiros, sendo que a maioria das revistas apresentava ao menos um esquete em que um ator se travestia. Estrelas dos teatros e dos filmes de chanchadas como Grande Otelo e Oscarito invariavelmente usavam perucas e saias no intuito de arrancar risadas do público. Na década de 30 do século passado, Madame Satã⁵⁴ tentou fazer carreira nos palcos atuando como mulher. Portanto, o que era novo em meados dos anos 60 era a aparição de homens como mulheres belas e elegantes e não como meras paródias cômicas do sexo oposto. “As novas coristas do sexo masculino davam a impressão de serem mais femininas que as próprias divas” (Green, 2000).

Essa propagação de espetáculos com travestis em seus elencos, pode ser percebida como uma certa tolerância social à existência desses sujeitos, tolerância esta que em certa medida esta diretamente relacionada a uma abertura geral da sociedade brasileira em 1968. Após o golpe de Estado em Abril de 1964 é instaurado no Brasil o regime militar que vai

⁵⁴ Madame Satã ou João Francisco dos Santos foi um dos personagens mais famosos da Lapa Antiga, da Lapa dos áureos anos 30 do século XX . Figura extremamente controversa, boêmio, homossexual assumido, se destacava entre outras coisas por seu comportamento dito durão diferente do comportamento afeminado que se esperava dos homossexuais da época. Foi preso várias vezes e sempre viveu na Lapa, até sua morte. Seu

perdurar até o ano de 1985; são quase vinte anos de um governo conhecido como *linha dura*, marcado pelo autoritarismo, pela supressão dos direitos constitucionais, forte perseguição policial e militar, prisão e tortura dos opositores ao governo e pela imposição da censura prévia aos meios de comunicação (Skidmore, 1985). Um governo que no final da década de 60 vai sofrer forte onda de protestos que se espalhou por todo país. Na mesma proporção que o autoritarismo do governo agrava-se, crescem e se fortificam os movimentos de oposição no país. Muitas manifestações de rua começam a surgir, em geral organizadas por estudantes e intelectuais, e mobilizações operárias. Com o aumento expressivo das mobilizações populares contra o regime militar em 1968 o governo fecha o congresso e decreta o Ato Institucional número 5. O AI-5 foi o de maior repercussão no meio artístico e na mídia, pois implantava plenamente a censura. Por outro lado, o final dos anos 60 é uma época marcada por transformações culturais⁵⁵, surgem movimentos como o tropicalismo⁵⁶, o unissex ganha as ruas, dando indícios para a emergência de um princípio de relativização que vai se insinuar nos padrões de vestuário, as mulheres podiam aparecer em público usando jeans, e os homens podiam adotar um estilo mais andrógino sem sofrer estigmatização severa. “Há uma exploração de toda uma informalidade, e mesmo a transgressão de certos itens do feminino para o masculino, do masculino para o feminino”(Silva, 1996). Percebe-se, a partir desse período, um processo de desestabilização das representações padronizadas do masculino e feminino, dos comportamentos, dos códigos sexuais.

É nesse contexto que se circunscreve o fenômeno do transvestitismo nas grandes cidades, tornando-se cada vez mais abrangente e visível durante as décadas de 70 e 80 do século XX até os tempos atuais. A travesti torna-se, portanto, da ordem do público e do cotidiano, e em contraste com sua história original a presença pública desses sujeitos não é associada quase que estritamente aos bailes carnavalescos, ou ao seu *trottoir*; se como nos diz Silva (1996): “o que há de novo não é o travesti, nem o transformista ou o transexual. O que há de novo é a circulação desses personagens em intensa relação com a sociedade

sonho era ser artista, chegando a ganhar um concurso de fantasia de carnaval. Recentemente, foi tema de um longa-metragem brasileiro dirigido por Karin Ainouz.

⁵⁵ Para uma melhor discussão acerca do tema, v. Schwartz (1978).

⁵⁶ O Tropicalismo foi um movimento musical surgido no fim da década de 60 e que teve como líderes os compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil. Seus membros se destacam principalmente por suas vestimentas

abrangente” (Silva, 1996:107). Desde as últimas décadas do século, sua presença é cada vez mais banalizada, algumas delas sendo consideradas celebridades nacionais, tais como Rogéria⁵⁷, Roberta Close⁵⁸, Laura de Vison e outras; por outro lado isso não significa uma total aceitação social, já que elas ainda viviam em estado de constante negociação de seu lugar na sociedade. Pois, por mais que sejam vistas como personagens emblemáticas de uma *mitologia noturna* carioca se expandindo por várias cidades do país, seja de grande, médio ou pequeno porte (idem, 1996) – desnaturalizando o fato de serem atores exclusivamente pertencentes às grandes metrópoles - e façam parte do nosso convívio social, ainda assim são marcados pelos mais ambíguos sentimentos⁵⁹: deboche, mistério, fascinação, preconceito, estigmatização e intolerância, para citar apenas alguns, estando até certo ponto às margens da sociedade e, por isso mesmo, numa busca incessante pelos seus direitos enquanto cidadãos⁶⁰.

De acordo com Silva, uma das possibilidades para se entender o fenômeno do transvestitismo no Brasil estaria nessa fluidez que as representações sociais do masculino e

tropicais e por um comportamento liberal, por um despudor que criticava principalmente os padrões sexuais da época e os conceitos de gênero tradicionais.

⁵⁷ Através da Helô, mantive contato telefônico com a Rogéria por duas vezes. Na primeira tentativa de conseguir uma entrevista com ela, no início de fevereiro de 2003, ela alegou estar com problemas de saúde; numa segunda tentativa, já em abril, após aceitar participar da pesquisa, pediu que eu agendasse uma hora com seu empresário. Ao falar com seu empresário este me disse que a agenda de trabalho da Rogéria está muito cheia e que ela não teria condições de me encaixar durante os próximos meses.

⁵⁸ Roberta Close que, durante a metade da década de 80 do século passado, chegou a ser elevada à categoria de símbolo sexual, foi capa de várias revistas brasileiras na época, posando, inclusive, nua para a revista Playboy. Ela era uma figura fácil em programas de televisão onde fazia figurações em novelas da Rede Globo. Além disso, teve composições musicais feitas para ela por alguns cantores nacionalmente conhecidos, como, por exemplo, o cantor Erasmo Carlos.

⁵⁹ Durante minha pesquisa de campo pude constatar por várias vezes esse caráter eminentemente ambíguo das relações sociais com esses sujeitos, o que será discutido no capítulo seguinte. Para Silva, a ambigüidade é característica da cultura brasileira: ele tem como hipótese pensar a ambigüidade como o sintoma de uma modernização meio frustrada, que não se concretizou plenamente. E num país pobre e sem reais possibilidades de mobilidade social, salva-se quem for suficientemente ambíguo.

⁶⁰ Nas últimas décadas as travestis vêm se organizando em ONGS, nas principais cidades brasileiras, como Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Porto Alegre, na busca dos seus direitos enquanto cidadãos e em prol da assistência e de defesa das vítimas da AIDS. Mais do que lutar pelos seus direitos, ao se organizarem em grupos, esses sujeitos estão procurando chamar atenção para sua imensa capacidade de resistência e como diz Parker, “*tem um compromisso de cavar um espaço para a expressão sexual, e eu ressaltaria, sobre sua subjetividade mesmo diante da discriminação e da violência*”. Além de prestarem serviços auxiliando, informando, fazendo campanhas de prevenção e combate a AIDS, pude constatar que no caso do Rio, algumas dessas associações oferecem abrigo e alimentação para travestis que não tem onde morar ou quem auxilie. Durante dois meses de campo participei de praticamente todas as reuniões da Charlat’s e pude verificar como funciona esse sistema de auxílio-moradia, pude conhecer várias travestis que dividiam um pequeno quarto mobiliado com camas beliche, oferecido pela ONG. A alimentação vinha de

feminino sofreram a partir da década de 50, e que resultaram numa moda unissex; fluidez essa refletida nas mudanças de vestuário, cortes de cabelos, uma transitoriedade, e até certo ponto, um processo de desnaturalização, do que é feminino e do que masculino. “Quando nossa sociedade lidava de forma mais enrijecida com as representações do masculino e do feminino e quando o controle de um sexo sobre o outro era inequívoco, tornava-se quase impossível a manifestação pública e em larga escala de um fenômeno como o do transvestitismo”. Já do ponto de vista cultural, o autor destaca a influência da emergência do feminismo no desenvolvimento do transvetitismo⁶¹

Segundo outro antropólogo, Edward MacRae (1990), o feminismo começa a se desenvolver no Brasil a partir da decretação pela ONU no ano de 1975 como o ano internacional da Mulher e da conseqüente abertura de um importante espaço de debate político, quando ainda predominava a repressão contra qualquer tipo de questionamento da ordem vigente. A partir desse período surgem vários grupos de mulheres para discutir a sua situação social, política e cultural, lançando assim as sementes do movimento feminista. Tocava-se na questão dos papéis sexuais e da redução naturalista da mulher às funções de mãe e esposa. Além disso, dava-se maior atenção para temas como relações familiares, de contracepção e aborto, violência, os papéis de gênero e o direito da mulher pelo prazer sexual.

O movimento feminista desafiava a herança deixada às mulheres pelo regime patriarcal-agrário predominante no Brasil durante muitos anos. Tal regime tinha como base uma extrema diferenciação dos sexos. “*É característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo*” (Freyre, 1981:93). Dessa forma, em um primeiro momento os grupos feministas se concentraram em colocar em questão os padrões morais do patriarcado, e conseqüentemente a exploração da mulher pelo homem, objetivando conscientizar a mulher em seu papel de oprimida. Em seus primeiros anos, o movimento feminista voltou-se para os problemas relacionados às questões de classe, para posteriormente desenvolver reflexões sobre a noção de gênero (Green, 2000). No caso do movimento feminista, por exemplo, Silva observa que ao permitir uma quebra na imagem

doações de cestas básicas por órgãos governamentais, de doações de amigos e do dinheiro das próprias moradoras que trabalhavam na prostituição.

⁶¹ Essa influência é observada por outros autores, como Green (2000), por exemplo.

fixa da mulher tradicional, resultando numa implosão dessa mulher em milhares de possibilidades existenciais, emerge um estado de indefinição no qual o travesti encontra seu lugar (Silva, 1993).

Autores como Green e MacRae procuram enfatizar a importância do movimento feminista para o desenvolvimento do movimento homossexual, já que o movimento feminista serviu para chamar atenção para as várias formas de discriminação e opressão existentes na sociedade brasileira. Segundo nos informa Parker (2002), o movimento homossexual⁶² começou a se desenvolver no final da década de 70 tornando cada vez mais expressivo nas décadas seguintes; inicialmente tinham como meta a criação de “estratégias de sobrevivência que visavam não somente ao estigma e à discriminação do sistema de gênero tradicional, mas também aos conceitos de normalidade e anormalidade que este novo sistema havia imposto. Desse ponto de vista, admitindo a condição de homossexual não como uma forma de desvio, mas como uma parte da gama natural de variação sexual”. Assim, durante toda a década de 70, a “homossexualidade” torna-se extremamente visível, e, conseqüentemente, emerge uma *subcultura gay* (Parker,2002), ao mesmo tempo em que muitos grupos de militância homossexual vão surgindo. MacRae chama atenção para o fato do movimento não somente trazer à tona questões como liberdade, igualdade de direitos, mas uma mudança sutil no caráter das relações da homossexualidade com outros valores sociais. Isto é, a “transformação ocorria não só no comportamento dos adeptos de práticas homossexuais, como também no relacionamento do resto da sociedade com eles. Elaboração de novas formas de representação do homossexual paralelo ao movimento feminista” (Mac Rae, 1990).

Podemos dizer que as travestis vão se fixando no cenário social numa relação íntima com esses movimentos sociais que nada mais são que expressão do desenvolvimento da ideologia individualista (Dumont, 1999), característica das sociedades modernas, e onde a

⁶² “As categorias homossexual e homossexualidade foram inicialmente desenvolvidas por médicos e sexólogos no século XIX, dentro de um contexto de campanhas políticas pela não-penalização de práticas homossexuais no recém-criado Império Alemão. Os debates em torno da questão da homossexualidade tradicionalmente estiveram relegados ao campo da medicina e psicologia” (MacRae, 1990). Convém lembrar que este trabalho não pretende se estender sobre o tema da homossexualidade/homossexualismo, ou como prefere Freire Costa, o homoerotismo/práticas homoeróticas, mas apenas fazer uma referência ao movimento de uma forma bem geral, ressaltando sua importância para o desenvolvimento do fenômeno do travestismo em nossa sociedade. Cabe ressaltar que concordo com Silva, quando este não restringe o travestismo a problemática em torno do homossexualismo, chamando atenção para a independência do fenômeno, já que para ele este elabora seus próprios caminhos, muitas das vezes deslocados do exercício do homossexualismo.

representação da totalidade é deslocada para o indivíduo, e onde predomina uma fragmentação do todo social em esferas autônomas.

Nos últimos anos, concomitante ao processo de mudança da vida privada para pública, do processo de enfraquecimento de certas fronteiras simbólicas, não estamos mais diante do *travesti histórico* (Silva, 1996) mas sim daquele que saiu do *espelho* (idem:18) e está nas ruas negociando diariamente sua socialização. Kulick (1998), em sua etnografia sobre travestis em Salvador, ao chamar atenção para disseminação do fenômeno do transvestitismo, acentuando sua existência especificamente em toda a América Latina, destaca que em nenhum outro país do mundo esses sujeitos são tão numerosos como no Brasil, e continua informando que em todo nosso extenso território, em todas as cidades, independente do seu tamanho, é possível encontrarmos travestis. Ao mesmo tempo, tanto Kulick, quanto Silva, observam que apesar de algumas travestis serem nacionalmente conhecidas, ou mesmo que trabalhem em salões de beleza, escritórios, como domésticas, faxineiras, a maioria desses sujeitos são provenientes de classes populares, e ainda encontram na prostituição sua principal fonte de renda⁶³, (Kulick, 1998: 8 e Silva, 1996: 112). Quando ganham as páginas dos mais importantes jornais da cidade, são por serem alvos fáceis de atentados praticados por grupos homofóbicos ou quando são elas próprias os agressores. Portanto, o fato de ora serem vistas como convidadas dos mais variados programas de televisão, de participarem e/ou serem temas de filmes⁶⁴, e ora serem vítimas de deboche – mesmo que disfarçado – nas ruas, e de todo o tipo de agressões, nos coloca diante – ainda hoje – do que Silva observa como um dos pontos fundamentais para se refletir acerca desse fenômeno, que é a sua ambigüidade, que pode ser percebida em sua relação permanente com o “outro” – me refiro ao “outro” que não é travesti – e com outro do seu próprio grupo⁶⁵, uma ambigüidade que nos termos de Silva (1993 e 1996) e nos

⁶³ O que pude observar em campo é que uma boa parte delas ainda vivem em condições precárias (soube de muitos casos de travestis dormindo nas ruas e até em canos de saneamento de esgoto) e que em sua maioria trabalham como prostitutas. Para elas é como se estivessem num “beco sem saída”. Das meninas com quem pude travar contato, com idades entre 17 e 22 anos, sempre ouvia queixas sobre as dificuldades de sair do ramo da prostituição, não somente por serem travestis, mas também por não terem estudos (a maior parte dessas travestis não tem o ensino fundamental completo) além de uma profissão.

⁶⁴ Inúmeras são as produções internacionais que abordam – mesmo que de forma periférica – o tema do travestismo. Para citar apenas alguns: “A lei do desejo” de Pedro Almodóvar; “Priscila, a Rainha do deserto”, “Madame Butterfly” de David Cronenberg, “Ed Wood, o pior cineasta do mundo”, de Tim Burton, “Vestida para matar” de Brian de Palma; “Quanto mais quente melhor” de Billy Wilder.

⁶⁵ A ambigüidade de sua condição se reflete nas relações entre elas. Pude perceber isso de forma bem clara quando participava das reuniões do chá das travestis.

termos de Oliveira (1997), seria uma característica inerente do sistema sócio-cultural brasileiro:

“... As visões canônicas do Brasil, produzindo ortopedicamente uma nação congelada, criam paradoxalmente a necessidade de uma idéia de ambigüidade que se materializa em um tipo empiricamente dado . Assim o abstrato se presentifica e ganha corpo.Como se o malandro da Lapa, o travesti da Lapa ou de outros bairros e outras cidades brasileiras fossem o cavalo de uma entidade que constitui a única escapatória do panorama sem contrastes produzido pela consciência nacional” (Silva, 1993).

“e a sociedade traçou tão rigorosamente os limites da polarização entre os sexos, tratou também de produzir sua negação. Nesse sentido, a inversão do carnaval, a mulher do teatro caricato, as entidades andróginas do candomblé, a moda unissex, as performances ambíguas de algumas estrelas da música popular, a emergência de alguns travestis no cenário da fama artística, o mito Roberta Close são indícios que permitem afirmar que a nossa sociedade vem historicamente tecendo mito da inversão, em contraposição à rigidez das definições dualistas e excludentes, reservadas às identidades masculinas e femininas” . (Oliveira, 1997).

Desse modo, no que diz respeito à sociedade brasileira – especialmente em relação as grandes cidades – que se caracteriza não somente por seu caráter ambíguo, mas por sua natureza relacional e interativa (Velho, 1999), onde estamos sempre nos confrontando com fenômenos que, devido a sua riqueza e densidade, colocam em xeque esquemas e classificações demasiadamente rígidas.

É como nos diz Baumann (1998), todas as espécies de sociedades, em diferentes épocas, produzem “estranhos”. Os estranhos seriam aquelas pessoas que transgridem os limites, as fronteiras claramente definidas, são pessoas que não se enquadram no “mapa moral ou estético do mundo”. Dessa forma os estranhos deixam “*turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser coerente receita para ação*”... e por tudo isso “*geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido*”. A incerteza é uma das dimensões da sociedade pós-moderna, viver sob seu fantasma é uma nova experiência, uma experiência completamente diferente daquela quando vivíamos sob a égide da “ordem” do estado moderno. Uma experiência que gera o colapso das antigas e fixas oposições, que traz à tona um anuviamento e a diluição da diferença entre o normal e

o anormal, o esperável e o inesperado, o comum e o bizarro, o familiar e o estranho, o nós e os estranhos (Bauman, 1998).

Não seriam as travestis os nossos estranhos? Afinal já dizia Silva que as travestis falam de nossa sociedade. Penso que as idéias de Baumann podem nos ajudar a refletir sobre esses sujeitos e a viabilidade do fenômeno. Para finalizar este capítulo, nada mais adequado que um parágrafo retirado de um artigo de Silva, que, a meu ver, exprime o caráter desse fenômeno e que toda vez que leio me faz recordar de Elóia, Raquel, Laura, Zezé, Gilda e todas as travestis com quem pude manter contato, e com quem pude sempre manter longas conversas, seja sobre as dificuldades e agruras relacionadas a suas trajetórias, seja sobre os namoros e casamentos ou simplesmente sobre os acontecimentos do cotidiano.

“O fenômeno não é simples porque passa por um contínuo processo de ações e relações que exigem um considerável grau de esforço e persistência, onde as minúcias são dignas de maior atenção. Não é mecânico porque não somente as características objetivas estão em jogo, não é um simples trocar de vestimenta que o caracteriza, não é uma fantasia de carnaval que se retira quando acaba a festa e o homem aparece novamente. A subjetividade também está em jogo, e independentemente dos motivos o que levam a tal atitude. O ser humano que carrega dentro de si possui vida própria, paixões, conflitos, preconceitos, desejos, valores e vontades que se expressam cotidianamente. E não é exato, porque pensar a exatidão desse fenômeno seria o mesmo que creditar aos signos homem e mulher a naturalidade, a exatidão e a fixidez, excluindo, desta forma, tanto a possibilidade de transcondição, quanto às transformações sociais ocorridas nesse campo” (Silva, 1996).

Capítulo 4

Vivendo com *estorrobion*⁶⁶

Não é mais nenhuma novidade que o número da população idosa no Brasil vem aumentando consideravelmente, tornando o prolongamento da vida uma realidade. Podemos destacar, alguns fatores que contribuíram para esse crescimento: diminuição nas taxas de natalidade, desenvolvimento de tecnologias no campo da medicina e biologia, melhoria da qualidade de vida e redução de doenças que acometem mais freqüentemente os idosos. O IBGE nos informa que em 2025 serão mais de 15% de idosos no Brasil. A velhice como “problema social” é destaque numa novela em horário nobre da Rede Globo, a principal emissora de televisão do país. O atual presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, recentemente sancionou o projeto de lei criando o “Estatuto do Idoso”⁶⁷. Por sua vez, a realidade do envelhecimento do contingente populacional estimulou estudos que têm como objetivo entender e explicar melhor a velhice e as possibilidades de desenvolvimento nessa etapa da vida. No Brasil, nos últimos 30 anos, também assistimos a um progressivo despertar de consciências em direção ao estudo e tratamento da velhice no âmbito das ciências humanas e sociais. (Gusmão, 2003).

Com relação aos estudos sobre velhice no Brasil, acredito que o panorama, nos últimos anos, em relação à literatura antropológica, é muito mais animador do que o descrito por Barros⁶⁸ (1981) ao fazer um estudo sobre a velhice de mulheres católicas provenientes de camadas médias do Rio de Janeiro. Assim, cada vez mais trabalhos que

⁶⁶ Estorrobion é uma expressão cunhada por Raquel e que quer dizer, segundo ela: *viver com alegria, charme e com um certo deboche e com muita perspicácia*.

⁶⁷ O Projeto de Lei da Câmara nº 57/2003, denominado Estatuto do Idoso, foi sancionado pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, em 1º de outubro de 2003, entrou em vigor 90 dias após a sua publicação oficial, que ocorreu em 03/10/2003 e irá beneficiar as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. O Estatuto tem como objetivo resgatar princípios constitucionais que garantem aos cidadãos, indistintamente, direitos que preservem a dignidade da pessoa humana, sem discriminações de origem, raça, sexo, cor e idade. Pelo *Estatuto, os direitos dos idosos tornaram-se realidade e o dever da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público passaram de um dever moral a uma obrigação*. Estatuto do Idoso, São Paulo: Editora Escala, 2003, p.15-16.

⁶⁸ A literatura, segundo a autora, era praticamente proveniente dos Estados Unidos e Europa, onde normalmente tratavam a velhice a partir da perspectiva da perda ou de suas relações com a família. Foi a partir da segunda metade do século XX que os estudos sobre velhice começaram a tomar lugar no mundo acadêmico das ciências sociais

têm a velhice como temática estão sendo incorporados à literatura antropológica. Gostaria de acentuar que não faço, aqui, um levantamento bibliográfico exaustivo acerca da temática, apenas resalto tendências, temas e problemas ancorada em alguns autores que, a meu ver, vêm se destacando no que concerne à produção antropológica brasileira.

A partir da segunda metade do século XIX, a idéia da velhice é associada à decadência física e à ausência de papéis sociais. Como diz Debert (1994), o avanço da idade como um processo contínuo de perdas e dependência é responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice. Segundo a autora, o discurso gerontológico brasileiro foi fundamental para a construção de uma imagem “vitimizada” do velho. Ela destaca três elementos constitutivos desse discurso: o primeiro é a iminência de uma explosão demográfica que exigirá o aumento dos gastos públicos para atender às demandas da população idosa. O segundo elemento se caracteriza por uma crítica ao capitalismo e à forma selvagem como o sistema econômico se impõe no contexto brasileiro. O velho, por não constituir mão-de-obra apta para o trabalho, é desvalorizado e abandonado pelo Estado e pela sociedade. Assim, a miséria e a exclusão que assola vários segmentos da população brasileira se tornam mais amargas na velhice. O terceiro elemento estaria relacionado ao caráter da cultura brasileira, uma cultura que só valoriza o que é novo e o que é jovem, uma cultura que não valoriza suas próprias tradições; a idéia de um país sem memória é, para o discurso gerontológico, a prova do descaso com que a sociedade brasileira trata os velhos.(Debert, 2000).

Todavia, a tendência contemporânea é de rever os estereótipos associados ao envelhecimento e os estudos marcam um movimento de repensá-los e de discutir acerca das representações sociais da velhice, de relativizar os conceitos e de contextualizar o processo de envelhecimento. Nesse sentido, muitos são os trabalhos que discutem questões relativas às práticas de sociabilidade entre as pessoas de mais idade. Entre eles, faço referência aos trabalhos de Peixoto (2000), Motta (1998), Brito da Motta (1997), Cabral (1997) e Barros (2000). Segundo Peixoto (2000), a antropologia ou mesmo a sociologia começam a se interessar pela problemática do envelhecimento a partir do aumento da população de mais de 60 anos⁶⁹, que passa a ser vista, então, como um “problema social”⁷⁰. E isso se deu, de

⁶⁹ Para maiores informações acerca dos dados demográficos referentes ao aumento da população idosa no Brasil, ver o artigo de Camarano e Beltrão (1997).

acordo com a autora, sobretudo devido às conseqüências econômicas, que afetaram tanto as estruturas financeiras das empresas – e posteriormente do Estado, com advento da aposentadoria⁷¹ -, quanto às estruturas familiares, que até então arcavam com os custos gerados por seus velhos, incapacitados de se sustentarem. (Peixoto, 2001:70).

Um dos primeiros avanços no que concerne aos estudos sobre velhice foi o de contrapor a perspectiva que dominava a literatura sobre o envelhecimento – normalmente relacionada ao campo da medicina e biologia – até a metade do século XX que tratava o processo de envelhecimento como uma experiência comum, dissipando suas diferenças de raça, etnia, gênero, classe etc. No entanto, com o advento das pesquisas no campo das ciências sociais, foram sendo expostas as diferentes experiências com o processo de envelhecimento. (Barros, 1981; Debert, 1988, 1994 e 1999).

Um dos trabalhos que sem dúvida influenciaram as pesquisas sobre a velhice no Brasil foi o livro de Simone Beauvoir, intitulado *A Velhice* e publicado em 1972, em que a autora faz um estudo comparativo sobre os velhos em várias sociedades - históricas, ocidentais, tribais -, procurando destacar o tratamento que é dado aos velhos em diferentes momentos e contextos sociais. Um tratamento que pode oscilar entre o respeito, em relação a algumas sociedades tribais, e a completa indiferença de algumas sociedades industriais. Destaca ainda a situação de extrema pobreza e dependência da população idosa em países como a França e os EUA, que relegam o velho que perde a sua força de trabalho a um estado de total inutilidade.

A literatura antropológica sobre a velhice, de uma forma geral, ensina que não se deve considerar a velhice como uma categoria natural e sim como uma categoria socialmente produzida. Observa-se uma infinidade de percepções e de formas de viver a velhice. A própria idéia da idade como algo natural deve ser deixada de lado. Em todas as

⁷⁰ Segundo Debert, uma das dificuldades que os estudos sobre a velhice enfrentam é justamente o fato de nas sociedades ocidentais contemporâneas a velhice ser apresentada como um problema social. Para a autora, o antropólogo deve compreender como um problema social é constituído e o conjunto de representações que orientam as práticas destinadas a solucioná-lo (2000:62).

⁷¹ Para maiores informações sobre estudos que tratam de políticas de aposentadoria e pensões para idosos ver: Simões, Júlio Assis (2000) e Hochman Gilberto (2000). Segundo Simões, as idéias de que o idoso é vítima de um processo de pauperização, que sua incapacitação para o trabalho o lança no desamparo, que seus cuidados devem ser assumidos pelo poder público, foram fundamentais para a legitimidade e consagração do direito à aposentadoria (Simões, 2000).

sociedades se pode encontrar grades de idade, mas por outro lado, cada cultura tem sua própria maneira de elaborá-las. (Debert, 2000).

Nas etnografias sobre as sociedades tribais pode-se perceber uma diversidade muito grande em relação ao tratamento que é dado aos velhos, mas também em relação aos indivíduos, de uma forma geral, nas diferentes fases da vida. Um exemplo celebre é o estudo realizado por Seeger (1980) entre os Suya. Os Suya, conta o autor, têm uma forma de classificar e agrupar as pessoas a partir de um sistema de classe de idades não apoiado, como no caso das sociedades ocidentais, em termos de anos vividos pela pessoa e sim em termos de sua posição no ciclo de vida em relação a sua vida familiar. As categorias dos Suya são baseadas no tamanho da criança, no status conjugal de um jovem e, mais tarde, no número de filhos que a pessoa tem. Este sistema, segundo Seeger, é encontrado em todos os povos Jê setentrionais e entre os Suya; os velhos aparecem como uma classe de idade separada e bastante diferente dos demais, com cerimônias de iniciação, acessórios, termos de parentesco e mudança de comportamentos bem específicos. O autor destaca ainda que os velhos Suya (*wikenyi*), apesar de serem estigmatizados, possuem um papel específico na organização social, constituindo um grupo claramente distinto na vida pública e no cerimonial da aldeia. Espera-se que os *wikenyi*, como grupo, tenham determinado comportamento, bastante oposto àquele que o Suya normal, moralmente correto deve ter.

Geralmente, nas sociedades ditas primitivas, a importância dos velhos está associada à detenção de poderes sobrenaturais e à perpetuação da memória. Beauvoir (1990) aponta que, entre os Navajo do noroeste do Arizona, há um aparente elo entre o saber e o poder mágico, o que assegura aos velhos uma grande autoridade, pois lhes são atribuídos poderes sobrenaturais. De acordo com autora, isso pode ser observado em muitos outros povos, acontecendo entre os Míaos, que vivem na floresta e nos matagais da China e da Tailândia, e entre os Mendes, um povo mulçumano que vive na Serra Leoa. É interessante destacar ainda, no que concerne à diversidade da experiência de envelhecimento nas sociedades tradicionais, a pesquisa de Rifiotis (2000) entre as sociedades banto-falantes. O autor alerta para não cairmos em generalizações sobre a condição do idoso nessas sociedades e que as análises devem estar pautadas sobre o contexto social que lhes dão um sentido próprio.

Em relação aos estudos que têm como foco a sociedade brasileira, os temas, de uma forma geral, giram em torno das representações sociais sobre a velhice, sobre o modo como as pessoas se definem como velhas, sobre questões relativas à construção da identidade, nesse caso, principalmente, a identidade feminina (Barros, 1998; Motta, 1998), e sobre as relações entre as pessoas de mais idade e seus familiares (Barros, 1987). Têm merecido atenção também questões que envolvem as novas imagens vinculadas à velhice pela mídia, em que os estágios mais avançados da vida passam a serem vistos como momentos propícios para novas conquistas e experiências prazerosas (Debert, 1999) e ainda pesquisas sobre as relações entre gênero e classe, como a de Brito da Motta (1997), realizada na cidade de Salvador (BA), com homens e mulheres entre 62 e 76 anos. Nesta última, há uma interessante reflexão sobre a experiência do envelhecimento a partir de um enfoque que privilegia o gênero e a classe social, através da observação de formas de sociabilidade e atividades em grupo, concluindo que os grupos e programas culturais e de lazer contam mais expressivamente com a presença de mulheres, pois os homens buscam formas menos institucionais, do tipo: encontros na praça para jogar cartas e dominós. E em relação à classe, os grupos de convivência são, em geral, constituídos por pessoas das classes populares, enquanto os programas institucionais para Terceira Idade são freqüentados por pessoas da classe média.

De uma forma geral, o que vemos hoje na produção antropológica brasileira sobre a velhice é a tentativa de desnaturalizar muitas questões que envolvem a experiência do envelhecimento: muitos são os debates que chamam atenção para a necessidade de rever a utilização de categorias como velhice, idade cronológica e de geração, Terceira Idade, entre outras. Nesse sentido, gostaria de destacar os trabalhos de Debert (1999 e 2000) e de Peixoto (2000) .

Enfim, o que todos esses pesquisadores pretendem é compreender como as pessoas de mais de idade pensam, como de fato vivem e, sobretudo, quais são os seus desejos e aspirações; nesse sentido, esta pesquisa é mais uma a seguir este caminho. E dentre os muitos cruzamentos possíveis, privilegio aqui o de gênero.

1.Cada um envelhece de uma forma⁷²-

Relações entre gênero e envelhecimento

Os estudos de gênero se desenvolveram a partir de pesquisas sobre a condição feminina, sendo sua prática relacionada aos movimentos feministas⁷³. A partir dos estudos de gênero passa-se a questionar um determinismo biológico em relação aos comportamentos de homens e mulheres. A categoria gênero vai permitir, portanto, uma crítica mais radical da relação Natureza/Cultura, em que a dimensão cultural passa a ser privilegiada, além de acentuar o papel do poder como articulador em potencial. Parafrazeando Heilborn, (1992) o termo convencionalizado gênero significa a dimensão dos atributos culturais alocados a cada um dos sexos em contraste com a dimensão anátomo-fisiológica dos seres humanos. A expressão assinala o que vem sendo cunhado como perspectiva construtivista em oposição a uma postura essencialista que poderia ser imputada, por exemplo, ao termo papéis sexuais. Ela destaca o privilégio dado a dimensão da escolha cultural e pretende descartar alusões a um ataísmo biológico para dar conta das feições que o masculino e o feminino assumem em múltiplas culturas. Recentemente, ressalta-se também o caráter relacional do gênero e algumas discussões em torno da problemática da masculinidade entra em cena⁷⁴.

Grossi (1998), citando Scott, destaca que o gênero é uma categoria historicamente determinada, que não apenas se constrói sobre a diferença dos sexos, mas constitui, sobretudo, uma categoria que serve para dar sentido a esta diferença.(Grossi, 1998: 6) Adiante, continua ressaltando que a categoria de gênero serve para determinar tudo que é da ordem do social, cultural e historicamente determinado, apontando para o caráter

⁷² Esta frase foi usada por Laura de Vison em um de seus depoimentos.

⁷³ Grossi (1998) assinala que, a partir das últimas décadas do século XX, o campo dos estudos de gênero no Brasil deixa de falar em uma condição feminina e passa a falar de estudos sobre mulheres, considerando as especificidades de classe, região, idade, ethos entre as mulheres brasileiras. Hall (1995), ao tratar da problemática em torno das identidades contemporâneas e sobre o descentramento do sujeito, ressalta a importância do feminismo tanto como crítica teórica – ao dar espaço para que se discutissem temas relacionados à esfera privada, como família, sexualidade, trabalho doméstico, educação dos filhos, entre outros - quanto como um movimento social procurando dar ênfase à identidade social das mulheres.

⁷⁴ Para maiores informações acerca desse tema ver: Vale de Almeida (1996)

mutável da categoria, sendo a todo o momento ressignificado através das interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e feminino.(idem:7)

Por sua vez, Stoller (1993) define masculinidade e feminilidade como qualquer qualidade que é sentida, por quem a possui, como masculina ou feminina. Em outras palavras, masculinidade ou feminilidade é uma convicção (...), não um fato controverso (1993:28). Uma outra questão que envolve a problemática de gênero é a noção de *identidade de gênero*. Stoller (1993) assinala que o termo identidade de gênero se refere à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus : “[...] a identidade de gênero encerra um comportamento psicologicamente motivado” (idem:28). O autor cunha a noção de identidade de gênero nuclear, que é definido por ele como uma convicção de que a designação do sexo da pessoa foi anatomicamente e psicologicamente correta. A identidade de gênero nuclear se desenvolve no indivíduo em torno dos dois ou três anos de idade, momento em que se pode detectar a masculinidade definida nos meninos e a feminilidade nas meninas. Após o momento da definição, ela permanece quase que inalterada ao longo da vida psíquica de cada pessoa (idem:29). Stoller, ao tratar das distorções que podem ser observadas na masculinidade e feminilidade, fala em distúrbios de gênero e define o travestismo da seguinte forma: “O termo travestismo tem sido usado para qualquer conduta de inversão de vestuário (...)”. E acrescenta: “Eu o restrinjo, contudo a aqueles que, também biologicamente normais, usam roupas do sexo oposto porque essas roupas são sexualmente excitantes para eles (...)”. Continua, dizendo: “Ele é quase sempre encontrado em homens que são manifestamente heterossexuais, com comportamento masculino, em ocupações dominadas por homens; ele ocorre apenas intermitentemente, sendo a maior parte da vida do sujeito vivida com um comportamento e aparência masculinos comuns”.(idem:29) Não posso deixar de observar que essas considerações de Stoller não são apropriadas, aqui nesse caso, já que as minhas informantes assumiam sua “identidade travesti” em todos os momentos de sua vida⁷⁵. E quando não assumiam, isso se devia às repressões policiais pelas quais passaram em determinadas épocas de suas vidas, como já foi mencionado anteriormente, ou mesmo,

devido à natureza da atividade que exerciam, como é o caso da Raquel e da Laura, que trabalhavam no setor público. As considerações de Stoller parecem relacionar-se com um tipo de “*cross-dressing*” comumente encontrado nas ditas “fantasias sexuais” realizadas entre parceiros heterossexuais, como o sado-masiquismo, por exemplo (Ramet, 2000: 10). Pode-se talvez pensar que esse tipo de travestismo definido por Stoller é mais característico do travestismo carnavalesco praticado pelas drag queens, (Vencato, 2002) no entanto, acredito ser difícil precisar até que ponto essa “inversão de vestuário”⁷⁶ pode estar especificamente vinculada com uma espécie de “excitação sexual”. Não é meu objetivo, aqui, aprofundar-me nesta questão, apenas pretendia acentuar que o travestismo, da forma como é entendido por Stoller, não está de acordo com o travestismo “praticado” pelas minhas informantes principais e pelas travestis com quem pude travar contato durante o trabalho de campo.

A partir de um esquema binário homem/mulher, as travestis foram consideradas pela medicina como uma patologia. Atualmente, as experiências dos transgêneros (travestis, transexuais, dragqueens) servem para repensar as teorias relacionadas aos estudos de gênero. Segundo Maluf (1999), a experiência transgênero, em suas diversas formas de manifestação, tem nos revelado aspectos do gênero associados ao seu caráter artificial e diversificado, a sua fabricação cultural, social e política.

Butler, (2003), em um dos capítulos do livro *Problemas de Gênero*, instiga o leitor com algumas perguntas, tais como: *Haverá um gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é? Se o gênero é um construto social poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência e transformação?* Para a autora, essa idéia de construto pode nos levar a um certo determinismo de significados de gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei

⁷⁵ Quando fui à casa da coordenadora da Charlat’s, esta, ao me receber, na entrada de sua casa, trajava blusa de malha, uma saia um pouco acima dos joelhos, sandálias de dedo feminina; usava ainda no pulso direito uma pulseira de bijuteria, brincos delicados na orelha e os cabelos presos num rabo-de-cavalo.

⁷⁶ Vale ressaltar que as drag queens estudadas por Vencato (2002) não fazem apenas uma inversão de vestuário, não são apenas homens vestidos de mulher, é uma espécie de travestismo que se apresenta de forma muito caprichada, elaborada e estilizada, o que as torna um exemplo típico do que é entendido como *camp*. O

cultural inexorável. O que por sua vez, poderia nos levar a apreender o gênero como algo fixo e determinado, sendo que não mais a biologia seria o destino, mas a cultura. Considerarmos o gênero sob o ponto de vista relacional, isto é, pelo contraste permanente com o outro, é também percebê-lo como um fenômeno inconstante e contextual, sem uma substância própria, não sendo, portanto, construído como uma identidade estável, e vendo-o como um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.

Definindo o gênero como um ato, Butler destaca o seu caráter performativo salientando que a realidade do gênero só será alcançada por intermédio de uma *repetição estilizada de atos*. Sendo que seu efeito se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero (Butler, 2003). Dessa forma, as próprias noções de sexo essencial e de masculinidades ou feminilidades⁷⁷ verdadeiras também são construídas como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da moral heterossexual. (idem, 2003). A autora argumenta ainda que a percepção que se tem sobre gênero não deve restringir-se a uma relação do tipo: gênero está para cultura como sexo para natureza. Deve-se atentar para o fato de que o gênero é também o significado discursivo/cultural pelo qual o sexo natural é produzido como pré-discursivo. (Butler, 1990: 02). Nesse sentido, é como ela nos diz :

“não há razão para assumir o gênero como binário. Esta idéia mantém implicitamente a crença que em uma relação mimética de gênero para sexo, gênero como espelho do sexo ou restrito pelo sexo. Quando o gênero é teorizado radicalmente diferente do sexo, torna-se livre e assim, os homens podem ter um corpo feminino e as mulheres um corpo masculino” (Butler, op.cit.: 06).

camp é visto como uma maneira de ver o mundo como fenômeno estético. (...) não se refere à beleza, mas ao grau de artifício e estilização. (Sontag, 1987:320) .

⁷⁷ Segundo Vale de Almeida, masculinidades e feminilidades não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres, são metáforas de poder e de capacidade de ação e, como tais, acessíveis a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar de várias masculinidades nem de transformações nas relações de gênero.

Ao fazer uma crítica ao construcionismo, Strathern (1988) considera que, levando-se em conta apenas à idéia de gênero como construção social, além do essencialismo da diferença sexual, outras dimensões do gênero tornar-se-iam obscurecidas. Portanto, o gênero não deveria ser entendido apenas com relação a homens ou mulheres. Ela quer chamar atenção para o fato de que, tanto as relações de gênero quanto às interações entre os sexos são muito amplas, uma vez que são negociadas com todas as relações sociais. (idem,1998).

Ao tratar do tema do transvestitismo, Butler argumenta que “os travestis subvertem inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos internos e externos, e zombam efetivamente do modelo expressivo do gênero e da idéia de uma verdadeira identidade de gênero”.(Butler,2003). E Jaime (2001) tem como hipótese que os transgêneros não subvertem o gênero simplesmente porque são transgêneros: “Ao construir um corpo feminino e masculino visto como ambíguo, travestis, transexuais, transformistas, drags também indicam ações que contrastam o gênero como dual e essencializado, para afirmá-lo múltiplo, inacabado, enfim performático” (Jaime, 2001). Sua hipótese é a de que os transgêneros revelam a instabilidade do gênero e das identidades, colocando em xeque dicotomias sexuais, desestabilizando-as. Mas mantêm, muitas vezes, o discurso em que a diferença sexual binária é reforçada e a instabilidade apresenta limites. Revelam o gênero como espaço de classificação, embora de maneira instável, aberta, cujas categorias são passíveis de ser constantemente recombinadas através das performances dos agentes.(Jaime, 2001b).

Ainda conforme Jaime (2001b), os transgender têm como característica a preocupação com o discurso do sexo binário e, ao mesmo tempo, uma performance que desestabiliza essa dualidade. Se, de um lado, sua classificação dos sexos tem o biológico como referência, de outro lado, na sua ação (expressa através da montagem), esses sujeitos operam com a diferença e a multiplicidade dessa diferença. Nesse sentido, a noção de performance se tornaria crucial para se pensar a construção dos travestis, ao mesmo tempo que, ao se produzirem, eles demonstram a transitoriedade do sujeito.

Já Bolin (1996) nos fala na possibilidade de um terceiro gênero e/ou sexo, que transcende as fronteiras do disformismo sexual, que constrói uma realidade simbólica alternativa que rivaliza com a ordem hegemônica de uma tradição sócio-histórica.

Indivíduos que, em determinados tempos e lugares, transcendem as categorias de homens e mulheres. Para se pensar esses indivíduos, segundo essa autora, devemos examinar as associações culturais e históricas entre o disformismo sexual, a ciência social e o modelo de classificação anatômico, a conduta erótica e as relações sociais. Sugere um continuum da masculinidade e feminilidade, renunciando ao gênero associado a genitais, corpo, status social e/ou papel. Adverte que o terceiro sexo não envolve, necessariamente, o desejo pelo mesmo sexo, portanto, não se deve restringir às análises tendo como base à orientação sexual (idem,1996). Enfim, a complexidade e a diversidade dos gêneros oferecem desafios para os paradigmas científicos que unem sexo e gênero. Em relação a essa perspectiva de um terceiro sexo e/ou gênero, Jayme (2001b), ao refletir sobre a noção de gênero a partir das teorias de Butler, evidencia que a autora em questão faz uma crítica a essa idéia, pois, para a mesma, essa noção serviria apenas para novamente “essencializar” a idéia de gênero, que passaria, então, a não ser mais caracterizado como binário, mas sim como triplo.

Apostando no potencial desses sujeitos em mostrar e demonstrar o caráter fluido, inacabado e performativo do gênero é que procuro interpretá-los sob a ótica do envelhecimento. E fazendo uso mais uma vez de Jayme, creio que o pensamento de Butler adquire relevância para a interpretação dos transgêneros, visto que, ao compreender a diferença sexual carregada de gênero – e este como ação, portanto, não restrito à dualidade de sexo – a autora explicita que o gênero se refere a algo mais do que uma relação assimétrica e dicotômica entre homens e mulheres, tem a ver com processos, práticas, experiências vividas e negociadas cotidianamente e é aí que ele deve ser apreendido.(Butler,2003).

Assim sendo, o que pensar e como pensar a respeito das metamorfoses de gênero (Maluf, 2000) vivenciadas na velhice? Lopes (1999) observa, ao falar da aplicação de hormônios para a construção do corpo feminino, que nem todas as travestis desejam envelhecer como travestis, as opiniões são muito divergentes e esse desejo reflete-se na continuidade ou não da aplicação de hormônios. O que por sua vez, me recorda uma conversa com uma amiga sobre minha pesquisa, a qual, em tom de brincadeira, me disse: “Acho que, quando essas pessoas ficam velhas, elas deixam de ser travestis para serem apenas velhos”. O que, por outro lado, me faz lembrar de uma das personagens centrais do

vídeo de Consuelo Lins⁷⁸ sobre travestis, chamada Índia do Brasil - que veio a falecer antes mesmo da estréia do vídeo – e que não descuidava de sua aparência, indo sempre ao salão de beleza tratar de seus longos cabelos dentre os quais despontavam algumas mechas brancas. Vestida com uma mini-saia e com os cabelos bem escovados, Índia saía para se divertir, à noite, num bar freqüentado por travestis em Nova Iguaçu, município do Rio de Janeiro. E quando entrevistada pela diretora do vídeo, em um determinado momento, mostrou, com orgulho, os seios construídos a base de silicone. Pensar a partir da relação entre gênero e envelhecimento, para mim, no que se refere às travestis, é ter em mente as especificidades de sua experiência de envelhecimento, de um ator social, que não apenas inscreve em seu corpo formas consideradas específicas do seu gênero oposto, mas que a partir do corpo, de gestos, do comportamento constrói uma “identidade feminina”, em que emerge “um tornar-se mulher”, como dizia Simone de Beauvoir. Assim como “tecidos, bijuterias e hormônios, também histórias de amor, de viagens e de infância são convocadas para a construção de uma mulher, que é corpo, que é uma forma de vestir, mas que é também uma cabeça (mentalidade) e uma história de vida” (Silva,1993).

Segundo Debert (1994), deve-se considerar o aspecto relacional e performático do gênero que, juntamente com a idade, tornam-se elementos fundamentais para se pensar o envelhecimento. Refletir sobre a relação entre gênero e envelhecimento é considerar, sobretudo, formas distintas de se pensar e viver a velhice, discutindo a idéia de homogeneidade em relação ao processo de envelhecimento. Como já foi citado no início deste capítulo, os primeiros estudos sobre a velhice realizados pela gerontologia a viam como uma experiência homogênea, minimizando as diferenças de classe, etnia, gênero e religião (Debert, 1994). Partir, portanto, de uma perspectiva de gênero é considerar as trajetórias de vida como construção social e cultural e como esse aspecto vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho (Brito da Mota, 1997).

⁷⁸ O vídeo chamado *Juliu's Bar* é uma produção de Consuelo Lins, realizado em 2001, no Rio de Janeiro. O tema do vídeo gira em torno das relações sexuais e afetivas das travestis que freqüentam o *Juliu's Bar*, em Nova Iguaçu, município do Rio de Janeiro, bem como seu processo de transformação corporal. Consuelo Lins é Professora da Escola de Comunicação da UFRJ e pesquisadora do CIEC; é também documentarista, tendo dirigido, além de *Juliu's Bar*, *Chapéu Mangureira* e *Babilônia* (1999).

O universo travesti tem seus próprios códigos, regras, valores, estilos, ou seja, seu próprio ethos e sua visão de mundo. Nesse sentido, concordo com Heck e Langdon (2002) quando enfatizam que o processo de envelhecimento apresenta variações que são constituídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores. O envelhecimento deixa de ser uma fase biológica, passando a ter diferentes construções de acordo com as relações de poder, as expectativas dos papéis sociais das pessoas no grupo, as relações de gênero e os conflitos que fazem parte da vida podendo encaminhar situações de readaptação, invenção de valores /e ou exclusão.

Meu objetivo, portanto, é o de contextualizar a experiência de envelhecimento de um grupo de travestis, levando em conta a sua representação de gênero e estando atenta ao fato de que elas não só ultrapassam as fronteiras do gênero, mas principalmente, para a máxima tão comumente vinculada a elas, que é do seu *eterno devir*. Parafraseando Silva (1993), estamos em território humano diante de personagens que decidiram desempenhar os mais difíceis papéis e, indo além, os mais diversos papéis, e que a qualquer momento podem sacar do feminino ou masculino, dependendo daquilo que a ocasião pedir, mantendo uma ambigüidade inerente a sua condição, mantendo as qualidades valorizadas pelos dois gêneros. Tendo em mente essa fluidez, essa mobilidade com relação as suas representações de gênero é que penso analisar sua experiência de envelhecimento, levando em conta o caráter relacional do gênero, para além da posição que ocupam dentro de um esquema hierárquico feminino e masculino.

2. Falando sobre velhice

Ao pedir às travestis que discorressem sobre o tema da velhice, meu objetivo foi o de apreender, através de suas narrativas, suas formas de percepção e representações sobre esse período da vida. Assim, exponho, a seguir, alguns trechos de seus depoimentos que acredito serem mais significativos.

Helô

“Ser velho é uma consequência natural, uma vivência né? depois de um certo tempo ficar jovem toda vida cansa, você tem que ficar velha e ir embora para onde eu não sei. Agora eu vivo bem, pois vivo no meu canto”.

“Deviam (se referindo as travestis mais jovens) estudar, fazer alguma coisa para não chegar na velhice e ficar dependendo, é muito chato. Imagina uma bicha velha coitada, sem um canto, morando em baixo da ponte”.

Velho é horroroso... a gente se olha no espelho... (faz uma careta). Envelhecer é muito ruim (esse relato foi feito quase como uma confissão, já tinha desligado a filmadora e conversávamos sobre a entrevista)⁷⁹.

A narrativa de Helô, inicialmente, como se pode perceber, fala do velho como etapa de vida, como um fenômeno natural, acentuando a trajetória de todo ser humano: *nascer, crescer e morrer*. Ao mesmo tempo, constrói sua representação sobre a velhice, classificando-a como uma fase de tranquilidade e estabilidade, pois tem seu próprio “canto”, que seria seu apartamento, conquistado com muito esforço e que, por sua vez, lhe garante, juntamente com sua aposentadoria, uma vida segura e principalmente digna (já que não precisará se submeter aos cuidados dos familiares). Assim, segundo sua percepção, para se ter tranquilidade e estabilidade na velhice, considerando que sua iminência, aqui vista como uma ameaça, pode trazer inúmeras dificuldades, se faz necessário um investimento no futuro, ou seja, estudar, ter uma profissão, algo que garanta o sustento, e “ter cabeça” (uma expressão recorrente entre algumas das minhas informantes e entre algumas das travestis com quem pude ter contato durante o trabalho de campo), o que quer

⁷⁹ Apesar desse depoimento ser decorrente de uma de nossas conversas informais, Helô não fez nenhuma objeção quanto ao uso das informações obtidas dessa forma.

dizer estudar⁸⁰, ter uma profissão (ou seja, que não se limite à prostituição e/ou ao mundo dos shows) e se cuidar, levar a vida de forma mais regrada, evitando, principalmente, ser alvo de doenças como AIDS e tornar-se dependente de drogas químicas. Dessa forma, chegar à velhice e poder vivê-la com tranqüilidade – o que para ela é o que se deve esperar dessa fase da vida – é resultado de uma combinação de fatores: uma boa educação, trabalho e, principalmente, “ter cabeça”.

Nota-se também, em seu discurso, uma articulação entre beleza e velhice, de uma forma negativa, isto é, ela tem uma visão do velho como alguém incapaz de manter seus atributos físicos, associando diretamente, e por que não “inevitavelmente”, a beleza à juventude. Pode-se perceber também, nesse trecho do diálogo, uma certa revolta frente a sua “condição de velha”. Existe uma ambigüidade em sua fala - ao mesmo tempo em que deixa escapar o quanto à imagem do seu rosto e do corpo envelhecido lhe desagradam, Helô constrói uma representação da velhice como conseqüência natural da vida e, portanto, diante do inevitável e inexorável, cabe resignar-se e esperar a morte chegar. A questão da morte e sua proximidade - que para ela esta vinculada a sua idade já avançada - apareceu algumas vezes em seus relatos, quando, por exemplo, justificou seu desinteresse em “arrumar a casa”, não vendo mais “sentido” em se preocupar com a aparência de seu apartamento, e essa “ausência de sentido”, a meu ver, está relacionada ao caráter de sua velhice, que pode ser compreendida, usando uma expressão de Peixoto, como “tempo de solidão” e de “descanso”.

Laura

“Velhice para mim é quando a pessoa se entrega a idade, quando não se diverte, não vai a uma discoteca, tudo incomoda ... a mim nada incomoda. Cada um envelhece de uma forma, depende muito da pessoa, tem gente que envelhece logo, não quer fazer mais nada.”

⁸⁰ De acordo com Becker (1977:51), “quando uma sociedade contém grupos desprivilegiados, a educação é um dos meios possíveis de mobilidade para eles, assim como é um dos meios pelos quais os membros do grupo dominante mantêm seu status”. Cabe salientar que, entre elas, torna-se um diferencial de extremo valor, garantindo status à pessoa que terminou seus estudos e principalmente freqüenta ou freqüentou um curso universitário.

“Não existe velhice meu amor, o que existe é sempre um espírito sempre jovem. Mas poucas estão chegando a Terceira Idade, muitas são as doenças. Estou na Terceira Idade, mas não sinto nada.”

“Tem diferença muito grande com a idade, a Terceira Idade compromete, acontece que a gente tem que se preparar, eu vivo da minha aposentadoria, do show, o tempo destrói tudo, o sexo.”

Não sei se é esse meu contato com o público, que eu tenho, minha personalidade extrovertida, eu sou muito alegre, acho que mentalmente não envelheci, não, quanto mais velho, mas desinibido eu fico, eu acho que eu vou ficar uma velha gagá, eu acho um escândalo”.

Num primeiro momento, a velhice é negada⁸¹, já que “não existe velhice, meu amor”. No entanto, o que sua fala nos diz é que para ela existem dois tipos de velhice, ou seja, duas formas de viver a velhice; assim, temos a “velhice negativa”, sinônimo de inatividade e decadência, que é vivida por aqueles que não gostam de sair, que não se divertem, que se incomodam com tudo (o “velho” como alguém dotado de qualidades negativas, é chato e rabugento); e a “velhice positiva”, na qual ela se insere, a velhice dentro dos moldes do discurso da Terceira Idade, uma velhice ativa e feliz e, portanto, jovem. Isso serve para ilustrar um dos argumentos de Debert. Segundo a autora, a partir da década de 70 do século XX, as fronteiras que demarcam os estilos de vida tidos como próprios aos indivíduos em diferentes faixas etárias começaram a passar por um processo de “embaçamento”. (Debert, 2002). Percebe-se, portanto, uma espécie de dissociação da juventude a uma faixa etária específica e a transformação dela em um bem, um valor que pode ser conquistado em qualquer etapa da vida através da adoção de formas de consumo e estilos de vidas adequados. Como um dos principais pressupostos da ideologia da Terceira Idade, a idade não é mais pertinente como um elemento demarcador de comportamentos e

⁸¹ A negação da velhice também foi encontrada por Britto da Motta nos depoimentos de senhoras de grupo de idosos de uma associação de moradores em Salvador. Uma das senhoras de 64 anos ressalta: acho que não tem ninguém velho (...) Velho é só o que se joga no lixo. Frase muito repetida: *velho não existe, velho é o mundo.*

estilos de vidas e, intrinsecamente vinculadas a essa idéia, estão uma série de técnicas de manutenção corporal e receitas de comidas saudáveis, que procuram mostrar como os que não se sentem velhos devem se comportar, apesar da idade avançada (idem, 2002) E por fim, a aposentadoria dissociada a idéia tradicional de velhice surge como um momento de busca do prazer e da satisfação. E se sentir, parecer e se comportar como velho passa a ser problema exclusivo dos indivíduos. Há, portanto, de acordo com Debert, um processo de *reprivatização da velhice*. No entanto, como a autora salienta, é um exagero supor que a idade não serve mais como um demarcador de códigos comportamentais nas sociedades contemporâneas e essa visão da idade como referência comportamental está embutida na fala da Laura, pois, quando observa que será uma “velha gagá”, ela está dizendo que, ao contrário do que se espera de um “velho”, ou seja, um comportamento sério e introvertido, dela podemos esperar muito “babado”⁸².

Cabe destacar uma outra idéia a partir do discurso da Laura, que de algum modo corresponde às argumentações de Debert. Laura faz uma separação entre corpo e espírito que é possível estender para corpo e alma, e essa separação, que já se faz presente desde de Descartes, e que atualmente pode ser reinterpretada como separação entre corpo e self, continua exercendo forte influência nos conceitos de envelhecimento humano e na luta para substituir as imagens negativas de degeneração por idéias mais positivas de desenvolvimento na meia-idade e na idade avançada:

“A idéia de aceitar o corpo em degeneração, as suas limitações biológicas, é uma questão fundamental nas sociedades contemporâneas. Pois ao mesmo tempo em que é inevitável considerar que o corpo envelhece isso não significa que uma pessoa idosa ao ter sua capacidade biológica reduzida não possa ser triunfante e feliz social e psicologicamente”. (Featherstone & Hepworth, 2002).

Enfim, quando Laura declara que, apesar de reconhecer as limitações biológicas de um corpo envelhecido, mentalmente não se sente envelhecida, ela está chamando atenção para sua capacidade de se “comunicar”, de relacionar-se com outras pessoas, para a idéia,

⁸² *É do babado* é uma expressão muito usada pela Laura e pode significar muitas coisas, mas em geral quer dizer uma pessoa alegre, extrovertida, que fica em evidência, ou uma festa muito boa.

tão cara a esses sujeitos, que é a do devir, do ser que se faz e refaz individual e coletivamente.

Raquel

“A velhice para mim é uma coisa normal (enquanto fala não olha para câmera e mexe nos álbuns de fotos que estão em cima do sofá), eu não tenho plástica, não tenho dinheiro para fazer plástica. Se eu tivesse dinheiro, eu faria, para me sentir mais jovem, porque eu sou vaidosa. Aceito, mas cada dia que olho no espelho, me sinto mais velha. Eu acho que, cada dia que passa, a gente envelhece mais um pouco. Mas eu aceito minha idade. Estou com artrose no joelho, o médico mandou fazer caminhada eu faço.”

“Eu cheguei aos 64 anos e quero chegar aos 65. O pessoal me chama de senhora , senhora para lá, senhora para cá. Eu gosto disso. Me chamam de geriátrica. Eu não ligo porque sou geriátrica mesmo”.

“Eu não tive infância, agora a minha infância talvez esteja sendo agora depois de velha, que a gente volta a ser criança. Eu sou uma pessoa que gosta de brincar, gosto de inventar nomes. Eu sou muito brincalhona, com toda a minha idade. O pessoal acha que sou caricata⁸³.”

A partir dos seus relatos, podemos perceber que Raquel se identifica como “velha” e usa o termo “geriátrica”⁸⁴ como uma forma de se auto-definir. Durante algumas de nossas

⁸³ Caricata é uma expressão utilizada para designar um tipo de show realizado por travestis, transformistas e drag queens . São performances em que predominam o que é engraçado e às vezes o que é ridículo. Chamar uma travesti de caricata pode querer dizer que ela é engraçada ou ridícula, isso vai depender do contexto.

⁸⁴ Nesse sentido, cabe ressaltar que, a meu ver, a utilização desse termo proveniente do discurso médico pode estar ligado ao fato da Raquel freqüentar com certa assiduidade um especialista em geriatria, mas também porque é a forma pela qual algumas travestis a chamam, além do fato de que a utilização de termos

conversas, ela utilizou também termos como “velha” e “idosa”. Há no discurso da Raquel uma preocupação em demonstrar que aceita e está conformada com sua idade e condição de velha. Aqui, idade é sinônimo de velhice. E a velhice está relacionada à degenerescência física e mental. Quando ela diz que agora, na velhice, está vivendo sua infância, além de denunciar que por ser uma criança de família humilde precisou trabalhar muito cedo, ela está falando das possíveis conexões entre infância e velhice. Gusmão (2003), ao fazer um estudo sobre as realidades da infância e da velhice, observa que as crianças e os velhos são percebidos como seres entre duas águas, salientando que sua existência é um enigma para as sociedades modernas, representando um desafio à compreensão estabelecida do mundo. Vistos como sujeitos marginais devido à própria natureza das sociedades modernas que são “comandadas por um devir que alienaria as experiências vividas no presente”. (Gusmão, 2003: 17).

Em relação ao seu depoimento, cabe dizer que, ao salientar que agora, na condição de idosa, vive sua infância, pois é uma pessoa muito brincalhona, ela caracteriza a infância como a fase da vida própria para diversão e brincadeiras, e se ela “volta a ser criança” é porque, de uma certa forma, compreende a velhice como um período marcado por dependência, falta de autonomia para gerenciar-se e determinar-se socialmente (Gusmão, 2003).

Zezé

“Até hoje não me caiu à ficha esse negócio de idade, não mesmo, porque hoje eu me sinto melhor do que quando eu tinha 20 anos, nos meus vinte anos eu lutava muito pela vida e hoje pela minha luta eu acho que eu consegui o que eu queria. Nunca pensei eu com 70 anos, 80 anos de idade ainda é lógico que eu acho que pesa”.

“Eu não sei falar sobre a velhice, eu acho que a velhice esta na cabeça, se você tem uma cabeça legal você não tem como envelhecer

científicos, entre elas, é a forma de mostrarem que são pessoas informadas, cientes de seus direitos e deveres,

logicamente que fisicamente sim conheço gente com 75 anos e com cabeça de jovem. Eu acho que a velhice não existe, você é que faz a velhice. A velhice não é morte. Você tem fases na sua vida, o certo da vida é nascer, ser jovem e envelhecer é o natural da vida”.

Como é possível perceber, Zezé não se reconhece como velha. O velho aqui é o outro, o que tem mais de 70 anos de idade. Nesse sentido, Brito da Motta destaca que, atualmente, percebe-se uma redivisão entre as idades. Por exemplo, vê-se a emergência de velhos/jovens de 50 e 60 anos, mais ativos e saudáveis, de velhos/velhos e, quem sabe, o surgimento de uma quarta idade. (Brito Da Motta, 1997). A meu ver, no relato de Zezé, a negação da velhice está diretamente relacionada a um estado de bem-estar, afinal, ela admite que essa é a fase da vida em que se sente melhor. Mais uma vez a velhice é compreendida com uma “fase da vida” em que predomina a desmotivação, a tristeza e, principalmente, a impossibilidade de ser feliz. E ainda mais uma vez a velhice surge como um “estado emocional”, muito mais do que uma presença física, estando aqui também embutida a idéia da velhice como responsabilidade do indivíduo. (Debert, 2000). Em sua fala também fica evidenciado o ciclo biológico da vida e a sua periodização em categorias etárias.

4

5 **Gilda**

“A minha relação com a velhice é a seguinte: cuidados para a saúde, se manter bem, alimentação, esporte, lazer e sexo. Cuidar um pouco... eu só uso hidratante, agora plástica, de vez em quando é claro!. Mas não é uma coisa preocupante, eu tava vendo Odete Lara que é minha amiga, e ela estava falando da beleza e da velhice. Quem sou eu, para falar alguma coisa depois de ouvir Odete Lara falando. Então eu estou aprendendo com a Odete, com a Yoná, com a Suzana Vieira, com essas mulheres que eu conheço e trabalho e são minhas amigas, e que

foram belíssimas jovens e que hoje estão envelhecendo e tornando-se senhoras. Por que eu vou ser diferente delas? Eu estou envelhecendo como elas. Eu não tenho esse problema, eu quero ser bonita, ser cuidada, eu ando todos os dias, uma hora por dia na areia da praia, mesmo com chuva”.

“Eu não sei se vou me adequar à velhice ou se a velhice vai se adequar a mim . Mas eu não tenho pavor dela não, é como a morte, não tem jeito, a gente vai ficando mais velha. Então quer dizer, a velhice tem que ser aparada como tudo. As unhas que crescem e quebram você aparada – fica olhando para o espelho esticando a pele do rosto com a mão – então você vai aparando a velhice, você corta um pouco, mas vai ficando mais velha, não tem jeito, não tem solução, mas uma velha desejável eu quero ser”.

“O velho é desprezado como um todo, se ele se faz digno e importante diante da luta dele é diferente”.

Gilda, apesar de não se identificar como velha, se percebe como alguém diante da “ameaça” da velhice. É como uma senhora que ela se vê, principalmente quando se confronta com as mulheres de sua geração que freqüentam seu salão de beleza. Muitas dessas mulheres, cujas idades variam entre 50, 60 e 70 anos, são provenientes das camadas altas da sociedade carioca, quando não são atrizes de teatro e de TV. Gilda se espelha nessas mulheres e pretende envelhecer como elas. E isso quer dizer envelhecer de uma forma saudável, mantendo-se bela e desejável. Para isso, ela irá recorrer, sempre que necessário, aos recursos médicos, que prometem retardar o envelhecimento. Como destaca Giddens :

é próprio da experiência contemporânea que a definição do eu, de quem sou e a adoção de estilos de vida se faça em meio a uma profusão de recursos, como vários tipos de terapias, auto-ajuda, programas de televisão e artigos em revistas. A boa aparência, o bom relacionamento sexual e afetivo deixam de depender de qualidades fixas que as pessoas podem possuir ou não, e se transformam em algo que deve ser conquistado a partir de um esforço pessoal”. (Giddens, 1993)

Debert, ao citar Giddens em um de seus estudos sobre a velhice ressalta que, “associado ao projeto reflexivo do eu – que o autor acreditaria estar vinculado à idéia de uma sociedade mais democrática - devem ser associadas as novas concepções do corpo e as formas como elas recodificam a velhice”(Debert, 2001) . Assim, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias podem ser sinônimo de verdadeiros milagres no campo da estética, podem igualmente criar novas hierarquias que agravariam as diferenças sociais e econômicas que marcam a população brasileira (Debert, 2001). Desse modo, no que diz respeito ao envelhecimento, dificilmente poderíamos falar em democratização das relações nos termos de Giddens e em uma espécie de tolerância com o corpo envelhecido. Em suma, à medida que o envelhecimento se “transforma em um novo mercado de consumo não há lugar para a velhice que tende a ser vista como conseqüência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. O declínio inevitável do corpo, do corpo que não responde as demandas da vontade individual, é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade”. (idem, 2001).

Por fim, ao falar sobre a “marginalização social do idoso” na sociedade brasileira, Gilda destaca que o indivíduo que envelhece e que, portanto, na maior parte das vezes, é estigmatizado, deve lutar por seus direitos para ter uma vida digna, afinal, a luta faz parte de sua trajetória de vida, uma idéia que contraria a reivindicação de Bosi : O velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele.

Para finalizar, é possível destacar algumas idéias consensuais a respeito do envelhecimento e da velhice a partir de suas representações. Primeiramente, pode ser destacado o fato de admitirem que é difícil para as travestis chegarem à velhice, devido às doenças, a violência e as drogas. Não é exagero dizer que, a morte chega cedo para esses sujeitos, vistos como um grupo. Durante as entrevistas, em um momento ou outro, elas comentaram sobre uma amiga travesti que já tinha falecido, em geral devido a AIDS. Por outro lado, elas apontaram a necessidade de investirem no futuro, a fim de viver a velhice sem precisar depender de outras pessoas, apontando, mais uma vez, para o caráter conflituoso de suas relações familiares, para o fato de uma boa parte delas ter rompido os

laços familiares e também para o próprio caráter fragmentário, competitivo e pouco solidário das relações no interior do seu próprio grupo⁸⁵. Grosso modo, isso significa não se restringir ao ramo da prostituição e dos shows, buscando se inserir no mercado de trabalho através de outras funções.

Mas um fato é unânime entre elas: o orgulho de, nessa fase da vida, serem constantemente “confundidas” com senhoras, de serem chamadas de senhoras quando vão ao supermercado, ao banco, ao cinema, enfim, em suas relações cotidianas. Em suma, há uma representação positiva da vida na fase atual que deve ser relacionada às especificidades de suas trajetórias de vida e a própria natureza da sociedade da qual fazem parte.

3. “Passando-se” por senhora : sobre identidade e projeto

De acordo com Heilborn (1996), a identidade social deve ser entendida como “(...) um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em determinado mundo social”(1996:137). Essas marcas agem como modeladoras das pessoas e operam em três dimensões : *A primeira refere-se à existência de um elenco de atributos e traços que classificam o sujeito a partir da inserção na estratificação social, idade, gênero e etc ...A segunda refere-se ao modo como tal elenco de atributos insere-se num campo de significações sociais. A terceira dimensão são as formas que tais marcas se expressam mediante determinados valores (...) incorporificando-se em significados que articulam a imagem de si e a relação com outro* (Ibidem:137). A identidade, portanto, se apresenta exterior ao sujeito ao mesmo tempo em que pode ser entendida como objeto de interiorização do mesmo.

⁸⁵ Aqui vale ressaltar que, por várias vezes, em campo, pude ouvir das próprias travestis que freqüentavam as reuniões da ONG e das minhas informantes o quanto as relações entre elas são tensas e recheadas de intrigas; por outro lado, não estou querendo afirmar a inexistência de relações de amizade e afinidade entre elas, no entanto, elas são mais restritas.

Heilborn (1996) continua, enfatizando que os indivíduos na modernidade vivem um campo de possibilidades (...) “no qual suas escolhas se limitam e se atualizam sobretudo num universo em que, fruto de sua própria ideologia, se aposta na idéia de opção, impelindo os sujeitos a assim reagirem”. A autora destaca a identidade sexual como uma das dimensões da identidade social das pessoas, apoiada numa perspectiva construtivista, que sustenta que a sexualidade não possui uma essência a ser desvelada, mas é antes um produto de aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana (1996:137). Assim, a problemática da identidade sexual vai estar ancorada em um contexto histórico-cultural específico. Citando Foucault, a autora destaca que os sujeitos na modernidade se localizam num mapa social motivados pelo desejo: “a escolha de certas práticas sexuais revelaria a natureza dos indivíduos, situando-os frente aos outros” (1996:138).

De fato, para pensarmos a identidade etária e sexual do grupo de estudo, é interessante percorrermos as atuais reflexões sobre identidade de modo geral. O conceito de identidade está sendo muito discutido atualmente no âmbito da teoria social. Hall (2002) fala em uma “crise de identidade” desencadeada pelo caráter fragmentário das sociedades na pós-modernidade. E ao discutir sobre essa noção, o autor distingue três concepções distintas : o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo seria o indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, e seu centro consistiria num núcleo interior que o acompanharia por toda sua existência. O centro essencial do eu seria a identidade de uma pessoa. O sujeito sociológico ainda tem um núcleo ou eu real, mas este passa a ser formado mediante sua interação com a sociedade, mantendo um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e com as identidades que esses mundos oferecem. Enfim, temos o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, entendida como uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 2002).

Assim, com o declínio das velhas identidades, surgem novas identidades, que fragmentam o indivíduo moderno que deixa de ser visto como um sujeito dotado de uma identidade unificada e estável. Nota-se, portanto, uma perda de sentido de si, motivada por

transformações na estrutura social das sociedades modernas, o que, por sua vez, ocasiona uma fragmentação nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade etnia, raça que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (Hall, 2002:9). Entra em cena o sujeito pós-moderno, que sem ter uma identidade permanente, fixa, torna-se passível de ser possuidor de várias identidades. À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, defrontamo-nos com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2002). Bhabha (1998), ao tratar da problemática das relações entre identidades culturais divergentes, fala da possibilidade da emergência de uma passagem intersticial, situada no meio das designações de identidade, que se transformam no processo de interação simbólica, de uma passagem que evita que as identidades se estabeleçam em polaridades primordiais (1998:22). O que, por sua vez, vai possibilitar que se formem sujeitos no que ele designa de “entre-lugares”, como excedentes da soma das partes da diferença (geralmente expressas como raça, gênero, classe).

Será que Bhabha (1998) apresenta um caminho para se pensar a emergência e o desenvolvimento de atores sociais como a travesti? Será que é nesses entre-lugares que as travestis elaboram suas estratégias de subjetivação? Obviamente, diante do quadro que se forma nas sociedades, na pós-modernidade, em relação às identidades sociais, podemos pensar a travesti não apenas como portadora de uma “identidade desviante” (Goffman,1978), limitada a determinados locais na sociedade; é possível vê-las através de uma lente menos estreita, como a de Oliveira (1994), como travesti, filha, estudante. No entanto, cabe a pergunta: Até que ponto?

Por sua vez, Magro (2003) fala da identidade pessoal como narrativas constituídas na e pela pluralidade das práticas discursivas que se produzem no cotidiano, ou seja, na e pela linguagem. Assim, a identidade é polifônica e multireferencial:

“Cada narrativa do self não discorre apenas sobre auto-conceito daquele que o narra, mas nela esta contida a identidade sócio-cultural construída pela sua comunidade de fala e de origem, no decorrer da história. Uma narrativa do self contém uma multiplicidade de narrativas

dos selves. Isso é o que faz da imagem do si mesmo o espelho do outro”. (Magro, 2003).

E ao discutir sobre a constituição de uma identidade etária, Magro coloca que o reconhecimento da idade do outro e da idade de si carrega o reconhecimento de modos de sociabilidade, de uma história pessoal e coletiva e do processo cultural estabelecido: “Como membros de uma cultura ocidental contemporânea somos pertencentes a um grupo etário, somos marcados socialmente, De certo modo, Barros (2000) compartilha essa visão, pois acredita que a velhice pode ser um desses momentos em que os valores do grupo assumem uma força capaz de marcar um estilo de vida (idem, 125). Por outro lado, essa idéia parece ser oposta a de Debert (2001), que defende uma mudança de possibilidades do ser velho e não vê o pertencimento a um grupo etário como marcando socialmente e de forma definitiva as possibilidades de expressão e sociabilidade

O uso do conceito de identidade nesse trabalho tem como objetivo verificar a construção de uma “identidade de velha” como uma faceta desses sujeitos e se ela é tomada como a mais relevante, nesse sentido, deixo claro que tive como inspiração o trabalho de Barros, realizado junto a um grupo de mulheres católicas, de camadas médias do Rio de Janeiro, entre os anos de 1977 e 1978. Desse modo, optei por ressaltar alguns dos momentos em que, a meu ver, essa “identidade de velha” tornou-se aparente para mim.

Estávamos em mais uma reunião do chá, mas especificamente, após o carnaval, e conversamos sobre os bailes. Num determinado momento, Raquel me contou que esteve no Terreirão⁸⁶ distribuindo camisinhas e que encontrou Nicole. Quando lhe perguntei se elas ficaram juntas, começou a reclamar da forma como esta a tratou. Referindo-se a Nicole como “muito confiada”, Raquel disse que a mesma ficava o tempo todo “segurando nos seus peitos”, “apertando sua bunda”, falando alto, chamando a atenção dos homens, e que ela precisava entender que já está “velha”, que não está mais com “idade” para esse tipo de brincadeira e que ela estava ali “trabalhando”.

⁸⁶ Terreirão é um espaço localizado no centro do Rio de Janeiro, próximo ao sambódromo – local onde acontecem os desfiles de escolas de samba – destinado a shows de pagode e samba. Apesar de concentrar um público diversificado, os frequentadores, em sua maioria, são pessoas provenientes das camadas médias e baixas da população.

A partir desse evento, penso ser possível perceber que Raquel aciona sua identidade de “velha” ao confrontar-se e relacionar-se com alguém pertencente a um grupo de idade diferente do seu. Através da idade do outro, de suas práticas, de seu comportamento ela se dá conta de sua própria idade, de seu próprio grupo etário. Aciona o seu pertencimento a essa faixa etária como garantia de um maior respeito, como se o seu reconhecimento como “velha” tivesse como contrapartida o seu reconhecimento como alguém respeitável, merecedora de deferências ou, pelo menos, de um certo comportamento mais “civilizado” (Elias,1990). Aciona não tanto o seu “ser velha” mas o seu “ser senhora”. E, neste sentido, não é adequada a proximidade proposta, a invasão física, o tocar seu corpo. Conforme Simmel mostra em um ensaio sobre o segredo, as pessoas de distinção acabam criando em torno de si um espaço que não deve ser invadido, que é respeitado embora não haja barreiras visíveis, pois toda pessoa tem em torno de si uma espécie de radioatividade, todos são rodeados de uma esfera de significação mais ou menos grande nas quais mergulham todos os que entram em relação com ela. (Simmel, 1996: 53)

Ainda merecem destaque dois pontos: a questão da percepção do seu corpo e a do seu papel diante do grupo. Apesar de Raquel não se apresentar visualmente de acordo com os padrões de uma velhice convencional, apesar de “montar-se” de forma “ousada”, ela tem consciência de seu “corpo envelhecido” que, como tal, deve ser pensado e tratado com respeito e dignidade, não cabendo mais uma exposição e exploração gratuita.

E quando ela destaca que estava no Terreirão a “trabalho”, coloca em relevo o papel que ela própria se atribuiu e que também lhe é atribuído pelo seu grupo, o de orientar e conscientizar - nesse caso, a identidade etária ganha uma conotação política – as travestis mais jovens - por que elas são o alvo - quanto à necessidade de se prevenir contra o surgimento de doenças, principalmente em relação a AIDS. Esse “papel” cabe às travestis antigas, às travestis de idade avançada, porque elas são, segundo comentários que circulam no meio, devido a sua experiência e trajetória, mais conscientes e responsáveis.

Um outro momento que penso ser interessante destacar ocorreu durante minha última entrevista com Laura. Estávamos em sua casa, como de costume, e eu estava lá para filmá-la enquanto se maquiava para um show que iria realizar à noite. Entre um traço e

outro, Laura ora me explicava sobre a maquiagem, ora me contava algumas histórias e falava de si mesma. Já na metade da cuidadosa maquiagem, ela soltou a seguinte frase:

“Já é outra cara ...antes, aquela cara triste, uma bicha cansada, jogada em casa, com 64 anos, aposentada, mas depois, tudo se ascende, é só a gente querer.”

Ao confrontar-se com sua imagem no espelho sua “identidade de velha” é acionada, os sinais do envelhecimento estão ali, bem diante dela, não há como negar, suas feições perderam o viço e o brilho da juventude, são feições de uma “velha”, de uma “bicha cansada e triste”, e diante do braço forte e cruel do tempo não há lugar para o bom-humor. Nesse sentido, nos termos de Clatres, a marca do tempo é um obstáculo ao esquecimento, pois o próprio corpo traz impresso em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória, sendo que a lei inscrita sobre ele é uma lembrança inesquecível. (Clatres, 1974).

Temos, aqui, duas “Lauras”: a Laura que é uma “senhora” de 64 anos, que fica em casa, na companhia dos seus cachorros, assistindo TV, às voltas com seus afazeres domésticos, e a Laura que faz shows, que sai para se divertir, que sai para arrumar namorados, (e diminui sua idade uns 10 anos, pelo menos) em momentos onde tudo se ascende. Portanto, é na esfera da casa que nos deparamos com a “travesti velha”, é quando ela está descansando, sem “nada para fazer” e, por vezes, sentindo-se desmotivada. A esfera da casa, como um cenário que propicia a construção de uma identidade de velha, também dever ser levada em conta no caso da Raquel - embora esta também tenha acionado sua identidade de senhora no espaço público, no encontro como Nicole, mas aí resgatando nela aspectos tidos como positivos: o respeito, a dignidade, as boas maneiras - da Helô e da Gilda. É o local do descanso, da aparência despojada, da roupa de velha (a primeira vez que fui à casa de Raquel encontrei-a trajando um roupão de tecido de algodão, e assim que peguei a câmera para filmar a entrevista ela me disse: “Deixa eu tirar essa roupa de velha!”)

Em termos gerais, é possível perceber a emergência de uma identidade de “velha” entre elas. No que diz respeito as suas relações sexuais e amorosas, há uma mudança de postura e de compreensão da sua sexualidade que elas vinculam diretamente a sua idade

avançada, a sua maturidade. Por exemplo, a Helô já não se interessa mais por sexo e credita seu desinteresse à idade, porque já está velha demais para essas coisas. Zezé, Raquel e Gilda não têm mais paciência para manter relacionamentos longos, para se unirem a outros homens, e acreditam que isso está vinculado à idade. Laura, apesar de manter uma vida sexual ativa, ao levar seus namorados para sua casa, utiliza algumas estratégias de proteção que, penso, não seriam acionadas na sua juventude.

Mas é basicamente a partir dos aspectos corporais, quando elas se dão conta das marcas do envelhecimento em seu rosto e em seu corpo, que esses sujeitos dão lugar à velha. É como diz Barros (2000), o belo contrastando com o feio, a doença com a saúde e, me permitindo avançar, a tristeza com a alegria, aparecem como oposições utilizadas para se classificarem e definirem como velhas. O surgimento de uma identidade de velha - apesar da resistência de algumas delas em assumirem sua “condição de velhas”, - está intrinsecamente relacionado às representações que elas constroem sobre o que é ser velho e sobre a velhice.

Considerando que identidade e projeto são concepções que se articulam no sentido de dar significado à vida e às ações dos indivíduos, após apresentar a idéia de identidade e discorrer sobre ela, detenho-me, a seguir, tecendo reflexões sobre o projeto travesti na velhice à luz das considerações de Velho.

Velho (1998) define a noção de projeto de acordo com os termos de Schutz: “conduta organizada para atingir fins específicos”. Para o autor, o conceito de projeto procura, entre outras coisas, dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Partindo desse ponto de vista, a noção de projeto está diretamente associada à emergência do indivíduo como agente, como produtor de mudança pessoal e coletiva. De acordo com Velho (1998), o projeto pode ser elaborado por um indivíduo, por um grupo ou categoria social, e envolve um tipo de ato consciente que lida com um campo de possibilidades sócio culturais. Assim, o conceito de projeto articula-se à existência na situação social de um campo de possibilidades. “É a partir da delimitação desse campo que se pode perceber a gênese e viabilidade de projetos específicos. É evidente que existe ambigüidades e que os projetos, especialmente em uma sociedade complexa heterogênea, não são absolutamente coerentes e

monolíticos. Na prática social aparecem contradições e complicações que vão, por sua vez, atuar sobre os projetos originais transformando-os. De qualquer forma o sujeito do projeto pode conscientemente mudá-lo renegociando a realidade, em confronto com outros sujeitos, indivíduos ou grupos”. Desse modo, não existe um projeto eminentemente individual a partir do momento que está em constante articulação e negociação com outros projetos. Velho observa que a própria formulação do projeto pressupõe a reconstrução da biografia – é o momento em que, dentro das possibilidades pautadas pelo presente e pelo significado dado à própria história, o indivíduo planeja suas ações. E salienta ainda que o melhor método de captar os projetos individuais é através da verbalização, ou seja, dos discursos, pois considera que a condição de existência do projeto está na sua capacidade de comunicação.

Para Silva (1993), o projeto travesti é de se constituir socialmente como mulher, no entanto, ao questionar a base do projeto, supõe que o que está na raiz do mesmo não é a mulher, mas a mutação: “Desdizer-se, descomprometer-se, prometer-se a si próprio todos os gozos possíveis em universo precário, que se oferece espremido entre a expressão da regra e a impressão de trapaça” (Silva,1998).

Não pretendo aqui trabalhar a noção de projeto entendendo a velhice como seu último momento possível de formulação e execução (Barros, 1997), mas com o objetivo de apreender os contornos que o projeto travesti ganha na velhice, considerando, como Velho (1999), que os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas.

3.1 Retocando o Batom

Ao se sentirem como mulheres, ao reivindicarem uma “alma feminina”, uma “identidade feminina”, os sujeitos da minha pesquisa, quando passam a viver a experiência da velhice, a concebem sendo fiéis a esse “sentir-se mulher”. O que antes de tudo estou procurando deixar claro é que, com a chegada da velhice, elas não deixam de ser travestis e

muito menos o seu projeto é abandonado. Elas se vêem como “senhoras” e, de acordo com a concepção delas, “senhoras bem sacudidas”. Desse modo, retomando Lopes (1995), que levanta a hipótese de que nem todas as travestis desejam envelhecer como travestis, chamando atenção para a vinculação desse desejo com a aplicação de hormônios, ressalto que, de acordo com as minhas informantes, a aplicação de hormônios é continua até o momento de se atingir os objetivos com relação à fabricação de um corpo feminino. E em relação à aplicação de silicone, por exemplo, segundo elas, não há uma mudança efetiva no corpo, com envelhecimento, isto é, não é necessária a manutenção periódica da prótese ou mesmo quando o silicone foi injetado por uma bombadeira⁸⁷ e não colocado em uma clínica de cirurgia plástica. Por outro lado, se elas sentem a necessidade de retoques, esses são rapidamente providenciados.⁸⁸ Nesse sentido, a cirurgia plástica é um recurso utilizado também para retardar ou disfarçar as rugas que o tempo traz quando, obviamente, se tem condição financeira para isso. Por exemplo, no caso das minhas informantes, apenas Gilda e Zezé se submeteram à cirurgia plástica no rosto, mas Raquel, se tivesse condição financeira, prontamente se submeteria a uma intervenção cirúrgica reparadora. Ao buscar levantar algumas das especificidades dessa experiência para elas, deparei-me com “Índias” (fazendo aqui uma alusão ao personagem do vídeo da Consuelo Lins), com “senhoras” que constantemente se preocupam com a sua aparência. Não é por acaso que Laura me relata que as travestis, quanto mais velhas, mais vaidosas ficam, e que Gilda, em seu depoimento, destaca que:

“Eu me cuido assim... não faço loucuras, é claro que eu já fiz plásticas, claro que quero conservar enquanto der, mas eu quero ser velha, eu não quero morrer, mas eu quero ser uma velha loira, uma velha decotada, com os braços de fora – mostra os braços e olhando para o espelho passa a mão na parte inferior – se ficar muito pendurado eu acho que vou cortar um pouquinho entende? Eu não sei se vou me adequar à velhice ou se a velhice vai se adequar a mim.”

A questão da vaidade, os cuidados com a aparência, são proeminentes entre elas, sem exceção, e sem dúvida é uma preocupação que as acompanha desde muito cedo. Estar sempre bonita, cheirosa e sedutora não é apenas uma preocupação individual, é uma

⁸⁷ Bombadeira é o nome dado à pessoa que aplica silicone nas travestis.

⁸⁸ Por duas ocasiões, enquanto participava das reuniões do chá, pude constatar esses retoques - duas travestis acima de cinquenta anos que haviam mudado a prótese de silicone para dar uma melhorada no visual.

exigência dos membros desse universo. Várias vezes, durante as reuniões do chá ou da ONG, ou mesmo quando vez por outra caminhava com algumas delas nas ruas do centro do Rio, o tema da aparência surgia entre elas. Quando encontravam alguma travesti com os cabelos em desalinho ou com uma roupa que não se considerava adequada, o seu relaxamento era colocado em evidência e até certo ponto criticado. Isso me faz lembrar um samba-canção de Noel Rosa e Vadico, intitulado Com que roupa? e que serve para se avançar sobre esse aspecto do universo travesti. Com que roupa? nos fala de comportamento, de trânsito em diferentes esferas sociais e de códigos sociais, e se as travestis demonstram, num primeiro momento, uma excessiva e conseqüentemente fútil preocupação com a aparência, ao observarmos com mais apuro será possível verificar que elas estabelecem, de forma geral, nítidas demarcações com relação a sua “roupa”. Estar bonita e com uma aparência bem cuidada é também saber com que roupa ir, é saber se comportar em determinados ambientes, é saber, enfim, o que é adequado para cada momento. E esse tipo de exigência, conforme pude sentir, é mais realçado entre as mais velhas, existindo uma cobrança acentuada quanto a isso, com relação às mais jovens, por exemplo. Helô, algumas vezes, chamou atenção para esse fato em seus depoimentos, ao reclamar que as travestis de hoje, principalmente as mais jovens, não sabem comportar-se, não têm postura, saem na rua com roupas muito decotadas e ousadas apenas para chamar atenção e com isso, segundo ela, acabam virando motivo de chacota. Por exemplo, com relação às roupas e formas de se vestir (não estou me referindo a mudanças ocorridas na moda), é possível notar diferenças entre as travestis mais velhas e as jovens no que concerne à roupa para se usar durante o dia: se as mais jovens abusavam das mini-saias, das blusinhas (sendo a roupa mais comum entre elas uma combinação de mini-blusa que deixa a barriga de fora com calça comprida jeans bem justa no corpo e com o cós bem na altura do quadril), as mais velhas, apesar de não fazerem uso desse modelo de roupa, não se furtam de usar saia (Raquel usa com freqüência saia jeans com altura um pouco acima dos joelhos) e blusas bem decotadas, fugindo do estereótipo - ainda presente em nossos dias - da roupa de “velha”. Nesse sentido, acho interessante fazer uma alusão ao trabalho de Motta sobre identidade feminina na velhice. A autora, ao refletir sobre os significados das roupas na velhice, tendo em vista que a roupa em nossa sociedade tem o poder de comunicar as diversas fases da vida, destaca que, durante o seu trabalho de campo,

realizado entre os anos de 1986 e 1987, pôde observar que as roupas, ditas apropriadas para as mulheres de mais idade, eram necessariamente neutras, sem exageros estilísticos, transparências ou decotes, destoando, em parte, das roupas de suas velhas faceiras que, em determinados momentos, se permitiam abusar de cores, saltos e esmaltes coloridos. Apesar de ser bem considerável a distância temporal entre nossas pesquisas, arrisco-me a dizer que, atualmente - levando em conta não apenas o que podemos observar nas ruas, mas também as informações que podemos obter no seio familiar, por intermédio de nossas avós, e ainda as que são veiculadas pelos meios de comunicação – o quadro ainda é o mesmo, raro algumas “velhas faceiras” . Nesse sentido, quando Raquel e Gilda se reconhecem como “senhoras bem sacudidas”, elas se aproximam, de certa forma, dessa faceirice graduada identificada por Motta entre suas informantes. Na verdade, o que quero salientar é que, como as informantes de Motta, as senhoras da minha pesquisa procuram, em alguns momentos, se afastar dos estereótipos que são ainda hoje vinculados à velhice em nossa sociedade. No caso das mulheres, a sensível perda da “feminilidade”, que corresponderia, principalmente, à perda da capacidade de seduzir e à perda da sexualidade.

Com o intuito de continuar a análise, acredito ser pertinente contextualizá-las. Como já foi mencionado anteriormente, Raquel, Laura, Zezé e Gilda trabalharam no ramo da prostituição e ainda trabalham, no caso da Laura, Zezé e da Gilda, no ramo do show *business*, portanto, estão habituadas com uma aparência mais sexy e exuberante e construíram seus corpos femininos e suas feminilidades a partir de um modelo de feminino de “mulher” que está em conformidade com esses mundos. Um modelo de mulher que se destaque, que se diferencie da mulher (sexo biológico); uma mulher que prime pela beleza, pela sensualidade. Em uma das minhas entrevistas com Gilda, ao discorrer sobre a questão da vaidade entre as travestis de sua geração, ela ressalta:

“Todas se preocupam em estarem bem, limpas, com sapatos altos, com cabelo com a peruca ... esses são apenas os artifícios que nós usamos muito bem e as mulheres deixaram de lado, problemas delas! E tem uma onda brasileira de ser cult, natural ... que tem que ser básica ! Eu não acredito nisso, ainda mais para o homem, homem não gosta de básico, gosta de exagero, de brilho, maquiagem, de beleza”.

Por outro lado, é necessário destacar que elas não se apresentam 24 horas do dia *montadas*, para usar uma expressão comum entre elas. Em muitos momentos do trabalho de campo, não somente com relação às minhas interlocutoras principais, mas também em

relação a todas as meninas com quem travei contato, pude perceber que essa vaidade e preocupação com a aparência têm lugar em momentos determinados: quando saem de casa para irem ao supermercado, para passearem, nos encontros do chá, nas reuniões da ONG, quando saem para trabalhar, quando tem algum compromisso amoroso ou quando iam se encontrar comigo. Nos momentos em que ficam em casa, seja no caso das minhas informantes que moram sozinhas ou daquelas que vivem com seus familiares, elas se permitem um certo “relaxamento”, afinal ... “ninguém esta vendo”. Como já nos salientava Simmel (1996) no início do século, o olhar do outro é fundamental no gesto de se ornar: nos arrumamos para nós, mas não podemos fazê-lo sem, ao mesmo tempo, nos vestirmos para os outros.⁸⁹

Em todos os nossos encontros, como destaquei no segundo capítulo, com exceção daeLaura, que sempre apresentou um visual mais à vontade durante as entrevistas, deixando para se dedicar mais à aparência quando saia para a pegação⁹⁰, as minhas informantes apresentavam-se maquiadas, mesmo que fosse apenas com batom, (muitas vezes pude presenciar Raquel tirando seu batom de cor vermelha da bolsa para retocar a maquiagem) e arrumadas. Até Helô, dentro de sua simplicidade, não deixava a vaidade de lado, apresentando-se de acordo com sua discrição e elegância⁹¹.

3.2 De namoro com o “sossego?”

Se a juventude foi marcada por uma intensa rede de socialização, por muitas festas, idas freqüentes às casas noturnas, muita atividade no carnaval e, principalmente, uma vida sexual extremamente ativa, a chegada da idade mais avançada marca uma mudança efetiva

⁸⁹ “On se pare pour soi et on ne peut pas le faire sans se parer aussi pour les autres. C’est là une des contradictions sociologiques les plus curieuses : un geste qui sert exclusivement à faire voir et à rendre plus important celui qui l’accompli, n’atteint pourtant pas son but autrement que par le plaisir des yeux qu’il offre aux autres, que comme une sorte de gratitude qu’il reçoit en retour.” Op. cit, p. 52.

⁹⁰ Quando estava em campo, numa terça –feira, por volta das sete horas da noite, estando nos arredores da casa da Laura, resolvi lhe fazer uma visita de surpresa. Quando cheguei na porta do prédio, deparei-me com Laura saindo do edifício. Usava uma peruca chanel curta, de cor preta, estava muito bem maquiada, trajava uma calça preta acetinada e uma blusa preta transparente com motivos florais roxo que caíam sobre a calça até altura dos joelhos e exalava um perfume adocicado de um aroma muito bom. Quando indaguei onde estava indo tão bonita e toda arrumada ela prontamente me respondeu: vou namorar mona! Fomos conversando até a esquina, onde nos despedimos para que ela seguisse em direção ao seu encontro.

⁹¹ Para Helô, uma das principais características definidoras do ser mulher é a combinação da beleza com elegância e discrição.

com relação a essa rede. As etnografias e artigos que têm o universo travesti como tema destacam que a entrada dos neófitos não é uma tarefa das mais fáceis, desde as primeiras transformações no corpo até a entrada no grupo. Minhas informantes, em seus relatos, observam que no início se faz necessário à ajuda de alguém mais velho e que conheça os códigos e práticas pertencentes a esse universo. Zezé, por exemplo, me disse que, quando resolveu tornar-se travesti, sua transformação foi acontecendo de forma lenta e graduada, à medida que se relacionava com outras travestis. Gilda destacou, em seu depoimento, que logo que chegou ao Rio de Janeiro procurou fazer amizade com outras travestis, para que sua entrada e permanência no meio fossem concretizadas. O que me parece é que existe um momento de intensa interação, por vezes conflituosa, entre elas, mais especificamente quando são mais jovens, um momento de trabalho (prostituição e shows) e de vida social muito efervescente que sofre uma ruptura com a chegada da velhice. Como elas mesmas ressaltam, quando se aposentam, há um movimento de recolhimento, de maior resguardo. Conforme destaquei na apresentação dos perfis, de certa forma, é um traço comum entre elas esse “movimento de recolhimento”: ficam mais em casa, os momentos de lazer, como idas a cinema, a teatro ou a alguma festa são espaçados e, quando não solitários, são compartilhados com um/uma outro/a amigo/a. Mas e o carnaval? Afinal, as travestis começaram a ganhar visibilidade através do carnaval e até hoje sua figura é fortemente vinculada a essa festa⁹². O que pude observar, principalmente durante a semana que antecede o carnaval, foi uma intensa movimentação de travestis de mais idade, inclusive, quando participei de um desses típicos blocos carnavalescos com Raquel, encontramos várias senhoras pelo caminho, sem falar das que estavam nos carros alegóricos. O carnaval é, sem dúvida, um momento especial para elas, um momento de intensa interação em que encontram pessoas que não viam há muito tempo, em que as várias gerações se reúnem num mesmo espaço. Por outro lado, também é perceptível a formação de pequenos grupos etários. O que pude observar é que as travestis mais jovens movimentavam-se intensamente antes e durante os blocos; no momento da concentração, antes da saída do bloco, elas ficavam andando de um lado para outro em pequenos grupos, diferente das mais velhas,

⁹² Da Matta entende o carnaval como um rito nacional – como o Dia da Pátria, por exemplo- fundado na possibilidade de dramatizar valores globais críticos e abrangentes de nossa sociedade. Visto como um momento de *communitas*, mas que serve para manter a hierarquia e a posição das classes.(Da Matta, 1979:51). Para um melhor discussão sobre formas de expressões carnavalescas ver : Bakhtin (1987).

que se reuniam em grupos maiores para conversar. Já durante o percurso do bloco eram também das mais novas as mais expressivas manifestações de euforia, sempre dançando muito, às vezes exibindo-se para turistas, posando para fotografias ou filmadoras. Já as mais velhas, quando acompanhavam os blocos no chão⁹³, como no caso da Raquel, por exemplo, o faziam de forma animada, mas adotavam um estilo mais reservado, normalmente iam caminhando, movimentando mais os braços, conversando (quando era possível) com uma pessoa ou outra do grupo. E também as que estavam em cima dos carros alegóricos adotavam performances mais reservadas. E essa reserva, se estendia à própria participação durante o carnaval. Uma das minhas propostas no trabalho de campo era acompanhá-las, dentro do possível, nas festividades carnavalescas, nos blocos e nos bailes, mas quando perguntava a elas, mas especificamente a Raquel, Helô e Laura o que iam fazer no carnaval, elas me respondiam que nos bailes como o Gala Gay, por exemplo, não iriam, pois, além do preço do ingresso estar muito caro, havia muita confusão. Preferiam, então, ficar em casa, vendo os desfiles e os bailes pela TV.

Portanto, se a juventude é marcada por uma intensa socialização, por um período de “muita loucura”, como diz Helô, nessa etapa da vida, selecionam-se os amigos, que se tornam bem poucos, mais confiáveis, selecionam-se as festas e os eventos de uma forma geral, selecionam-se as ofertas de trabalhos, enfim, é possível notar um afastamento expressivo do meio, do grupo, e um retorno a ele em momentos bem específicos, como algum “grande show” ou no carnaval, por exemplo. À medida que adotam uma postura mais reservada frente à vida, ela se faz presente frente ao grupo. Enfim, não pude perceber entre elas uma busca por novas atividades, por novos laços, por novas práticas de sociabilidade, como nos mostram alguns estudos sobre a velhice. Acredito, em relação a elas, numa releitura de antigos hábitos, em ruptura de outros, nesse estágio de suas vidas.

⁹³ *No chão* é uma expressão popular muito utilizada no carnaval carioca e que significa dizer que o folião vai

3.3 Sexualidade entre senhoras

A questão da sexualidade é entendida, nesse trabalho, como um dos aspectos pertinentes ao processo de construção de suas subjetividades, levando-se em conta, nos termos de Loyola (1999), que a sexualidade não é fixa, que os significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar, não somente ao longo da história, de uma sociedade para outra e entre os diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade, mas também ao longo da vida dos indivíduos, considerando-se a sua biografia sexual, além do contexto em que elas se realizam. Para Giddens (1993), por exemplo, a sexualidade, hoje em dia, é algo que temos ou cultivamos, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas pré-estabelecido. A sexualidade passa a funcionar como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. (Idem, 1993) Apesar de não ser meu objetivo deter-me em debates contemporâneos sobre esse tema no âmbito das ciências humanas e sociais, estes servirão como pano de fundo para as minhas – mesmo que talvez superficiais – interpretações⁹⁴.

É inegável o papel de destaque que a travesti como “figura erótica⁹⁵” ocupa no imaginário social brasileiro. É principalmente em torno da dimensão sexual que se produz à referência maior das características que explicam o “povo brasileiro, sua índole e vocação” (Buarque, 1994; Freyre, 1936; Vainfas, 1989). O erótico permeia nosso cotidiano, das piadas aos jogos de sedução, das roupas aos comportamentos, nos escritórios, nas escolas ou nos bares. (Rago, 1998:177). Símbolos de uma sexualidade dita transgressora, às vezes definida como uma fantasia passageira a ser usufruída como bem a entendermos (Denizart,

acompanhar o bloco durante o desfile caminhando ou dançando atrás dos carros alegóricos.

⁹⁴ A literatura acerca da sexualidade é extremamente ampla, destaco aqui alguns estudos que permeiam meu trabalho. Foucault (

⁹⁵ Richard Parker (1991), em *Corpos, Prazeres e Paixões*, coloca que a cultura sexual no Brasil contemporâneo nos diz que erotismo é a experiência da atração sexual e a descrição dos atos e afetos engajados nessas práticas, conforme a percepção e a linguagem do senso comum. Por outro lado, a sexualidade é definida como um construto teórico nascido da racionalidade científica ou com pretensões a cientificidade.

1997), esses personagens eróticos e constantemente erotizados, com seus corpos exuberantemente esculpidos com muito esforço e sacrifício estão por aí, cada vez mais se exibindo e sendo exibidos em todos os lugares, nas ruas, nas capas de revistas pornô, nos filmes de sexo explícito. E como também, em sua maioria, trabalham no ramo da prostituição, sua sexualidade é percebida e destinada ao consumo público, “quem puder pagar leva”. Esse fascínio e essa curiosidade e visibilidade em relação à sexualidade desses sujeitos já produziram alguns símbolos sexuais: travestis, como Roberta Close e Thelma Lipp exibiam, nas últimas décadas do século passado, sua beleza e sensualidade provocante nas principais capas de revistas destinadas ao público masculino no Brasil. Tendo em mente esses sentimentos ambíguos em torno da sexualidade das travestis, questionava-me como seria percebido e vivido o sexo entre elas ante a velhice, levando em conta as especificidades de suas trajetórias de vida.

Em “Histórias de mulheres, de envelhecimento e sexualidade”, Peixoto, ao fazer uma análise sobre a sexualidade de mulheres envelhecidas, a partir de pesquisa realizada com camadas médias no Brasil e na França, procura identificar de que nos fala a sexualidade dessas mulheres: seria sobre tempos de solidão ou de liberdade? Tendo como base a maneiras singulares de se viver à velhice, a autora observa, entre outras coisas, que à mulher envelhecida são proibidas a sedução e a sexualidade:

“A mulher velha não é mais mulher, pois seu corpo não é mais objeto de desejo, está fora do circuito da sedução e da reprodução que, para as mulheres das gerações mais velhas, estabelece o estatuto fundamental da mulher”. (Peixoto, 1997:157)

De acordo com os padrões sociais da cultura ocidental moderna, há uma valorização da estética da juventude em detrimento da estética da velhice. Isso também repercute no campo da sexualidade. Para aqueles que se mantêm jovens tudo é permitido, pois, mesmo diante de um processo de despojamento dos estereótipos tradicionalmente vinculados à velhice, o sexo entre as pessoas envelhecidas causa um certo “estranhamento” e, às vezes, “repulsa”, ou então é visto de forma lúdica.

Um bom exemplo dessa distância e “repulsa” encontramos no filme *Copacabana*, da diretora Carla Camurati, que tem como tema central à questão do envelhecimento a partir da ótica de um senhor de 90 anos, morador do bairro de Copacabana. Em um determinado momento do filme, entra em cena a sexualidade, representada pelos devaneios desse senhor de 90 anos. É justamente na forma de “devaneio” que o sexo na velhice é tratado no filme. Ao ser envolvido por suas lembranças eróticas, esse senhor, em uma determinada cena, toma em seus braços uma mulher que ele confundiu com uma antiga prostituta com quem se relacionou na vida adulta. Desse modo, quando não ganha o lugar do mundo dos sonhos, a sexualidade surge no filme como algo a ser duramente repreendido. Aqui entra em cena uma mulher com mais de 70 anos, que se masturba com a ajuda de uma almofada posicionada entre as pernas. No momento em que essa senhora está se masturbando, sentada no sofá da sala, chega sua filha, uma mulher beirando uns 45 anos que, diante da cena, reprova veemente a atitude da velha senhora, denunciando o caráter de anormalidade de sua conduta e o quanto esta poderia ser prejudicial a toda a família. A “solução” vem por intermédio da empregada negra da família, que prepara um despacho para apagar o “fogo” da velha senhora. Sob meu ponto de vista, a diretora procura, na verdade, chamar atenção para as formas preconceituosas e pejorativas de conceber a relação entre sexualidade e velhice.

Cabe ressaltar, que a travesti Rogéria faz uma participação no filme como ela mesma, e a meu ver, sua participação é muito significativa, porque há um contraste muito grande em relação ao figurino, ao gestual, se compararmos Rogéria com as outras senhoras do filme. Rogéria aparece em todas as cenas com o rosto maquiado, os cabelos longos e sempre bem escovados, trajando roupas de cores fortes, curtas e decotadas, e seus gestos e modos de andar são minuciosamente sensuais. Quanto às outras senhoras, em sua maioria, têm como figurinos roupas de cores e cortes discretos, os cabelos são penteados em coque ou usam perucas grisalhas. Será que cabe a Rogéria, na mesma faixa etária dessas senhoras, a capacidade de ser sedutora e sexy? Gilda acredita que sim. Quando ela me relata sua intimidade e me fala de suas paqueras, ela não tem dúvidas quanto à capacidade

permanente das travestis em serem sensuais, de seduzirem e de terem uma vida sexual satisfatória⁹⁶:

"Eu gosto de desejar aquele homem, jogar olho né?. Seduzir... às vezes nem quero trepar né? basta que eu o seduza, já estou satisfeita, porque não é qualquer homem que vale a pena. O que eu vou fazer de mim ... nessa altura da vida com sessenta anos se uma pessoa de vinte quer me beijar ? eu não vou beijar?. A gente representa a dualidade o homem e a mulher, a gente pode oferecer para ele o feminino e o masculino, os homens gostam". A gente é assim, os homens a principio não sabem... tem uns que sentem logo o cheiro ainda mais agora na minha idade quando eu passo, é uma senhora, mas se eu falar com uma voz mais grave, fizer um gesto que denuncie... seu estiver interessado naquele homem , ele não vê mais como uma mulher velha , como uma senhora, ele me vê apenas como eu, eu entende? ele deseja e quer. Por que os homens podem até não querer uma mulher mais velha, mas uma travesti não importa, não tem idade é fantasia não tem realidade para eles, nós somos irreais, não temos idade, não temos nada, é verdade a gente nem tem esse problema com as novas, de estarmos com as mais novas e arranjarmos um homem, não tem esse problema basta que a gente seja interessante e bonita, até as feias se dão bem, porque o homem não vê a nossa idade, o homem vê apenas o objeto de desejo – Graças a Deus!. Aproxima as mãos como se estivesse fazendo uma oração”.

Esse trecho do depoimento de Gilda, entre outras coisas, pode ilustrar o que Heilborn (1998) diz, ou seja, que a sexualidade não é sinônimo de atividade sexual e que devemos sempre considerar o valor diferencial que lhe é dado. Às vezes, apenas o jogo da sedução é suficiente para que a sexualidade se torne aparente e faça parte das relações cotidianas. Nesse sentido, podemos fazer um paralelo com o discurso de Raquel que, diante de sua velhice, vê na capacidade de seduzir a única forma para ainda se sentir atraente e fiel ao seu papel (Silva, 1996):

“Ainda incomodo um pouco, às vezes saio na rua, tem um garoto, um pessoa que olha para mim. Por que o dia que eu passar na rua e ninguém olhar para mim, sem chacota, normalmente com interesse em mim, eu me entrego e vou para um asilo. Mas enquanto eu estiver andando pela rua e ter uma pessoa que me olhe um pouquinho, isso já é minha felicidade. Ai eu tenho que dar uma voltinha na rua, não para fazer, para pegar eu não ligo mais, já não dou mesmo às vezes eu vou nesses pontos que tem na

⁹⁶ Dias Duarte em *O Império dos Sentidos* observa que o sentido e o papel da sexualidade entre nós devem ser compreendidos num universo maior de significação, ou seja, a partir de uma articulação entre os fenômenos ligados à sexualidade, à sensualidade e à sensibilidade, em seu sentido mais amplo.

Lapa... dia de sexta-feira está cheio de garotos, eles querem fazer comigo porque eu sou uma pessoa já coroa mas estou ali inteira. Mas eu não tenho vontade. Eu penso um monte de coisas, que ele esta me querendo porque pensar que eu tenho dinheiro, que ele vai me matar. Eu não quero morrer disso. A não ser que o meu destino seja esse”. (Raquel)

O discurso de Raquel apresenta algumas contradições, ao mesmo tempo em que salienta que, por ser uma coroa inteira, leia-se: uma pessoa que “se cuida”, que procura manter um aspecto jovial, atendendo às exigências da sociedade contemporânea que tem como ideologia a autodisciplina e o autocontrole da aparência (Goldenberg e Ramos, 2000), coloca em dúvida sua capacidade de atrair, ou seja, quando se defronta com o desejo real do outro ela se vê como velha, e portanto, como alguém que é incapaz de suscitar o interesse de um homem mais jovem que ela. Nesse sentido, a aproximação só poderia ser explicada como motivada pelo interesse financeiro⁹⁷. É como se ela estivesse nos interpelando: o que um rapaz de vinte anos pode querer com uma travesti já idosa? Ao mesmo tempo em que ressalta que perdeu o interesse pelo sexo, ela justifica seu desinteresse pelo fato de no passado, ter tido muitos relacionamentos amorosos (sempre com homens mais jovens que ela) e pelo fato de ter se prostituído, ter tido uma vida sexual muito ativa. Ela ressalta ainda que não aprecia o comportamento masculino atualmente porque estes não correspondem às suas expectativas em relação ao seu modelo de homem, que se aproxima do modelo tradicional do heterossexual machão:

“eu gosto muito de ficar só, nem homem eu quero mais convivendo comigo, eu cheguei numa faixa etária de idade, que eu não ligo muito, eu sou um pouco assexuada. eu não ligo para sexo mais . Eu fiz muito sexo de 8 aos 60 anos se eu for botar todos os homens que eu fiz em toda a minha vida acho que dá uma fila daqui até Brasília. Foi muito sexo. Esses homens hoje me enjoam.. eles vão conversar com a gente perguntam logo pela genitália, vão logo querendo fazer sexo oral na gente, eu fico revoltada, eu não gosto.

Do mesmo modo que Raquel, Helô também se diz desinteressada pela sexualidade como atividade sexual e credita isso ao fato de possuir uma idade já avançada, o que, por sua

⁹⁷ Nesse sentido, vale ressaltar que em campo pude perceber, através de conversas informais, que às vezes algumas travestis mais velhas pagam pelos serviços sexuais de michês.

vez, faz com que o sexo passe a ser sinônimo de algo feio e impuro. Somente no discurso da Helô o sexo ganha essas características e isso veio à tona durante uma das nossas conversas informais, quando ela me contava sobre o seu último relacionamento com um garoto de programa, ocorrido há mais de um ano atrás. Entre uma confissão e outra, ela afirmou que nessa fase de sua vida “acha muito feio dois homens fazendo sexo”. Isso, a meu ver, relaciona-se à forte rejeição ao “meio travesti” que aparece de forma nítida em seus relatos, rejeição às práticas, aos valores, aos gostos e aos desejos.

Já em relação à Laura e a sua sexualidade, a atividade sexual ganha destaque na sua vida. A sua sexualidade está à “flor da pele” e o fato de manter uma vida sexual ativa é motivo de orgulho para ela, servindo como instrumento de afirmação e confirmação de sua juventude, mesmo no alto dos seus 64 anos:

“Eu transo, pego bofe, e só garotinho que me quer... não tenho problema de sexo, apesar desse corpão todo, não tenho problema de pegar homem, meu sexo tá vivo, vivíssimo dentro de mim”.(Laura)

Como já salientei em um outro momento, tive a oportunidade de encontrar com Laura justamente quando esta saía para a “pegação”. E segundo ela, esta é uma prática bem freqüente, pelo menos três vezes por semana ela sai à noite para fazer “pegação” próximo a sua casa. Às vezes, após “pegar o bofe”, ela o leva para seu apartamento, mas por precaução ela faz uso da seguinte estratégia: exige que o rapaz deixe seus documentos junto ao porteiro do prédio e findado o encontro ela interfona para a portaria e “libera a saída do rapaz”. Novamente aparece a questão da violência como um elemento constitutivo das suas relações sexuais, no sentido de que ela pode emergir a qualquer momento. Isso nos leva a considerar que, em termos gerais, suas relações amorosas e sexuais são vivenciadas sob a ameaça do perigo e do risco. Raquel, por exemplo, ao me falar dos seus inúmeros casamentos, revela que por várias vezes sofreu violência física e anuncia que esse não é um fato isolado, sendo até bem comum.

Voltando a Laura, além de sair para pegar bofe nos arredores do seu prédio, às vezes, ela recorre ao Cinema Íris como um outro território⁹⁸ para a prática do sexo. O Cinema Íris, como já foi dito anteriormente, é um cinema pornô localizado no centro do Rio de Janeiro, onde travestis das mais variadas idades se prostituem. Quando Laura declara que vai ao cinema à procura de parceiros sexuais, ela afirma que o faz por vício - o que significa, na linguagem delas, “transar de graça” -, ou porque aprecia o ambiente do cinema. Essa atitude de Laura pode suscitar algumas situações de conflito. Antes mesmo de Laura contar que às vezes ia ao cinema Íris, eu já tinha ouvido comentários de algumas travestis que freqüentam o chá e trabalham no cinema reprovando sua atitude. Câmara Vale ressalta, em seu estudo sobre o cine-pornô Jangada, a presença dos viciosos como uma característica da prostituição no cinema. Além da concorrência entre si, as travestis tinham que enfrentar a forte concorrência de alguns, sempre dispostos a “ ‘deslocar’ uma boca, um orifício, uma mão para um encontro episódico”. (Câmara Vale, 2000: 117). Como Perlongher diz, prostitutas, cafetões, michês, travestis estão constantemente negociando espaços territoriais através de sutis fronteiras. Só para concluir, Laura não vai ao cinema apenas atrás de um encontro sexual esporádico, por trás de suas idas ao Cinema Íris podemos encontrar as mesmas motivações de Raquel quando esta vai a Lapa, às sextas-feiras à noite. Enfim, o que está por trás, a meu ver, é um sentido de pertença, de pertença a um grupo, a um ethos.

Um ponto comum entre aquelas que salientam a importância da sexualidade em suas vidas é o fato de a sexualidade estar intrinsecamente relacionada a um sentimento de liberdade. Tanto Zezé, Gilda como Laura enfatizam que não se sentem mais motivadas a viver maritalmente com outros homens, preferindo viver sozinhas e não ter que compartilhar seu espaço - leia-se aqui “suas conquistas”- com outras pessoas. Suas representações sobre seus relacionamentos amorosos – e aqui falo em nome das outras também – mostram, além de uma significativa troca de parceiros e, portanto, de relacionamentos de pouca durabilidade, afinal são inúmeros os casamentos, também o quanto essas relações foram tensas e conflituosas e lhes trouxeram problemas, levando-as,

⁹⁸ O campo de circulações se urde em territórios mais ou menos circunscritos, cujos focos são tanto bares, boates, saunas, cinemas e outras opções de lazer consumista, quanto meros pontos de passagem e perambulação (praças/esquinas, ruas, banheiros, estações etc.) (Perlongher, 1987).

quem sabe, a não se sentirem mais estimuladas a se unir com outra pessoa novamente nessa fase da vida.

Em termos gerais, acredito que elas reforçam uma representação da velhice fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física ao reproduzirem os estereótipos que ainda pairam sobre a vivência da sexualidade na velhice⁹⁹. Afinal, as travestis, segundo Gilda, são e serão sempre objeto de desejo, pois não são pessoas comuns, não são “mulheres comuns”, fazem parte do mundo da fantasia e da ilusão, não são “reais” e, portanto, não serão afetadas pelas possíveis mazelas advindas com a chegada da velhice. Afinal, é como diz Alberto, o protagonista de Copacabana, o desejo não adormece no mundo dos devaneios, no mundo da imaginação.

Se pensarmos em relação aos muitos estudos antropológicos feitos com idosos nos últimos anos, é comum entre eles a vontade de realizar os desejos até então reprimidos, principalmente no que diz respeito à velhice feminina (Peixoto, 1997, 2000; Barros, 2000; Debert, 2000; Motta, 1986). Em alguns casos, a sexualidade é por vezes sublimada (Peixoto, 1997), no entanto, em relação às “senhoras” desse trabalho, não se nota, em seus relatos, um anseio em realizar desejos reprimidos, principalmente no que se refere às relações sexuais e práticas amorosas. Tendo em vista as particularidades de suas trajetórias de vida, quando a sexualidade não é sublimada, como no caso da Helô e da Raquel, porque estão “cansadas de tanto sexo”, ela é vivida de forma mais seletiva, cuidadosa e menos “ávida”, principalmente se compararmos como ela foi vivida na juventude e na vida adulta.

3.4 Como uma irmã mais velha

⁹⁹ Nesse sentido, Peixoto destaca que nos últimos anos, pelo fato de os padrões sociais estarem se tornando menos censuráveis, é permitido às pessoas idosas viverem sua sexualidade de forma mais livre. No entanto, não podemos deixar de considerar que a liberdade é mais encontrada entre os idosos que participam de grupos de convivências, ou seja, que participam da ideologia da velhice positiva. A liberdade da sexualidade pode estar diretamente associada ao exercício de novas atividades, à construção de novos laços sociais, o que definitivamente não atinge todos os nossos velhos. Isso me faz pensar nos meus vizinhos - Seu Sid, Dona Doca e Seu Milton, personagens de um vídeo documentário intitulado *No tempo da Carne Seca*, produzido

Um dos objetivos propostos no meu projeto de pesquisa foi o de perceber como se davam às relações entre as travestis de mais idade e as mais jovens. Alguns trabalhos já haviam apontado a existência, mais especificamente entre as que fazem trottoir, de uma relação por vezes tensa e conflituosa, destacando, inclusive, a utilização de termos pejorativos como “bicha velha” pelas mais jovens quando se referiam às travestis velhas. Nesse sentido, a pesquisa de Silva pode nos oferecer um bom exemplo. Em um determinado momento de seu livro, este autor destaca que as mais jovens, várias vezes, se dirigiam às de mais idade em tom de deboche e chacota. Com isso em mente, pensei que seria interessante verificar qual a natureza dessas relações, acreditando ser possível também identificar o papel dessa travesti de mais idade dentro do seu grupo. Seria pertinente atribuir-lhes os mesmos papéis dos nossos velhos e velhas? Seria possível vê-las como avós, por exemplo? Compreendê-las como “mentoras”, “orientadoras” ou “conselheiras”? Logicamente que esse texto não tem intenção de prover de respostas conclusivas as minhas inquietações, apenas compartilhar com o leitor alguns indícios, alguns caminhos que, acredito, podem ser explorados em outras pesquisas no futuro.

Algumas das conclusões a que cheguei são baseadas nos relatos das minhas informantes, em conversas com as jovens travestis que participavam das reuniões da ONG e, logicamente, são frutos das minhas observações como pesquisadora. Não optei por fazer entrevistas da mesma espécie das que eu fiz com as minhas informantes por considerar, pelo menos naquele momento, não ser uma boa estratégia, pois acreditava que poderiam criar alguns constrangimentos entre elas e também poderiam repercutir nas minhas relações com as travestis mais velhas.

Das minhas informantes, Raquel e Laura são as que mantêm relações mais próximas com as travestis mais jovens. Pude perceber um pouco do caráter dessas relações em alguns momentos durante o trabalho de campo. Desse modo, faço uma breve referência a dois episódios como forma de ilustração.

Quando encontrei com Raquel pela segunda vez, ela estava, como já foi mencionado anteriormente, com um grupo de três pessoas, em frente ao Hotel Copacabana Palace, e entre as pessoas desse grupo estava uma travesti muito bonita, de cor morena,

por mim em parceria com André Marcon (NAVI/2003) - que vivem sua velhice no âmbito do lar e cerceados pelos poucos laços de sua juventude.

com cabelos cacheados na altura do ombro, muito alta, de apenas 18 anos de idade. Seus trajes eram, digamos, sumaríssimos – usava um sutiã azul meia-taça e um micro-short com motivos de onça. Enquanto caminhávamos pelas ruas de Copacabana, ela chamava a atenção de todos. Perdi a conta do número de vezes que ouvi as pessoas, enquanto se “acutuvelavam”, se perguntando se era mulher ou travesti. Recordo-me, inclusive, de uma moça que foi até ela e pediu que tirasse uma fotografia com o seu marido. Antes da saída do bloco, Raquel pediu (percebendo o sucesso que Nicole estava fazendo) que eu fotografasse Nicole. Raquel dirigia as poses, dizendo para a jovem virar o rosto para um lado, mexer nos cabelos, fazer cara sensual... afinal, as fotos seriam mostradas em Florianópolis.

O bloco saiu da Av Atlântica, onde se localiza o Copacabana Palace, e dirigiu-se até a Rua Constante Ramos – percorrendo uma distância de cinco quadras. Raquel, Magda, Nicole, um amigo gay de Raquel e eu íamos caminhando para nos encontrarmos com os foliões do bloco. Nicole ia um pouco a nossa frente, chamando a atenção de todos e sendo constantemente filmada e fotografada por homens, mulheres, (acredito que eram em sua maioria turistas) e casais curiosos, sendo sempre estimulada por Raquel e pela outra travesti que seguia à nossa frente, afinal, estava sendo a ‘sensação do bloco’. Tanto Raquel quanto a outra travesti divertiam-se muito com as reações das pessoas com relação à Nicole e ao seu comportamento. Sua desibinição, (no meio do bloco Nicole despiu a parte de cima do biquíni) seus gestos (acitava para as pessoas, jogava beijos, sorria o tempo todo), sua performance lembravam essas moças que concorrem aos muitos concursos de miss que acontecem em muitos estados brasileiros e no exterior (logicamente, era uma miss que primava pela ousadia). Ao mesmo tempo, as companheiras conversavam entre si ressaltando sua beleza, sua inocência e imaturidade devidas à pouca idade, o fato de não “ter cabeça” e o quanto isso poderia prejudicá-la no futuro, ou melhor, o quanto isso poderia representar um “não-futuro”, que significaria pegar AIDS e morrer cedo. Nós ficamos juntas até quase o término do desfile do bloco, pois num determinado, Nicole sumiu no meio da multidão. Durante praticamente todo o tempo em que estive conosco, Nicole dedicava demonstrações de carinho a Raquel, abraçando-a e, em alguns momentos, referindo-se a ela como avó. Esse episódio serviu para alimentar algumas conversas na reunião do chá, na semana seguinte ao término do carnaval. O tema dessas conversas

ressaltou o quanto às travestis mais jovens de hoje, diferentemente da sua época, perdem-se com vícios e não procuram fazer outra coisa que não seja se prostituir.

Raquel conversa constantemente com as “meninas” e procura ter um bom relacionamento com elas, no entanto, o convívio é, a meu ver, extremamente circunscrito, acontece em ocasiões bem específicas, durante o chá, nas reuniões da ONG (a maioria das participantes são travestis bem jovens) durante o carnaval ou quando esbarram nas ruas da cidade (por duas ocasiões encontramos, por acaso, algumas jovens travestis que estavam indo trabalhar). Raquel faz questão de acentuar que não tem problemas com as mais jovens, não sofre preconceitos por parte delas, procura aconselhar e ajudar sempre que pode e por isso elas a admiram e a respeitam, mas não as quer na sua casa e não tem nenhuma amiga¹⁰⁰ que não seja de sua geração. Portanto, nota-se que o relacionamento entre elas restringe-se ao mundo da rua¹⁰¹ e que há uma ruptura no que diz respeito à identificação. Apesar de fazerem parte de um mesmo universo, de pertencerem a um grupo, são estabelecidas fronteiras bem nítidas que nos informam sobre estilos e ritmos de vida bem diferenciados.

Durante o tempo em que fiquei no camarim da Laura esperando pelo começo do show pude constatar o que ela já havia me dito em nossas conversas, ou seja, o fato de seu camarim ficar “cheio de travestis” e de travestis, bem jovens em sua maioria. Elas vinham em grupo ou sozinhas e às vezes com seus namorados. Em geral não eram pessoas de suas relações de amizade, apenas conhecidas de boate, da rua, de shows ou ‘amigas das amigas’. Mas todas entravam e saíam sem nenhum tipo de cerimônia. Enquanto Laura fazia seu lanche acomodada em uma das cadeiras do camarim, entravam travestis para conversar com ela, pedindo conselhos, orientações a respeito de shows (normalmente solicitando que as indicasse para algum dono de casa de espetáculo) ou simplesmente para dar um alô, um abraço e agradecer alguma coisa que ela tivesse feito. E todas eram recebidas com muita alegria e simpatia. Foi possível perceber claramente o carinho, o respeito e admiração que as meninas, de modo geral, nutrem por ela. Por outro lado, podemos dizer, que ser amiga da Laura e freqüentar seu camarim confere um certo “status”. Obviamente, não se pode deixar de considerar que o fato da Laura ser uma artista reconhecida pode fazer com que as

¹⁰⁰ É interessante destacar que, em geral, elas fazem distinção entre as meninas que são consideradas colegas, com quem as relações se limitam à esfera pública, e as amigas que podem freqüentar a casa.

¹⁰¹ A categoria rua indica basicamente o mundo com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares. (Da Matta, 1997:90)

pessoas queiram se aproximar dela, já que manter boas relações com ela pode representar para as que fazem show, uma espécie de abrir portas. O mundo do show business, pelo que pude perceber, é muito fechado e hierarquizado, e para aquelas que não têm seu nome firmado na rede das casas de espetáculos é muito importante poder contar com o poder de barganha das travestis que trabalham há mais tempo nesse ramo. Aqui, nota-se um aspecto importante e que serve para refletir sobre as nuances desse universo tão rico e complexo: é unânime, entre as travestis com quem conversei e que pude observar, o respeito e a admiração por Laura, mas isto ocorre menos pelas suas performances artísticas¹⁰² do que por aquilo que ela representa, pelo seu papel frente ao grupo, embora critiquem suas idas ao cinema, por exemplo. Ela é respeitada por sua trajetória, por sua luta e por ser reconhecida socialmente. Seu papel de orientadora, de quem transmite experiência está, a meu ver, irremediavelmente vinculado ao sucesso do seu projeto (Silva, 1993; Velho, 1999). Por outro lado, Laura, assim como Raquel, apesar de manter relações mais próximas e até certo ponto fraternais com as travestis mais jovens, não tem nenhum vínculo mais estreito com alguma delas. Seus verdadeiros amigos, quando não são aqueles que já se foram, são os de sua geração. Estar entre as jovens em determinados momentos corresponde ao modo como elas passam sua velhice, mesclando tempos de solidão e tempos de lazer. O lazer está na rua, em momentos de interação com seu meio e com a parcela mais jovem dele, e os tempos de lazer são os mais propícios para construírem suas imagens de velhas/jovens.

Gilda, por sua vez, também tem uma visão positiva da relação com as mais jovens. Segundo ela, é mais fácil encontrar respeito nas relações de caráter intergeracionais que ocorrem no universo travesti do que em outros segmentos da sociedade brasileira. Ela pensa que as meninas a vêem como um “ídolo”, como um modelo a ser seguido. Nota-se também no que diz respeito a Gilda que, apesar da ausência de laços de amizade mais íntimos entre elas e as mais jovens, estabelece-se uma relação de cordialidade quando se encontram em reuniões, festas, shows ou pelos arredores da Lapa. Com Gilda surge também o papel de orientadora, de conselheira.

¹⁰² Por vezes, tive a oportunidade de ouvir comentários entre elas sobre o show de Laura, classificado como ultrapassado e não condizente com sua “idade”. Em seus shows, é comum Laura apresentar-se com os enormes seios de fora e as vezes mostrar as nádegas para o público. Apesar do seu excesso de peso, Laura não se sente intimidada em expor seu corpo, na verdade, penso que ela faz uma paródia do seu próprio corpo nos shows e, conseqüentemente, “afronta” os padrões estéticos do grupo.

No entanto, em relação a Helô e a Zeze, por exemplo, o papel de orientadora não é reconhecido e muito menos reivindicado. Elas vêm as travestis jovens, em sua maioria, como pessoas até certo ponto vazias, ou seja, pessoas que têm uma preocupação excessiva com a aparência, que são usuárias compulsivas de drogas e álcool e que, quando são prostitutas (que ainda é a grande maioria), não se interessam em procurar outro campo de trabalho. Elas ressaltam também uma modificação no que diz respeito à natureza das relações entre elas, ou seja, no passado, as relações eram mais amigáveis e sinceras, o que também foi salientado por Raquel em uma de nossas conversas.

Para finalizar, retomo a questão do preconceito entre elas, tão ressaltada em outros estudos sobre travestis (Silva, 1993; Oliveira, 1997). Num primeiro momento, as opiniões são consensuais: elas nunca enfrentaram problemas com discriminação por parte das travestis mais jovens. Até mesmo Helô, que tem um discurso mais ácido, não dá destaque ao tema. Por outro lado, muitas delas admitem terem presenciado fatos ultrajantes ou “ouvido falar” de alguém que sofreu algum tipo de chacota. Portanto, o preconceito existe, mas ele recai sobre determinado travesti. Penso que sim, as minhas informantes são, sem receio de pecar pelo exagero, um pequeno grupo privilegiado em contraste com um expressivo contingente de travestis que vivem em condições muito precárias. São travestis que possuem um certo *status* devido a uma combinação de fatores: o fato de terem terminado os estudos, freqüentado uma universidade (como no caso da Laura, por exemplo), de serem pessoas famosas, de transitarem em diferentes segmentos sociais e de possuírem bens materiais. Assim, a minha hipótese é a de que se elas não se confrontaram com as piadas e as chacotas, isso se deve em grande parte ao status que elas possuem com relação ao meio. Freqüentemente pude constatar o uso do termo “velha” como forma de implicância ou mesmo com intenção de ofender, porque chamar a outra de “velha”, por vezes, torna-se uma ofensa.

4. A gente doma o lugar¹⁰³

Durante a elaboração do meu projeto de pesquisa, hesitei muito quanto à capacidade epistemológica de conceitos como estigma e comportamento desviante, no sentido de esses conceitos darem conta da realidade etnográfica observada. No entanto, foi justamente a partir de um episódio durante o período de pré-campo, realizado em setembro de 2002, que a reflexão sobre meu objeto, trabalhando com esses conceitos, tornou-se crucial para entender o universo das travestis. A noção de estigma, por exemplo, apareceu para mim como uma “categoria nativa” que é constantemente acionada para dar conta de alguns aspectos da realidade desses sujeitos. Vamos a ele:

Numa quarta-feira, dia dezenove, participei de um evento - que reúne, em média, umas vinte travestis - organizado pelo Grupo Pela Vida e coordenado por uma travesti. O evento começou às 15:00 da tarde e acabou às 18:00 da noite. A sede do Grupo Pela Vida ficava no sétimo andar de um edifício localizado no meio da Avenida Rio Branco, a principal área de comércio do centro da cidade. Após o término da reunião, saí da sala em direção ao elevador, acompanhada de duas travestis, ambas com mais de 50 anos, vestidas com calça jeans e camiseta e calçando sandálias tipo unissex. Enquanto aguardávamos o elevador, conversávamos animadamente a respeito da reunião. Quando chegou o elevador, cuja capacidade é para oito pessoas, havia em seu interior, além do cabinista, uma mulher aparentando uns 25 a 30 anos e um homem cuja idade deveria estar em torno de 45 a 50 anos. Assim que entramos no elevador, tanto a mulher quanto o homem afastaram-se imediatamente, encostando-se nas paredes. Uma das travestis ficou bem em frente à mulher e a outra bem atrás de mim. Durante alguns minutos o silêncio tomou conta do lugar, até ser interrompido pela voz da Paula¹⁰⁴, a travesti que estava em frente à moça, perguntando se eu ia ao churrasco no próximo domingo. A partir daí a conversa transcorreu

¹⁰³ Essa é uma frase retirada de uma fala de Gilda durante uma de nossas entrevistas.

normalmente, mas pude perceber que a mulher passou todo o tempo com a cabeça um pouco abaixada (o suficiente para não encarar Paula) e com um meio-riso nos lábios. Quando chegamos ao térreo e a porta do elevador abriu, deparamos com muitas pessoas que aguardavam o elevador, o que ocasionou um pequeno tumulto, fazendo com que esbarrássemos um nos outros. A mulher que estava ao lado de Paula, para não esbarrar nela, desviou-se bruscamente; sua atitude resultou numa reação imediata (que me parece ela estava controlando, pois dentro do elevador ela estava bem atenta aos risos da moça) de Paula que, olhando ora para mim ora para a mulher perguntou, com a voz bem exaltada: qual era o problema? do que ela estava rindo ? E foi logo avisando que ela não tinha nenhuma doença que pegasse no contato. A moça não respondeu e nem olhou para Paula, seguindo seu caminho com passos apressados. Continuamos as três ali paradas, no meio do térreo do edifício, enquanto Paula, visivelmente chateada, reclamava dizendo que as pessoas ainda as viam como “monstros”... que de uma forma geral não as respeitavam ... que ela não podia contar com ninguém ... e que precisavam, na verdade, se mobilizar mais, ou, em outras palavras, que eram “estigmatizadas”.

Conforme Goffman (1978), o comportamento da pessoa “estigmatizada” pode vacilar entre o retraimento e a agressividade, o que por sua vez vai suscitar, em relação ao indivíduo visivelmente “estigmatizado”, situações que podem provocar um processo de interação de caráter angustiante. Penso que as considerações de Goffman podem servir para refletirmos sobre o episódio relatado acima, bem como sobre algumas das estratégias de manipulação do “estigma” encontradas entre as minhas informantes. Assim, é possível contrapor a reação de Paula com a de Sueli: a primeira, de acordo com esse autor, nos apresentaria um comportamento mais agressivo diante da situação, talvez não se conformando com aquilo que lhe é imposto pelos outros atores. Como diz Becker (1977), as regras rotuladas não são universalmente aceitas. Sueli, por outro lado, mais retraída, apresentou uma postura mais tímida diante do fato, quem sabe, cercando-se de outras estratégias de manipulação do “estigma”. Nesse sentido, em relação às minhas informantes, seria possível dizer que estamos frente a pessoas cujas trajetórias de vida nos falam das várias formas que o estigma, o preconceito e a discriminação se apresentaram para elas e, principalmente, do modo como elas lidaram com isso. Seja por intermédio dos amigos da

¹⁰⁴ Utilizo dois pseudônimos criados por mim para me referir às duas travestis que me acompanhavam.

escola, que as chamavam de “mariquinhas”, de um ou outro membro da família ou do ambiente de trabalho, enfim, como elas mesmas ressaltam, o “estigma” fazia e de certa forma ainda faz parte de suas vidas. Cientes de que sua “natureza feminina” tinha hora e data marcada para se tornar visível, afinal, são frutos de uma época em que sair nas ruas vestidas de mulher era impensável, algumas alternativas ganharam corpo na tentativa de fugir das amarras do preconceito. Raquel e Laura iam trabalhar devidamente vestidas como homem, ao passo que Laura, por exemplo, usava terno e gravata para dar aulas. Faziam questão de “esconder”, de disfarçar sua orientação sexual e o fato de se travestirem, se esforçavam em manter um comportamento extremamente reservado e discreto. O mesmo acontecia com Zezé, que sempre primou pelo comportamento discreto e acredita que esse tipo de atitude a afastou de um confronto mais direto com o preconceito. Já Helô e Gilda, que se dizem “rebeldes”, se permitiam algumas extravagâncias como, por exemplo, usar os cabelos compridos, roupas mais coloridas e de tecidos leves e até um lenço amarrado no pescoço. Quem sabe, adotando uma postura um pouco mais agressiva em suas interações sociais, o que, segundo elas, levou-as a pagar um alto preço por isso. Helô, em uma de nossas conversas, me confessou que, quando era jovem, teve alguns problemas no prédio em que morava, justamente por ter optado por uma postura mais hostil - não se incomodava em chocar, fazia muitas festas no seu apartamento e isso acabava criando uma situação de conflito. A partir do momento em que foi ficando mais velha, decidiu pelo recato e pela discrição. Então os problemas se dissiparam e atualmente convive muito bem com os moradores do prédio. Além da discrição e do recato, surgem entre elas outras estratégias de manipulação do estigma, as quais são evidenciadas também em suas narrativas:

“Eu fui me transformando lá no Ministério, gradativamente sem chocar ninguém, até ficar como sou hoje. Me chamavam de Barbosa, não podia exigir que me chamassem de Raquel. A partir dos 18 anos de Ministério passaram a me chamar de Raquel, os preconceitos era com relação ao banheiro ... os homens diziam que eu estava entrando no banheiro errado...e as mulheres não permitiam que usasse o delas. Passei então a freqüentar o banheiro do gabinete da diretoria. Mesmo eu sendo assim .. eu era uma pessoa muito eficiente, sempre respeitei, o trabalho era sagrado”. (Raquel)

“Quando a gente é homossexual sofre muito preconceito... mas eu não sei se é porque eu sou muito discreta, até que nem tanto. Mas eu vejo em

relação a algumas amigas minhas, é uma coisa terrível..”. “(...) no trabalho nem se falava... no atelier que eu trabalhava só tinha homem. Mas era aquele negócio o profissional era tão grande, tão bom, que eles não enxergavam esse outro lado meu”. (Zezé).

Portanto, podemos perceber, através de suas falas, a importância em não impor, num primeiro momento, sua homossexualidade, depois sua identidade travesti, de forma ofensiva nas suas interações face a face (Goffman, 1978). Não chocar, ser discreta e, principalmente, ser competente naquilo que faz, tornaram-se e são ainda hoje, para elas, aspectos fundamentais na “luta” contra o preconceito.

Considerando que o travesti (Silva,1996), no passado, não podia sair às ruas pois era vítima constante de agressões de cunho moral e físico, sendo permitido a poucos uma espécie de trânsito social¹⁰⁵ enquanto a grande maioria era destinada ao isolamento dos becos, nos dias atuais o travesti encontra-se em um outro momento histórico-social, ocasionando características distintas ao seu processo de negociação social. Considerando que “os tempos mudaram” e que uma boa parcela da sociedade não os vê mais como “monstros”, que sua rede de relações sociais se ampliou e que estão envolvidos em um crescente processo de socialização(Silva,1996) Como diria uma das minhas informantes: hoje posso entrar no metrô sem que mexam comigo, a luta continua. Nesse sentido, Laura alerta:

Eu me lembro uma vez na década de 70 eu fui sair de mulher na Central do Brasil pegar um táxi e quando descobriram que eu era bicha, veado, sei lá, juntou uma montueira de gente ...queriam me malhar, a sorte é que eu entrei dentro do ônibus, o chofer fechou a porta e me levou para o distrito... para eu sair de lá o policial teve que ir na casa onde eu estava pegar minha roupa de homem ... Na cinelândia, os caras rasgavam minha roupa. Hoje em dia não tem essas agressões... mas preconceito sempre tem, raiva ... e a vida é assim”. Sempre existiu preconceito com homossexual, mas não tinha tanta violência como hoje. O preconceito diminuiu a violência aumentou.

¹⁰⁵ Nas décadas de 50 e 70, as travestis eram tidas mais como enigmas e sua presença não era banalizada como hoje. Algumas travestis, como Rogéria, tinham sua visibilidade associada ao Teatro de Revista .Silva (1993) Parker (2001).

Em termos gerais, ao mesmo tempo em que ressaltam que o preconceito ainda persiste, minhas informantes indicam que este se apresenta com outras formas, ou seja, elas percebem um processo de aceitação social bem significativo, mas não pleno, em relação às travestis. No entanto, quando o preconceito e a discriminação se fazem presentes, eles se apresentam de forma muito mais agressiva e violenta do que no passado¹⁰⁶. Durante o período em que freqüentei as reuniões da ONG e do chá, era muito comum ficarmos sabendo de uma ou outra travesti que tinham sofrido violência física na rua, mesmo quando não estava fazendo o trottoir. Por outro lado, essa “aceitação social” certamente está relacionada ao progresso das ciências humanas e biológicas, que tira a homossexualidade da esfera do patológico, bem como às transformações ocorridas na legislação brasileira¹⁰⁷, enfim, é decorrente da própria configuração das sociedades modernas contemporâneas. Todavia, quando elas nos dizem que o preconceito diminuiu, mas a violência aumentou, elas estão chamando atenção para um aspecto de nossa sociedade já observada pelo Juiz Federal de Porto Alegre (RS), Roger R. Rios - o de que a discriminação por orientação sexual é uma das realidades que mais fortemente resiste e nos desafia a todo o momento.

De acordo com Becker (1977), todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em alguns momentos e em algumas circunstâncias, fazer com que elas sejam seguidas. As regras sociais definem situações sociais e os tipos de comportamento apropriados a elas, especificando algumas ações como certas e proibindo outras como erradas. Quando uma regra é imposta, a pessoa que, se supõe, a transgrediu pode ser vista como um tipo especial de pessoa (...). Ela é vista como marginal e desviante.

Ao criticar as teorias sobre o “desvio” que o identificavam como algo patológico, localizando a fonte do desvio dentro do indivíduo, ou seja, procurando os fatores relativos ao “desvio” na personalidade dos indivíduos e em situações de vida que possam explicar infrações, Becker (1977), por outro lado propõe que não existem indivíduos desviantes em

¹⁰⁶ Infelizmente é muito comum encontrarmos entre as manchetes dos principais jornais brasileiros matérias sobre assassinatos de travestis, em sua maioria jovens.

¹⁰⁷ Com a Constituição de 1988, preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, (art.3, IV) constituíram-se juridicamente em crimes inafiançáveis e imprescritíveis, sujeitos a pena de reclusão nos termos da lei (art.3, XLII). Rios salienta que é possível se constatar no direito brasileiro uma evolução da jurisprudência e da legislação, no âmbito não somente federal, mas estadual e municipal, que aos poucos vem reconhecendo a concretização do princípio isonômico, relativo à proibição por orientação sexual. (Rios, 2002).

si mesmos, o que existe é uma relação entre atores sociais, que podem ser do mesmo grupo, ou entre grupos diferentes que acusam outros atores de quebrarem as regras, pois, considerando que uma sociedade tem muitos grupos, cada um deles com seu próprio conjunto de regras, uma pessoa pode quebrar as regras de um grupo pelo simples ato de se curvar perante as regras de um outro grupo.

O ponto fundamental da teoria proposta por Becker é o de que o “comportamento desviante” é criado pela sociedade e implica relações de poder político e econômico, que aquele que quebra as regras não pode ser visto como constituintes de uma categoria homogênea. O “desvio” não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação, por outras pessoas, de regras e sanções a um transgressor. Comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam como tal, portanto, não é uma propriedade do comportamento em si, estando em processo de interação entre a pessoa que comete o ato e aqueles que respondem a ela (Becker,1977). O autor chama atenção ainda para o indivíduo que faz do comportamento desviante um estilo de vida e acaba por desenvolver uma espécie de *subcultura* desviante, “um conjunto de perspectivas e compreensões sobre como é o mundo e como lidar com ele , e um conjunto de atividades regulares baseadas nessas perspectivas” (idem, 1977). Obviamente, o universo travesti tem como característica um arsenal de regras, normas, condutas, um sistema de classificação que lhe é próprio e extremamente complexo, mas é sempre importante destacar que não podemos percebê-lo como grupo social de forma monolítica. Como alertou muito bem Velho, não somente é preciso atentar para as diferentes visões de mundo dos grupos sociais, mas também é preciso tomar cuidado com a tendência a homogeneizar arbitrariamente comportamentos dentro desse grupo.

Nos termos de Goffman (1975), o “estigma” é considerado um atributo profundamente depreciativo e está sempre sendo manipulado pelos atores sociais, envolvendo um processo de interação, sendo a interação definida como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações um dos outros, quando em presença física imediata (1975:23). Goffman, ao tratar do “estigma” como uma forma de discriminação, utiliza duas categorias : a condição de desacreditado e a de desacreditável. A primeira compreende três tipos de “estigmas” : as abominações do corpo - as deformações físicas; as culpas de caráter individual, que poderiam ser vícios, alcoolismos, homossexualismo; e os stigmas tribais

de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de uma linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Todos esses “estigmas” são, de uma forma ou de outra, expostos pelos indivíduos nos processos de socializações. E desses processos e contatos sociais decorrem: medo, vergonha, humilhação, entre outros. Já a condição de desacreditável é entendida como a diferença que não é imediatamente manifesta, não é aparente, e como exemplo o autor destaca o analfabeto, cuja condição não é conhecida previamente.

O que fica evidente, a meu ver, tanto em Goffman, quanto em Becker é o caráter de interação em relação às noções de “estigma” e de “comportamento desviante”, como também a mobilidade na representação dos papéis - os indivíduos, em constante interação na sociedade, podem ser considerados normais num momento e estigmatizados em outro. Mas em ambos os casos, são destacados os indivíduos que representam o papel de estigmatizado /desviante em quase todos os momentos de sua vida. Nesse sentido, para ambos é como se o “estigma” contaminasse todos as suas identidades sociais. O comportamento desviante vai apresentar, tanto em Goffman, quanto em Becker, um caráter totalizante, algo que vai se sobrepor em relação aos demais papéis, contaminando por completo as outras esferas da vida social.

Adotando a linha de investigação de Goffman (1975) e Becker(1977), Velho(1998) assinala que o desviante é um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma leitura divergente. Ele não será sempre desviante, existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão normal. Apesar de Velho não especificar exatamente em que “áreas de comportamento” o indivíduo “desviante” agirá como “cidadão normal”, digo que, de certa forma, concordo com ele quando, por exemplo, vejo-as transitando pelas ruas da cidade, à luz do dia, sem se preocuparem com as “batidas da polícia”, quando estão (mesmo que timidamente) se permitindo freqüentar uma faculdade, quando, em alguns casos, elas se sentem amparadas pela lei (Rios, 2002). Certa vez, uma das minhas informantes relatou que, ao passar pelos muros do quartel do exército, na cidade do Rio de Janeiro, alguns soldados as rechaçaram com piadas e imediatamente elas fizeram uso da lei contra discriminação por orientação sexual, exigindo do Comandante que estava no posto no momento do evento uma retratação formal. Esse episódio, inclusive, foi destacado por uma colunista social do jornal o Globo na época. Podemos pensar nelas como “cidadãs normais”

quando, por exemplo, como diz Oliveira, já citado anteriormente, nos lembrarmos de que elas também são filhas, advogadas, secretárias, presidentes de ONGS. No entanto, novamente me pergunto: até que ponto? Afinal, esse trânsito de que falo anteriormente ainda apresenta certos limites ou, pelo menos, algumas pedras pelo caminho, como os soldados do exército ou os rapazes que às vezes mexem com elas no metrô¹⁰⁸. Acredito que podemos pensar nelas como qualquer “cidadão normal”, tendo sempre em mente as características tão próprias de nossa sociedade (Da Matta, 1979) e que foram tão expressivamente ressaltadas pela Gilda quando disse que seus problemas com os preconceitos diminuíram consideravelmente quando se estabeleceu financeiramente e ganhou prestígio como cabeleireira de estrelas de televisão e de socialites cariocas. Quem sabe se, para ser um “cidadão normal”, lhes fossem necessários alguns ingredientes básicos como, por exemplo, possuir boas condições financeiras, posição social e ter boas relações de parentesco ou parentela¹⁰⁹. Nesse sentido, acho interessante destacar que, durante o trabalho de campo, pude verificar que as travestis que exerciam atividades em outros setores do mercado trabalho o faziam, em grande parte, devido a uma combinação de fatores: pelo fato de serem discretas no seu comportamento e modo de vestir ou por terem sido indicadas por algum familiar ou amigo que podia oferecer “boas referências”. A articulação entre bom comportamento, discrição e aceitação social não é nenhuma novidade e já foi exposta por Silva (1993, 1996) e Oliveira (1994), mas penso que é importante destacar aqui, pois ainda é um elemento extremamente presente no âmbito de suas relações cotidianas. Pensando na travesti, nos termos de Silva (1993), como um “desviante” extremamente visível, que se expõe, pois tudo nela está sublinhando sua condição de desacreditada (Goffman, 1975), deverá sempre ser contextualizada e vista tendo como referência uma pergunta: de qual travesti estamos falando? Sem esquecermos de que, de alguma forma e em diferentes épocas e momentos, a questão do “estigma” está presente.

Gilda disse que passou por muita discriminação desde de cedo, desde o momento que colocou a primeira fantasia de Salomé numa cidade do interior de Minas:

¹⁰⁸ Soube, através delas, que algumas vezes rapazes, **a maior parte deles** bem jovens, ficam “mexendo” com elas no metrô. A própria Laura uma vez relatou que sofreu retaliação moral por parte de um cobrador de ônibus quando estava indo trabalhar como hostess na Lê Boy, em Copacabana.

¹⁰⁹ Da Matta (1979), *em Você sabe com quem esta falando?* evidencia o quanto se torna fundamental para entendermos a nossa sociedade termos como referência de análise os eixos econômico, social e político e as redes de parentesco, que poderiam ser os laços familiares e os de amizade.

“Me senti estigmatizada a vida toda, claro que eu vivo no estigma, mas eu não me incomodo vivo o estigma através da visão do outro”.

Até certo ponto, é recorrente entre elas o fato de responsabilizarem alguns tipos de travestis por serem estigmatizadas e sofrerem discriminação. Nesse sentido, a fala da Helô é bem ilustrativa:

“As travestis estão marcadas pelo estigma de serem ladras, sem classe... quando uma é muito fina... tem ai gente trabalhando na TVo estigma foram elas que criaram...”

O “estigma”, o preconceito como incorporado, acreditado, é responsabilidade do próprio indivíduo “estigmatizado”. Acredito que para Helô para as minhas informantes, de uma forma geral, as travestis criam e recriam o preconceito essencialmente por apresentarem uma conduta desregrada, por impingirem sua aparência e opção sexual de forma ostensiva e desrespeitosa em relação às regras sociais mais conservadoras. Caberia a elas, portanto, o papel de não serem “desviantes” em todos os momentos de suas vidas, de agirem como qualquer “cidadão normal”, no sentido de poderem transitar nos mais variados segmentos sociais sem constrangimentos ou receio de não serem aceitas; no sentido de poderem freqüentar locais públicos, como restaurantes, bares, teatros sem serem alvos de olhares preconceituosos; de terem a oportunidade de freqüentar a escola ou a universidade como qualquer outra pessoa; de poderem trabalhar em outros ramos do mercado.

Recordo-me de uma vez em que saímos, Raquel, Charla e eu, pelas ruas do centro do Rio, após termos participado de um seminário sobre prevenção da AIDS e o papel do voluntário nas ONGS, da forma como as pessoas nos olhavam. Algumas não se contentavam apenas em olhar e soltavam algumas piadinhas. Ao conversarmos, em um outro momento, sobre as reações das pessoas nas ruas, elas foram taxativas, dizendo já estarem acostumadas com essas reações, não se incomodando mais e procurando conviver com isso, concentrando-se nas “brechas”, nas possibilidades que se apresentam a elas, agarrando-se às oportunidades com todas as suas forças.

Enfim, ao compreender o “desviante” como aquele que faz leituras divergentes de seu universo cultural, Velho nos chama atenção para o fato de que o desvio, mais do que trazer implícito a idéia da existência de um comportamento médio ou ideal, nos mostra, sobretudo, o caráter multifacetado, dinâmico e muitas vezes ambíguo da vida cultural (Velho, 1998).

Considerações finais

Na parte introdutória dessa dissertação saliento o sentimento de estranheza que o tema de minha pesquisa, em termos gerais, causa a muitas pessoas, indicando-me, assim, que as categorias de “travesti” e “velhice” são socialmente vistas como excludentes. Um dos objetivos desse texto foi tentar mostrar que as travestis envelhecem e revelar, por sua vez, algumas particularidades do seu modo de percepção desse envelhecimento. Obviamente, muitas são as lacunas a serem preenchidas nesse trabalho; muitas são as perguntas sem respostas; mas acima de tudo o intuito, aqui, foi o de levantar algumas pistas que possam estimular estudos futuros. Assim, de qual “velhice” nos falam as minhas informantes?

Concordo com Bosi quando ela diz que a sociedade industrial é maléfica com aqueles que envelhecem, afastados do mercado de trabalho, de atividades, portanto. Aos velhos, de uma forma geral, cabe a depreciação e a estigmatização. Nesse sentido, tendo as considerações de Bosi como referência, sem esquecer, é claro, das novas representações acerca da velhice, e levando em conta que o fantasma do preconceito ainda cerca as travestis, a hipótese que permeou o meu projeto de dissertação foi a de que esses sujeitos são vítimas de um duplo processo de marginalização, por serem travestis e velhos. Num primeiro momento, apenas escutando os seus discursos, cheguei a pensar que a minha argumentação era infundada: elas não consideram aquela hipótese e não vêem sentido nela. No entanto, após um olhar mais aprofundado, pude constatar que, se não devemos tomá-la como uma “verdade absoluta”, ela também não pode ser de todo abandonada. Digo isso porque, ao mesmo tempo em que elas constroem uma representação até certo ponto positiva da velhice – quando procuram salientar que vivem uma fase mais tranqüila, com melhor qualidade de vida, ou que estão na melhor fase de suas vidas – elas também chamam atenção para as dificuldades em atingir uma idade avançada. Essas dificuldades surgem como um argumento a seu favor, já que envelhecer com dignidade nesse universo “*não é para qualquer uma*”.

Dessa forma, o fato de chegar à velhice, para estas “senhoras”, pode ser percebido como um “status” perante o grupo e, num sentido mais abrangente, perante a sociedade – o que, a princípio, vai contra a idéia de perda de status social atrelada à velhice, salientada por vários dos estudos etnográficos realizados em sociedades ocidentais contemporâneas. No entanto, esse “status”, que também está relacionado ao fato de serem permanentemente confundidas com “senhoras” em suas relações cotidianas, está intrinsecamente vinculado à qualidade de sua velhice. Não basta ser chamada de senhora na rua; não basta que lhes indiquem o banheiro de senhoras ou que lhes ofereçam o assento do ônibus; é necessário ser uma senhora bem sucedida, no sentido de ter escapado da AIDS, do vício compulsivo por drogas químicas, de poder transitar em diferentes segmentos sociais, de ser respeitada no local onde mora e ser uma senhora de posses (afinal, como nos diz Bosi, suas propriedades a defendem da desvalorização de sua pessoa).

Assim, ao mesmo tempo em que elas se consideram “guerreiras”, “vitoriosas” e “orgulhosas” por terem chegado à velhice em virtude das especificidades de suas trajetórias de vida, podemos perceber, ao longo do texto, que elas, em alguns casos, se recusam a identificar-se como velhas e quando se identificam, buscam dar outros contornos a essa condição, procurando sempre se aproximar das novas concepções sobre a velhice vigentes nas sociedades ocidentais contemporâneas. A velhice, a meu ver, se apresenta de duas formas para elas: como algo positivo – quando confrontadas com o seu passado e com seu grupo – e como algo negativo, quando estão diante da sociedade da qual fazem parte e que, por vezes, é cruel com aquele que envelhece. Nesse sentido, elas compartilham das representações negativas acerca do envelhecimento e entendem a velhice, apesar de salientarem que “cada um envelhece de uma forma”, como uma experiência homogênea cujas diferenças em termos de classe, sexo, gênero, etnia e outras são minimizadas.

Por outro lado, considerando a experiência de envelhecimento das senhoras dessa pesquisa, diante de seu universo é evidente que nos deparamos com uma velhice com características, até certo ponto, bem específicas, uma velhice vivenciada por um grupo privilegiado, mas que, por isso mesmo, nos fala do que pode significar chegar na velhice para os membros desse universo de uma forma geral. Não estamos apenas frente a pessoas que experimentam a velhice através de formas às vezes nada “convencionais”, mas sim frente à “transgressão” convivendo com valores e normas tradicionais (Silva, 1993).

Durante a pesquisa, constantemente me questionei se seria possível pensar em um “padrão de velhice comum” entre elas. Por outro lado, devo confessar que a idéia de identificar um “padrão” me incomodava, pois acreditava que poderia aprisioná-las numa espécie de “camisa de força”. Assim, optei por refletir que, ao experimentar o envelhecimento, as senhoras em questão tendem a compartilhar certos modos de viver e de perceber a velhice, alguns deles já destacados por mim no capítulo quatro. Vimos que existe uma tendência de se voltar mais para esfera da casa, como um ambiente propício para viverem sua velhice com tranqüilidade. Nesse caso, a solidão também se faz presente, mas não é percebida de uma forma negativa e como consequência dessa nova condição, mas sim como uma opção. É o momento também de se posicionarem politicamente frente ao seu grupo e a sociedade abrangente, ou ainda, da conscientização de um determinado “papel”, devido a sua experiência de vida e idade avançada. E isso pode ser percebido nas suas estreitas relações com algumas ONG’s localizadas no Rio de Janeiro. A Raquel e a Laura, por exemplo, são militantes ativas e estão sempre envolvidas em campanhas de prevenção da AIDS. Muitas vezes, ouvi da Charla que as travestis mais velhas são mais “politizadas”, mais envolvidas com os problemas do grupo. E isso se deve, segundo elas, ao fato de terem sido uma espécie de “bandeirante”, criando seus próprios caminhos e conquistando seus espaços à custa de muita luta e bravura.

Vista como um exemplo, a participação dessas senhoras em atividades políticas torna-se, a meu ver, de suma importância com relação à conscientização das mais jovens para a necessidade de “se cuidarem”, de serem mais solidárias, de se envolverem de forma mais efetiva com as suas lutas. Nesse sentido, o contato intergeracional que pude observar entre algumas das minhas informantes aparece como fundamental para esse tipo de empreitada. Por outro lado, essas relações intergeracionais não se limitam à esfera política, como já foi destacado anteriormente, elas podem ser percebidas em determinados eventos, como festas de aniversários, ou ainda, no carnaval e nas casas noturnas freqüentadas por elas em algumas ocasiões.

É o momento, portanto, de uma sociabilidade, entendida como rede de relações (Magnani, 1996), vivida de forma menos intensa, circunscrita a períodos bem determinados e compartilhada, principalmente, com amigos de longa data e com sua família de origem. Esse ritmo, menos intenso, que é para mim característico da sociabilidade dessas senhoras

nessa fase de suas vidas, pode ser verificado durante o carnaval. Apesar de participarem de alguns eventos carnavalescos, elas não vivem o carnaval como na época da juventude: quase não desfilam mais em escolas de samba e quando desfilam, o fazem nos blocos, onde é possível reencontrar antigos amigos. Alguns blocos são tidos como tradicionais, pois fazem parte de suas biografias, como, por exemplo, o Bloco das Quengas, do qual pude participar.

Retomo também à questão da sexualidade que, para algumas delas, é ainda tão presente, como nos casos da Laura, da Gilda e da Zezé, (apesar do sexo ser praticado com menos frequência). Para as outras, a sexualidade é, por vezes, sublimada na intenção de acentuar que a sexualidade ainda permanece presente e viva para elas. No meu entender, esta é uma dimensão de suas vidas que é abordada também como uma espécie de manifesto, como uma forma de dizer que velhice também combina com atividade sexual e que, indo além do fato de serem senhoras, são ainda capazes de seduzir e atrair, de serem objetos de desejo. Enfim, de afirmar que permanecem travestis.

E se a velhice, em alguns casos, pode parecer um “projeto” difícil de realizar, isso não se dá unicamente pelas características próprias da “vida dura das travestis”, mas em grande parte pelas adversidades pelas quais passam as pessoas de mais idade em nossa sociedade (Peixoto, 2000; Brito da Motta, 1997). Apesar da tendência contemporânea de viver e ver a velhice segundo uma ótica positiva (Debert, 2000), ainda nos deparamos (e de forma bem expressiva) com a dura realidade da maior parte de nossos velhos, especialmente os de baixa renda que, vez por outra, padecem de maus tratos: são submetidos à longa espera em imensas e cruéis filas para o recebimento da aposentadoria, demoram a ser atendidos em hospitais públicos e assim por diante. As minhas informantes não fazem parte desse grupo, pois souberam se preparar para esse encontro, por vezes tão temeroso, mas para o qual elas não queriam faltar. É um encontro já esperado, pois, como nos diz Gilda, elas querem envelhecer, mas como muito *glamour, muito bem!*.

Enfim, sem dúvida, as senhoras dessa pesquisa vivem sua velhice ou a iminência dela – já que para Gilda e Zezé a velhice surge muito mais como uma condição futura – de uma forma *estorrobiônica*. O *estorrobion* aparece como uma espécie de propriedade conquistada com muito esforço e persistência, e através de uma atitude de luta diante das

adversidades. Com certeza, quando nos deparamos com essas senhoras, o *estorrobion* torna-se uma marca incontestável de suas personalidades. É óbvio que, em algumas, ele é mais expressivo, ganhando cores mais vibrantes, como no caso da Laura. Contudo, de alguma forma, ele está presente em todas.

Referências Bibliográficas

ÁRIES, Philipe

1981. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.

ÁRIES, Philipe e BÉJIN, André (orgs.)

1986. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

ASCH, Timothy.

1996. “Porque e como os filmes são feitos”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Ano 2. n° 3. Rio de Janeiro: UERJ.

BARTHES, Roland.

1984. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

BAUMAN, Zygmunt.

1998. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.

BEAUVOIR, Simone de.

1990. *A velhice*. Tradução por Maria Helena Franco Monteiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BENJAMIN, Walter.

1991. *Pequena História da Fotografia*. São Paulo: Ed.Ática.

1980. “A obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução”. In: *Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Abril. Série Pensadores.

BECKER, HOWARD S.

1977. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar.

BENEDETTI, Marcos Renato.

“Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis que se prostituem em Porto Alegre”. Porto Alegre: Mimeo.

BERGSON, H.

1990. *Matéria e Memória* São Paulo: Martins Fontes.

BHABHA, Homi K..

1998. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

BITTENCOURT, Luciana.

1994. "A fotografia como instrumento etnográfico". In: *Anuário Antropológico*, n. 92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

BOLIN, Anne.

1996. "Transcending and transgendering: male-to-female, transexuals, dichotomy and diversity". In: HERD, Gilbert (org.). *Third sex and third gender: beyond sexual dimorphism in culture e history*. New York, Zone Books.

BOSI, Ecléa.

1994. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

BRIGGS, Charles.

1986. "Learning how to ask: A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research". Cambridge: Cambridge University Press.

BRITO DA MOTTA, Ana

1997. *Revista Estudos Feministas*, v. 5, nº 1, Florianópolis: Editora da UFSC .

BUARQUE, S.

1994. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jose Olympio.

BUTLER, Judith.

1987. "Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault". In: BENHABI, Seyla e CORNELL, Drucilla (orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

1999. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

CABRAL, Benedita E.S. Lima.

1997. "A vida começa todo dia". In: *Revista Estudos Feministas*. v 5, nº 1. Florianópolis: CCE/CFH/UFSC.

CASTEL, Pierre-Henri.

2001. "Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do fenômeno transexual (1910-1995)". In: *Revista Brasileira de História*. v. 21, n. 41.

CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto.

1976. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

- CLASTRES, P.
1974. *Sociedade contra o estado: Estudos de Antropologia Política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- CLIFFORD, James.
1998. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- COLLIER JR., John.
1973. *Antropologia Visual: A fotografia como método de Pesquisa*. São Paulo: EDUSP.
- COSTA, Icléia T.M e ORRICO, Evelyn (orgs)
2002. *Memória, Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: 7 letras.

2000. *Memória e Construções de Identidades*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- COSTA, Jurandir Freire.
1992. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará
- CSORDAS, Thomas.
1994. “Introduction : the body as representation and being-in-the world”. In: CSORDAS, Thomas J. (org.). *The Existential Ground of Culture and Self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUNHA CAMPOS, Maria Consuelo.
1999. “Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção”. In: *Revista de Estudos Feministas*. v. 7, n. 1 e 2. Florianópolis
- DAMATTA, Roberto.
1979. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DEBERT, G.
1988. Envelhecimento e representações sobre a velhice. *Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Caxambu.

1994. “Gênero e Envelhecimento”. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 2, nº.3. Florianópolis.

1994. “Envelhecimento e curso de vida” .In: *Revistas Estudos Feministas*. v. 5, nº. 1. Florianópolis.

1999. *A Reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP.

2001. “A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro”. In: *Interseções*. Rio de Janeiro: UERJ. Ano 3, nº 2

- DEBERT, G e Goldstein, D. M. (orgs).
2000. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré.
- DENIZART, Hugo.
1997. *Uma erótica da prótese e da exuberância*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DIAS DUARTE, Luis Fernando.
1983. “A construção social da memória moderna. Três ensaios sobre pessoa e modernidade”. In: *Boletim do museu nacional*. Rio de Janeiro. Série Antropologia, nº 41.
- DUBOIS, P.
1994. *A imagem fotográfica e outros ensaios*. São Paulo: Papirus.
- DUMONT, Louis.
1997. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP.
1985. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ECKERT, Cornélia.
1997. “A saudade em festa e a ética da lembrança”. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 5, nº 1., Florianópolis.
- ECKERT, Cornelia e Godolphim (orgs).
1995. *Horizontes Antropológicos. Antropologia Visual*. Ano 1, nº 2. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.
- ERDMANN, Regina Maria.
1981. *Reis e Rainhas no Desterro: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.
- FELDMAN-BIANCO, Bela e MOREIRA LEITE, MIRIAM L. (org).
1998. *Desafios da Imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus.
- FERREIRA, Maria Letícia.
1996. “Olhares fixos na Imensidão do tempo: Fotografia e Lembrança”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. v. 2. Rio de Janeiro.
- FLORENTINO, Cristina de Oliveira.
1993. *A prostituição travesti em Uberlândia: o bem necessário*. Uberlândia: Departamento de História /Universidade Federal de Uberlândia.

1998. *Bicha tu tens na barriga , eu sou mulher ! – uma etnografia de travestis em P.Alegre*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/PPGAS/UFSC

FONSECA, Claudia e BRITO, Maria Noemi (orgs.).

1995. *Horizontes Antropológicos. Gênero*. Ano 1, nº1. Porto Alegre/UFRGS.

FOOT-WHITE, William.

1980. “Treinando a Observação participante”. In ZALUAR, Alba. *Desvendado mascaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves

FOUCAULT, Michel.

1997. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.

1985. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FRANCE, Claudine de.

1998. *Cinema e Antropologia*. Campinas: Ed. da UNICAMP.

FREYRE, Gilberto.

1936. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor.

FRY, Peter, e MACRAE, Edward.

1985. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural /Brasiliense. Coleção Primeiros Passos.

FRY, Peter.

1982. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar.

GASPAR, Maria Dulce.

1978. *Garotas de programa: Prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GEERTZ, Clifford.

2000. “Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico”. In: *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes

2001. “O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos”. In: *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed

1989. “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

GOFFMAN, Erving

1975. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.

1975. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes.
- GOLIN, Célio e WEILER, Luis Gustavo.(org).
2002. *Homossexualidade: cultura e política*. P.Alegre: Ed. Sulina.
- GONDAR, Jô.
2002. “Lembrar e Esquecer: desejo de memória” . In: *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (org).
2003. *Infância e velhice: pesquisa de idéias*. Campinas: Editora Alínea.
- GURAN, Milton.
2000. “Fotografar para descobrir, fotografar para contar”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, 10(1): 155-165.
2002. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- GREEN, James N.
2000. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. Unesp.
- GROSSI, Miriam Pillar.
1998. “Identidade de gênero e sexualidade”. In: **Antropologia em Primeira Mão**. nº 24. Florianópolis: PPGAS/UFSC.
- GUIMARÃES, Carmem Dora.
1997. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: MN/PPGAS/UFRJ. Mimeo.
- HADDAD, E.G.M.
1986. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez.
- HALL, Stuart.
2002. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & Aed
- HALBAWACHS, M.
1992. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice.
- HEILBORN, Maria Luiza.
1992. “A costela de adão revisitada: gênero e hierarquia”. Trabalho apresentado na 18ª Reunião da ABA. Belo Horizonte. Mimeo.
1999. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade”. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

1998. “Gênero: um olhar estruturalista”. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, pp. 43- 55.

1999. (org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.

1996. “Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social”. In : Parker, R e Barbosa, R (org). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA-IMS-UERJ.

HERDT, Gilbert.

1996 “Introduction: third sexes and third genders”. In: *Third Sex, Third Gender: beyond sexual dimorphism in Culture and History*. New York: Zone Books.

JAYME, Juliana Gonzaga.

2001a. “Montar-se: discutindo corpo e incorporação entre os transexuais”. Trabalho apresentado no GT “Sentidos do Gênero”, na IV Reunião de Antropologia do Mercosul. Mimeo.

2001b. *Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNICAMP.

JARDIM, Denise Fagundes.

1995. “Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos”. In: LEAL, Ondina Fachel (org.). *Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.

KOSSOY, Boris.

1980. *Origens e expansão da fotografia no Brasil – Século XIX*. Rio de Janeiro. Funarte.

KULICK, Don.

1998. *Travesti: sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago: The University of Chicago Press.

LANG, Sabine

2000. *There is more than just women and men – Gender variance in North American Indian cultures*. London : Cambridge University Press.

LEFEBVRE, Henri

1991. *O direito à cidade* São Paulo: Editora Moraes.

LEITE, Miriam Moreira.

2001. *Retratos de Família: Leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

LINS DE BARROS, M.L.

1998. “Testemunho de vida um estudo antropológico de mulheres na velhice”. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar.

1987. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

1989. “Memória e família”. *Estudos Históricos*. v. 2, nº 3. Rio de Janeiro: FGV.

1993. “Densidade da memória, trajetória e projeto de vida”. In: *Estudos Feministas*. v. 5, nº. 1.

LOIZOS, Peter.

1996. “Construções de vida real: biografias e retratos” In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Ano 2, nº 3. UERJ.

LOPES, Denílson.

2002. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

LOPES, Susana Helena.

1995. “Corpo, metamorfose e identidades – De Alan a Elisa Pop Star”. In: LEAL, Ondina (org). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre/UFRGS.

LOYOLA, Maria Andréa.(org).

1998. *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ.

MACRAE, Edward.

1990. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Ed. da UNICAMP.

MALUF, Sônia Weidner.

1999. “Antropologia, narrativas e a busca de sentido”. In: *Horizontes Antropológicos*. v. 5, nº 12. Porto Alegre.

2000. “Corpo e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero nas margens”. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Corpo, cultura e textualidade, no Seminário Internacional Fazendo Gênero 4, Florianópolis, UFSC.

1999. “O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero”. In: LAGO, M., LEITE DA SILVA, A., RAMOS, T. *Falas de Gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres.

MAUSS, Marcel.

1974. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do Eu” . In: *Sociologia e Antropologia*. v.1 São Paulo: EPU/EDUSP.

- MEAD, Magaret.
1988. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva.
1975. "Visual anthropology in a discipline of words". In: *Principles of Visual Anthropology* Paris: Ed. The Hague.
- MENEZES, Claudia.
1985. "Registro visual e método antropológico" In: *Cadernos de textos: Antropologia Visual*. Ano 4, nº 16. Rio de Janeiro.
- MILLOT, Catherine.
1992. *Extrasexo; ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo: Escuta.
- MONTE-MOR, Patrícia e PEIXOTO, Clarice (orgs).
1996. "Antropologia e Fotografia" In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. nº 2. Rio de Janeiro/UERJ.
1995. "Antropologia e Cinema: Primeiros Contatos" .In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, nº 1. Rio de Janeiro/UERJ.
1996. "Construção e Análise de Imagens" . In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, nº 3. Rio de Janeiro/UERJ
- MOTTA, Flavia de Mattos.
1998. *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- NANDA, Serena.
1994. "Hijars: An Alternative Sex and Gender Role in Índia". In: Gilbert Herdt (org). *Third Sex, Third gender: Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History*. New York: Zone Brooks.
- NOVAES, Silvia Caiuby.
1996. "Um casamento no Paquistão: na captura de imagens". In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Ano 2, nº 3. Rio de Janeiro/UERJ
- OLIVEIRA, Marcelo Dias de.
1994. *Jogo de cintura: uma etnografia sobre travestis em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/PPGAS/UFSC.
- OLIVEIRA, Neuza Maria de
1994. *Damas de Paus: O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: CEB/UFBA.
- PARKER, Richard G.
1991. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller.

2002. *Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record.

PEIXOTO, Clarice.

2000. *Envelhecimento e Imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume.

PERLONGER, Nestor.

1987. *O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.

PICAZIO, Cláudio.

1998. “Diversidades sexuais”. In: *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus,

1998. “Travestis, transformistas, drags e cross-dressers” In: *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus.

PIAULT, Marc-Henri.

1995. “Antropologia e a sua passagem à imagem” In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. nº 1 Rio de Janeiro: UERJ.

POLLACK, Michael.

1988. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*, v. 2, nº 3. Rio de Janeiro: FGV.

1992. “Memória e identidade social” In: *Estudos históricos*. v. 5, nº 10. Rio de Janeiro: FGV.

1986. “A homossexualidade masculina ou a felicidade no gueto?” In: ÁRIES, Philippe e BÈJIN, André (orgs). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

RAMET, Sabrina.

1993. “Gender reversals and gender cultures”. In: *Gender and Society*. v. 6, nº 3, p. 1-21.

RIAL, Carmen.

2001. “Contatos Fotográficos” In: *Antropologia em primeira mão*, PPGAS/UFSC ----- e SERZEDELO, Gilka.

1995. “Ruas, falas e imaginário”. In : *Estudos feministas*. v 2, nº 2. Rio de Janeiro.

SAMAIN, Etienne.

1996. “Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia”. *Revista Horizontes Antropológicos*. Antropologia Visual. nº 2. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.

1998. “No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. v 6, nº 1. Rio de Janeiro, UERJ.

- SANTANA, Marco Aurélio.
2000. “Memória, cidade e cidadania” In: *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 letras.
- SANTOS, Myriam.
1993. “O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado” In: *Revista brasileira de Ciências Sociais/RCBS*, ano 8, n.23
- SANTOS, M.C.
1995. “Quem pode falar e como?. Uma conversa não inocente com Donna Haraway”. In: *Cadernos Pagu: situando diferenças*. Campinas: PAGU/Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP.
- SILVA, Hélio R. S.
1993. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Iser.
- 1996a. *Certas Cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- 1996b. “A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações”. In: *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- SIMMEL, Georg.
1979. “A metrópole e a vida mental” . In : VELHO, Otavio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SKIDMORE, T.E.
1988. *Brasil de Castelo a Tancredo: 1964-1985*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SCHERER, Joana.
1996. “Documento Fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. n° 3. UERJ.
- SONTAG, Susan.
1987. “Notas sobre Campo”. In: *Contra a Interpretação*. Porto Alegre: L&PM.
- TELES DOS SANTOS, Jocélio.
1997. “Incorrigíveis, afeminados, desenfreitados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX”. In: *Revista de Antropologia*. v. 40, n° 2
- THOMPSON, Paul.
1992. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- TRAVASSOS, Sonia Duarte.
1997. “Fotografia e construção etnográfica”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Ano 2, n° 3. Rio de Janeiro: UERJ.

- TREVISAN, João Silvério.
2000. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara.
2000. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo: Annablume.
- VALE DE ALMEIDA, M.
1996. “Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal” In: *Anuário Antropológico n.95*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- VAINFAS, R.
1989. *Trópicos dos Pecados. Moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus.
- VELHO, Gilberto.
1999. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.
1998. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.
1999. *A Utopia Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar.
1999. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- VENCATO, Anna Paula.
2002. *Fervendo com as drags: corporalidade e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC.

Periódicos

- CELSO, Curi. Coluna do Meio. *Ultima Hora* (São Paulo). Fev .1976 a dez de 1977.

Referências Fílmicas

- AINOUZ, Karin.
2002. **Madame Satã**. Brasil.
- ALMODÓVAR, Pedro.
1999. **Tudo sobre minha mãe**. Espanha.
1987. **A lei do meu desejo**. Espanha.
- CAMURATI, Carla.
2000. **Copacabana**. Brasil
- CHRISTOPHER, Mark.
1998. **Studio 54**. EUA.
- CRONEMBERG, David.
1993. **Madame Butterfly**. Inglaterra/China.
- DE PALMA, Brian.
1980. **Vestida para Matar**. USA.
- ELLIOTT, Stephan.
1994. **Priscilla, a Rainha do Deserto**. Austrália.
- ESTEVES, Marcelo e FARHI NETO, Leon.
2000. **Claire de Lune**. Florianópolis.
- JORDAN, Neil.
s.d . **Traídos pelo desejo**. Inglaterra.
- KIDRON, Beeban.
1995. **Para Wong Foo, obrigada por tudo! Julie Newmar**. EUA.
- LINS, Consuelo.
2001. **Juliu´s Bar**. Brasil (documentário).
- PEIXOTO, Clarice.
1993. **Em busca do pequeno paraíso**. Paris.
- PEIXE, Viviane Rodrigues e SILVA, Marco Aurélio.
1997. **Drag Story: Lendas e Babados**. Florianópolis (documentário).
- PEREIRA, Manuel Gomes.
1999. **Entre as pernas**. Espanha.
- WENDERS, Wim.
1993. **Tão longe, tão perto**. Alemanha/França.
- WILDER, Billy.
1959. **Quanto mais quente melhor**. EUA.